

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

RAQUEL JAQUELINE MARQUES

**A VIVÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NA INFÂNCIA A PARTIR DA  
INTELIGÊNCIA EMOCIONAL**

São Leopoldo

2024



RAQUEL JAQUELINE MARQUES

**A VIVÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NA INFÂNCIA A PARTIR  
DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de  
Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
e Sociedade  
Área de Concentração: Religião, Teologia  
e Sociedade  
Linha de Pesquisa: Fenômeno Religioso e  
Práxis Educativa

Pessoa Orientadora: Laude Erandi Brandenburg

São Leopoldo

2024



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M357v Marques, Raquel Jaqueline  
A vivência da espiritualidade cristã na infância a partir da inteligência emocional / Raquel Jaqueline Marques; orientadora Laude Erandi Brandenburg. – São Leopoldo: EST/PPG, 2024.  
106 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST.  
Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia.  
São Leopoldo, 2024.

1. Espiritualidade - Cristianismo. 2. Inteligência emocional. 3. Infância. I. Brandenburg, Laude Erandi, orientador. II. Título.

RAQUEL JAQUELINE MARQUES

**A VIVÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NA INFÂNCIA**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: Religião, Teologia e  
Sociedade

Data de Aprovação: 27 de setembro de 2024

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> LAUDE ERANDI BRANDENBURG (PRESIDENTE)  
Assinado digitalmente

PROF. DR. CHARLES KLEMZ (EST)  
Assinado digitalmente

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> VANESSA RAQUEL MEIRA (UNASP)  
Docente visitante



*Dedico esta pesquisa para todas aquelas  
pessoas que nunca deixaram de sonhar.*



## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente a Deus por ter sido minha orientação e o meu refúgio nas minhas dificuldades, às minhas amigas que me motivaram, aos meus amigos que compartilharam histórias e experiências, aos professores por me inspirarem na pesquisa, e à minha família por sempre lembrar de perguntar como eu estava, mesmo no meio de livros e das loucuras da vida.

E agradeço a você por ler esta pesquisa e viver esta experiência comigo.

Muito obrigada!



*Educação não transforma o mundo,  
educação muda as pessoas. Pessoas  
transformam o mundo.*

Paulo Freire



## RESUMO

Esta pesquisa propõe uma análise que trata da temática da vivência da espiritualidade cristã na infância. Por meio de uma revisão de literatura, esta pesquisa enfocará as ideias de Inteligência Emocional com autores como Daniel Goleman, John Gottman, Joan DeClaire além de estar relacionado com a espiritualidade através da perspectiva de Leonardo Boff. O objetivo desta pesquisa consiste em investigar a importância da vivência da espiritualidade cristã na infância com o apoio do núcleo familiar. Além disso, o estudo busca demonstrar a relevância de aprender as ferramentas da inteligência emocional como auxílio para vivenciar a espiritualidade no cotidiano. Outrossim, a pesquisa aborda a temática das crises que acontecem ao longo do processo de desenvolvimento dos ciclos da vida do ser humano e sua relação com a espiritualidade. Por intermédio de ferramentas da inteligência emocional, com o apoio da família, a espiritualidade cristã é um processo de transformação da fé que acontece diariamente através das vivências cristãs.

**Palavras-chave:** Espiritualidade cristã. Infância. Inteligência Emocional.



## **ABSTRACT**

This research proposes an analysis of the theme of experiencing Christian spirituality in childhood. Through a literature review, this study will focus on the ideas of Emotional Intelligence, with authors such as Daniel Goleman, John Gottman, and Joan DeClaire, as well as its connection to spirituality through the perspective of Leonardo Boff. The objective of this research is to investigate the importance of experiencing Christian spirituality in childhood with the support of the family unit. Additionally, the study seeks to demonstrate the relevance of learning emotional intelligence tools as a means to help live out spirituality in everyday life. Furthermore, the research addresses the theme of crises that occur throughout the process of human development across the life cycles and their relationship with spirituality. Through the tools of emotional intelligence and with family support, Christian spirituality becomes a transformative process of faith that unfolds daily through Christian experiences.

**Keywords:** Christian spirituality. Childhood. Emotional Intelligence.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 AS INTERFACES DA ESPIRITUALIDADE.....</b>	<b>19</b>
<b>2.1 CONCEITUANDO A ESPIRITUALIDADE.....</b>	<b>20</b>
2.1.1 Meditação e a espiritualidade cristã .....	27
<b>2.2 ESPIRITUALIDADE E SENTIDO DE VIDA.....</b>	<b>44</b>
<b>3 CRISES DA VIDA: A JORNADA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E A INTEGRAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NA INFÂNCIA .</b>	<b>49</b>
<b>3.1. AS CRISES DA VIDA.....</b>	<b>49</b>
3.1.1 O partilhar da fé.....	55
3.1.1.1 <i>Integrando a Espiritualidade Cristã na Vida Diária.....</i>	<i>57</i>
<b>3.2 INFÂNCIA EM CRISE: DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO HUMANO SEGUNDO FRANKL, PIAGET E ERIKSON ...</b>	<b>60</b>
3.2.1 A Infância e Suas Fases de Desenvolvimento.....	61
3.2.1.1 <i>Crisis na Infância: Fases e Desafios conforme Erikson .....</i>	<i>62</i>
<b>3.3 A CRISE COGNITIVA E MORAL NA INFÂNCIA.....</b>	<b>64</b>
<b>4 OS DESAFIOS DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL .....</b>	<b>66</b>
<b>4.1 AS DIVERSAS INTELIGÊNCIAS: INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS.....</b>	<b>66</b>
4.1.1 As diversas inteligências: Inteligência Espiritual .....	67
4.1.1.1 <i>A conexão entre as diversas inteligências.....</i>	<i>69</i>
<b>4.2 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: CONCEITOS FUNDAMENTAIS E ESTRATÉGIAS PRÁTICAS DE APLICAÇÃO.....</b>	<b>71</b>
<b>4.3 ESPIRITUALIDADE NA INFÂNCIA E A VIVÊNCIA DA FÉ.....</b>	<b>76</b>
4.3.1 Estratégias para desenvolver a espiritualidade e a inteligência emocional na infância.....	77
<b>4.4 A IMPORTÂNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS.....</b>	<b>79</b>
<b>4.5 O DESENVOLVIMENTO DAS EMOÇÕES .....</b>	<b>88</b>
4.5.1 Crianças e o ambiente social .....	92
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>99</b>



# 1 INTRODUÇÃO

No momento de construção desta pesquisa, por consequências que foram geradas pela Pandemia da COVID-19, muitas pessoas foram impactadas de alguma forma em suas vidas. Além da dor e do sofrimento, também houve a perda de muitos entes, e a dúvida de quais seriam os próximos passos ou do que fazer em momentos de incerteza. Nesse sentido, através de muitas observações e considerações, me inspiraram a me tornar pesquisadora, para buscar compreender as dúvidas que surgem em nossas vidas, em compreender a importância da fé no meio das crises, e no que nós fazemos com elas, e, ainda, em como podemos lidar com essas diferentes etapas nas mudanças de faixas etárias que acontecem com os seres humanos.

Diante desse cenário de um contexto pós-pandêmico, muitas perguntas me levaram como pesquisadora a investigar e questionar uma busca de sentido na vida, em como haver equilíbrio entre as demandas diárias e como conseguir dar mais significado às pequenas atitudes, palavras e ações cotidianas.

A partir desse viés, esta pesquisa procura investigar a espiritualidade cristã na perspectiva de mecanismos e estruturas de suporte, através do apoio familiar para que crianças possam integrar sua espiritualidade cristã ao seu cotidiano, que acontece principalmente através da educação, cujo qual também é desenvolvida por intermédio das vivências e do desenvolvimento das emoções.

Sendo assim, a temática desta pesquisa está relacionada diretamente à espiritualidade cristã. Inicialmente, vamos apontar alguns conceitos sobre o tema, levando em consideração que a espiritualidade está interligada com a religiosidade, mas não apenas isso, ela está ligada a inúmeros fatores da sociedade. A pesquisa trata de uma abordagem bibliográfica, com foco nas temáticas da inteligência emocional, e espiritualidade. E, como pergunta central, buscamos investigar em que medida a inteligência emocional pode ser uma ferramenta para vivenciar a espiritualidade cristã?

O objeto de estudo nesta pesquisa são as crianças, entretanto, salientamos que cabe a nós, pessoas adultas, auxiliar nos processos de desenvolvimento de educação delas. Sendo assim, busca-se encontrar uma abordagem de como as pessoas adultas podem ser referência e apoio para as crianças.

Atualmente, muitas crianças costumam acordar cedo, passar o dia inteiro na escola, encontrando seus familiares apenas no final do dia, seja por causa da demanda escolar, ou então devido a atividades extracurriculares. As pessoas responsáveis costumam ter uma rotina agitada tanto quanto seus filhos e filhas. Acordam cedo, trabalham o dia inteiro, e, ao chegar em casa no final do dia estão exaustas, dificilmente têm tempo para algo prazeroso para si mesmo, e quem dirá para suas crianças.

Nesse sentido, esta pesquisa traz uma reflexão, através da busca de respostas, caminhos e oportunidades para obter esperança e alternativa para poder silenciar a própria mente, o coração e recomeçar. Caso a pessoa acredite em Deus, que possa se conectar com Ele, buscando valorizar a importância da vivência da espiritualidade cristã desde o período da infância.

No capítulo inicial, "As Interfaces da Espiritualidade", o foco recai sobre a conceituação da espiritualidade e suas diversas manifestações, começando pela relação entre meditação e espiritualidade cristã, destacando a importância da prática meditativa no contexto da fé. Explora-se também a espiritualidade como fonte de sentido de vida, elemento chave no desenvolvimento humano, e o despertar interior desde a infância, abordando como as experiências espirituais moldam a jornada de crescimento.

No capítulo seguinte, "Crises da vida: a jornada do desenvolvimento humano e a integração da espiritualidade cristã na infância", o estudo avança ao discutir as crises da vida, com destaque para o partilhar da fé e a integração da espiritualidade cristã na vida cotidiana, especialmente diante dos desafios e transformações do desenvolvimento humano, conforme as teorias de Viktor Frankl, Piaget e Erikson.

No capítulo final "Os Desafios da Inteligência Emocional", aborda-se a intersecção entre inteligência emocional e espiritualidade cristã, com ênfase na infância, onde a fé e as emoções desempenham um papel fundamental. Estratégias para o desenvolvimento simultâneo de ambas são analisadas, destacando assim, a contribuição da família na educação emocional e espiritual dos filhos e das filhas. O desenvolvimento das emoções e a influência do ambiente social sobre as crianças também são abordados, preparando o terreno para as considerações finais.

## 2 AS INTERFACES DA ESPIRITUALIDADE

A espiritualidade cristã na infância é um tema de relevância crescente no campo da educação e desenvolvimento humano. Explorar como a criança vivencia e expressa sua fé cristã oferece insights valiosos sobre a formação de valores, crenças e comportamentos que moldam sua identidade e interações sociais. Dessa forma, este estudo se propõe a investigar as diversas formas pelas quais a espiritualidade cristã se manifesta durante a infância, considerando tanto as influências familiares e educativas quanto o papel das experiências pessoais e comunitárias na construção da fé.

Compreender a espiritualidade cristã na infância envolve uma análise profunda dos conceitos de espiritualidade, religiosidade e educação religiosa, além de uma reflexão sobre como essas dimensões são integradas ao cotidiano infantil. A infância é uma fase crucial para o desenvolvimento emocional e espiritual, e a maneira como a espiritualidade é introduzida e cultivada pode ter impactos duradouros na sua vida.

A infância é uma fase crucial do desenvolvimento humano, marcada por rápidas mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais. Essa fase, que compreende o período desde o nascimento até a puberdade, é caracterizada por uma intensa aquisição de habilidades e conhecimentos, que são mediados pelo ambiente em que se está inserido. Uma das dimensões importantes desse desenvolvimento é a vivência da fé, que pode desempenhar um papel significativo na formação de valores, identidade e compreensão do mundo.

De acordo com Piaget<sup>1</sup>, a infância é um período de desenvolvimento cognitivo onde as crianças passam por várias fases, desde o estágio sensório-motor até o pré-operacional, caracterizado pela aquisição da linguagem e pelo pensamento simbólico. Vygotsky<sup>2</sup> também enfatiza a importância do contexto social e cultural no desenvolvimento infantil, sugerindo que as interações com pessoas adultas e outras crianças são fundamentais para a aprendizagem e desenvolvimento cognitivo.

---

<sup>1</sup> PIAGET, Jean. *The Child and Reality: Problems of Genetic Psychology*. California: Penguin Books, 1976.

<sup>2</sup> VYGOTSKY, Lev. S. *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*. Harvard University Press, 1978.

A fé, entendida como a confiança e a crença em algo maior que o indivíduo, muitas vezes está intimamente ligada às práticas e tradições religiosas da família. Na infância, a fé é geralmente vivenciada através da participação de rituais, histórias religiosas, orações e festividades, que são mediadas pelo pai, mãe e outras pessoas da família. Estes elementos contribuem para o desenvolvimento de uma identidade religiosa e espiritual desde cedo.

Através destas perspectivas iniciais, este capítulo aborda a espiritualidade, traçando um caminho a partir de alguns conceitos e apontamentos sobre a temática e apresentando alternativas de como ela pode ser vivenciada.

## 2.1 CONCEITUANDO A ESPIRITUALIDADE

Ao investigar os conceitos, nota-se que diferentes autores fazem distinção entre religiosidade e espiritualidade, por isso traremos citações diversas para a melhor compreensão entre os termos. Marina e Peres, consideram que:

A religiosidade pode ser definida como a maneira de um indivíduo acreditar, seguir e praticar, privada ou publicamente, uma religião, sendo religião o sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos relacionados a uma divindade ou poder superior (em tradições ocidentais) ou a realidade/verdade última (mais comum em tradições orientais).<sup>3</sup>

Para Harold Koeing, a definição de espiritualidade destaca-se como:

a noção de que espiritualidade é uma busca pessoal para entender questões relacionadas ao fim da vida, a seu sentido e sua conexão (apenas) com o que se relaciona com o sagrado, com o divino, com o transcendente, podendo levar ao desenvolvimento de práticas religiosas ou à formação de comunidades religiosas, mas não necessariamente.<sup>4</sup>

Para Pargament, espiritualidade pode ser entendida como uma busca pelo sagrado, um processo pelo qual as pessoas procuram descobrir, manter e, quando necessário, transformar o que consideram sagrado em suas vidas.<sup>5</sup> Já Puchalski

---

<sup>3</sup> MARINA, Sena; PERES, Mario. *Tratado de espiritualidade e saúde: teoria e prática do cuidado em espiritualidade na área da saúde*. Rio de Janeiro, RJ: Atheneu, 2021, p.07.

<sup>4</sup> KOENIG, H. G.; MCCULLOUGH, M. E.; LARSON, D. B. *Handbook of Religion and Health*. Oxford University Press, 2001. Apud MARINA, Sena; PERES, Mario. *Tratado de espiritualidade e saúde: teoria e prática do cuidado em espiritualidade na área da saúde*. Rio de Janeiro, RJ: Atheneu, 2021, p. 07.

<sup>5</sup> MARINA; PERES, 2021, p.06.

considera a espiritualidade um aspecto dinâmico e intrínseco da humanidade por meio do qual as pessoas <sup>6</sup> buscam um sentido,

significado, propósito, transcendência e experiência de relacionamento com o eu, a família, terceiros, a comunidade, a sociedade, a natureza e o significativo ou sagrado. A espiritualidade é expressa por meio de crenças, valores, tradições e práticas. Percebe-se que essa definição é ampla, podendo englobar diferentes contextos culturais, porém se mostra de difícil mensuração.<sup>7</sup>

Nesse sentido, a distinção entre religiosidade e espiritualidade tem sido um tema de considerável debate acadêmico e teológico. Embora frequentemente usadas de forma intercambiável, essas duas dimensões possuem características distintas que, quando compreendidas, podem proporcionar uma visão mais aprofundada do comportamento humano e das experiências transcendentais.

A religiosidade é geralmente entendida como a adesão a crenças, práticas e rituais específicos de uma tradição religiosa organizada. Essa adesão inclui participação em serviços religiosos, observância de doutrinas e preceitos, e identificação com uma comunidade de fé. Como confirmam Hill e Pargament<sup>8</sup> ao definirem religiosidade como o envolvimento com um conjunto de crenças e práticas relacionadas ao sagrado, que são compartilhadas e validadas por uma comunidade religiosa. Dessa forma, a religiosidade está fortemente ligada a aspectos institucionais e comunitários, e pode ser medida por indicadores como frequência de participação em cultos, oração e leitura de textos sagrados.

E a Espiritualidade? Etimologicamente falando, como defini-la? Em essência, a espiritualidade tem relação com a etimologia da religião, que significa religar, reconectar. Do mesmo modo é interessante observarmos a raiz etimológica da palavra espírito. Ela vem do latim “spiritus” significando “respiração” ou “sopro”, mas também “coragem” e “vigor”. Assim, a espiritualidade pode ser entendida como a qualidade ou estado de coragem e vigor. Segundo a Bíblia, no Novo Testamento, há um vocábulo grego que remete ao conceito de espírito. Esta palavra é “pneuma” e traz a ideia de algo que reconecta a Deus após a morte física. Nesse contexto, a espiritualidade pode ser vista como o processo de voltar-se a Deus ou reconectar-se a um Poder Superior, bastante semelhante à origem da palavra religião.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> Esta pesquisa está seguindo regras de linguagem inclusiva, conforme orientação da Faculdades EST.

<sup>7</sup> MARINA; PERES, 2021, p.06.

<sup>8</sup> HILL, Peter C.; PARGAMENT, Kenneth I. *Advances in the conceptualization and measurement of religion and spirituality: Implications for physical and mental health research*. American Psychologist, v. 58, n. 1, p. 64-74, 2003.

<sup>9</sup> JUNGER et al. *Logoterapia e espiritualidade: recursos noéticos para o discernimento vocacional e intervenção em adolescentes e jovens*. Curitiba, p.08, 2021.

Por outro lado, espiritualidade é frequentemente descrita como uma busca pessoal por significado, propósito e conexão com o transcendente, que pode ou não estar associada a uma religião formal. Zinnbauer<sup>10</sup> descreve a espiritualidade como uma experiência individual de busca e expressão de significado e propósito, frequentemente envolvendo uma conexão com algo maior do que o eu. A espiritualidade é, portanto, mais subjetiva e pode se manifestar de diversas maneiras, independentemente de uma tradição religiosa formal.

A relação entre religiosidade e espiritualidade pode ser complementar ou independente, conforme o contexto e as crenças pessoais. Para muitas pessoas, a religiosidade fornece uma estrutura e um conjunto de práticas que ajudam a cultivar a espiritualidade. Nesse sentido, a religiosidade pode ser vista como um caminho para a expressão espiritual, onde os rituais, orações e a comunidade oferecem suporte na busca por significado e transcendência.<sup>11</sup>

No entanto, é importante reconhecer que a espiritualidade pode existir fora do contexto religioso institucional. Muitos indivíduos identificam-se como espirituais, mas não religiosas, encontrando significado em práticas como meditação, *Mindfulness*<sup>12</sup>, e uma conexão com a natureza ou a arte. Essas pessoas podem sentir uma profunda ligação com o transcendente e buscar um propósito na vida sem aderir a uma religião específica.<sup>13</sup>

O que é então espiritualidade? A espiritualidade pode ser compreendida como uma "propensão humana constante, em buscar significado para a vida por meio de conceitos que transcendem o tangível, à procura de um sentido de conexão com o Todo ou Algo Maior que si próprio"; constituindo-se na prática como equilíbrio, amor, paz, compaixão, reconexão, essência,

---

<sup>10</sup> ZINNBAUER, Brian. J. et al. Religion and spirituality: Unfuzzifying the fuzzy. *Journal for the Scientific Study of Religion*, v.36, n. 4, p. 549-564, 1997.

<sup>11</sup> PARGAMENT, Kenneth. I. *The Psychology of Religion and Coping: Theory, Research, Practice*. Guilford Press, p. 27, 1999.

<sup>12</sup> *Mindfulness*, ou atenção plena em português, é uma prática que envolve prestar atenção de forma intencional e não-julgadora ao momento presente. É uma forma de estar consciente e presente em cada experiência vivida, seja ela uma atividade cotidiana ou uma meditação formal. O objetivo é cultivar um estado de consciência ampliada, permitindo observar os pensamentos, emoções e sensações físicas que surgem, sem se identificar ou ser arrastado por eles. O artigo "A relação entre Mindfulness e a Espiritualidade Cristã", da mesma autora desta dissertação, disponível em: <https://revista.fbmj.edu.br/index.php/davar/article/view/135>, traz mais sobre a prática.

<sup>13</sup> FETZER INSTITUTE/NIA.. *Multidimensional Measurement of Religiousness/Spirituality for Use in Health Research: A Report of the Fetzer Institute/National Institute on Aging Working Group*. Fetzer Institute, p. 10, 1999.

felicidade e harmonia entre os seres humanos e o Universo. O que significa que a espiritualidade pode ou não estar ligada a uma vivência religiosa.<sup>14</sup>

A distinção e a interseção entre religiosidade e espiritualidade têm sido objeto de estudo e reflexão em diversas áreas do conhecimento, especialmente nas ciências sociais e humanas. Embora frequentemente utilizados de forma intercambiável no discurso cotidiano, esses termos carregam nuances e implicações distintas que são importantes para a compreensão da experiência humana em seu aspecto transcendente.

Segundo Leonardo Boff, a religiosidade refere-se a um conjunto de crenças, práticas e rituais institucionalizados, que são partilhados por uma comunidade de fé. Ela está geralmente vinculada a uma tradição religiosa específica, como o cristianismo, o islamismo ou o hinduísmo, e envolve a adesão a um corpo doutrinário e a participação em cultos e cerimônias. Em outras palavras, a religiosidade tende a ser expressa através de práticas externas e organizadas, que conectam o indivíduo a uma comunidade e a uma tradição histórica.<sup>15</sup>

Por outro lado, a espiritualidade é um conceito mais amplo e muitas vezes mais subjetivo. Boff sugere que a espiritualidade diz respeito à busca pessoal por sentido e propósito na vida, que pode ou não estar ligada a uma religião específica. Ela envolve a vivência interna do sagrado e a experiência de conexão com algo maior do que o eu, seja este algo identificado como Deus, o universo, ou a própria essência da vida. A espiritualidade é, portanto, um fenômeno que pode ser vivido dentro ou fora das estruturas religiosas formais, e é mais caracterizada por uma experiência interior e pessoal do transcendente<sup>16</sup>.

As semelhanças entre religiosidade e espiritualidade estão principalmente na dimensão do transcendente e na busca por sentido. Ambos os conceitos estão enraizados na tentativa de conectar-se com algo que transcende a existência humana ordinária. Tanto a religiosidade quanto a espiritualidade podem oferecer suporte em momentos de crise, fornecer um senso de pertencimento e comunidade, e guiar

---

<sup>14</sup> JUNGER, 2021, p. 09.

<sup>15</sup> BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 25.

<sup>16</sup> BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 32.

comportamentos éticos e morais. No entanto, enquanto a religiosidade oferece uma estrutura e um conjunto de práticas coletivas para essa busca, a espiritualidade permite uma abordagem mais personalizada e flexível, adaptável às necessidades e perspectivas individuais.<sup>17</sup>

Contudo, as diferenças entre esses conceitos são igualmente significativas. A religiosidade, com sua ênfase na observância de rituais, dogmas e na pertença a uma comunidade religiosa, pode ser vista como mais institucionalizada e externa. Em contrapartida, a espiritualidade é frequentemente descrita como uma jornada interior, que pode transcender as fronteiras religiosas e oferecer uma conexão mais direta e pessoal com o sagrado. Dessa forma, enquanto a religiosidade pode ser vista como a manifestação visível da fé em um contexto coletivo, a espiritualidade representa a experiência subjetiva do divino, que não necessariamente se enquadra nas tradições religiosas estabelecidas.<sup>18</sup>

Através disso, baseada nos estudos de Leonardo Boff, abordamos que, apesar de suas interseções, religiosidade e espiritualidade não são conceitos sinônimos. Eles representam dimensões complementares da experiência humana, cada uma com suas características próprias, que juntas contribuem para a compreensão mais ampla do fenômeno da transcendência e do sentido de vida.

Se analisarmos, através de uma perspectiva cristã, espiritualidade significa, em última análise, a vida a partir do espírito, ou seja, a vida a partir das fontes do Espírito Santo. Conforme o dicionário teológico<sup>19</sup>, espiritualidade define-se a partir de três conceitos: o primeiro concentra-se ao retorno às fontes bíblicas e humano-psicológicas, à vida espiritual ou vida no Espírito implicada e participante da respiração de amor recíproco do Pai e do Filho, a mesma vida das pessoas divinas que nos foi dada pelo Espírito Santo. O segundo conceito está relacionado à vocação universal de toda pessoa à perfeição do Evangelho ou à perfeição da caridade para com Deus e os irmãos e as irmãs. E o terceiro conceito refere-se à unidade das

---

<sup>17</sup> BOFF, Leonardo. O despertar da água: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 2002, p.29.

<sup>18</sup> BOFF, 2001, p.38.

<sup>19</sup> DICIONÁRIO teológico enciclopédico Luxicon. Tradução de João Paixão Neto e Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 1993. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=swvCVm-0OWcC&lpg=PA1&ots=ETNz683v5-&dq=DICION%C3%81RIO%20TEOL%C3%93GICO&lr&hl=pt-BR&pg=PR3#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 30 jun. 2024.

peças cristãs e a unidade das religiões mundiais. Em outro dicionário teológico<sup>20</sup>, encontramos espiritualidade como:

A definição mais simples seria: O caráter ou qualidade de curvar-se ao espiritual, ao contrário do mundano e sensual. No contexto do NT o Espírito Santo está sempre assumido ser considerado uma pessoa espiritual. Paul afirma ser espiritual deve ser totalmente controlado pelo Espírito (Romanos 8.1-17).

A espiritualidade cristã orienta-se pelo Espírito de Jesus Cristo. O desenvolvimento de uma vida espiritual refere-se sempre às palavras e ações de Jesus, à sua doutrina e seu agir salvador e libertador.<sup>21</sup>

O ser humano está numa constante busca de si, tentando encontrar-se, tentando definir um sentido na vida. Dessa forma,

é sempre uma tarefa. Algo que deve ser feito e conduzido. Não se vive simplesmente porque não se morre. Anda-se pela vida. Viver é andar. Andar supõe um caminho. Qual é o caminho da vida? É a própria vida. Vivendo se vai construindo o bom ou o mau caminho; vale dizer, o modo como se vive constitui o caminho da vida ou a vida como caminho. Qual é o modo de se viver (caminho) que mora mais a vida como vida?<sup>22</sup>

A espiritualidade é uma abertura em direção ao coração. É por intermédio dela que nós voltamos à direção na qual podemos experimentar<sup>23</sup> o Espírito de Deus. Isso foi por muito tempo uma espiritualidade da alma e da interioridade da pessoa. A fé cristã é uma relação de confiança no próprio Deus que sempre está com a mão estendida para nos socorrer e para caminhar ao nosso lado.<sup>24</sup> Poeticamente assim se expressou o místico evangélico Gerhard Tersteegen: Feche as portas dos sentidos e procure Deus em seu interior.<sup>25</sup> Quando isso acontece já não se precisa mais voltar para dentro de si mesmo ou a si mesma, mas, ao contrário, pode-se sair de si e experimentar o mundo externo com todos os sentidos. E esse é o grande desafio, sair da nossa zona de conforto e conhecer esse mundo plural.

<sup>20</sup> TAYLOR, Richard S. (Ed.). *Dicionário Teológico Beacon*. Editores associados: J. Kenneth Grider e Willard H. Taylor. [S.l.]: Yaushá, [2022]. Disponível em: <https://yausha.com.br/wp-content/uploads/2022/11/Dicionario-Teologico-Beacon.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2024.

<sup>21</sup> GRÜN, Anselm. *As fontes da espiritualidade*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p.07.

<sup>22</sup> BOFF, Leonardo. *Vida Segundo o espírito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983, p.36.

<sup>23</sup> BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus*. Petrópolis: Vozes, 1993.

<sup>24</sup> WACHS, Manfredo Carlos. *A fé da criança*. Educação e espiritualidade na infância. São Leopoldo, Sinodal. 2019, p.41.

<sup>25</sup> MOLTMANN, Jürgen; BOFF, Leonardo. *Há esperança para a criação ameaçada?*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 45.

A vida humana está destinada à procura da plenitude, estamos em constante busca.

A espiritualidade é ampla e pessoal, está voltada para um conjunto de valores íntimos, como completude interior, harmonia, relações interpessoais, estímulos aos interesses mútuos que dão sentido à vida. A experiência dos valores unida à consciência, o órgão de sentido por excelência, faz a pessoa direcionar-se ao sentido da vida.<sup>26</sup>

Em muitas passagens bíblicas ainda podemos encontrar “Deus quer que tenhamos uma vida plena e abundante”<sup>27</sup>. Mas afinal, como viver isso? Esse desejo faz parte dos direitos universais da pessoa humana, e por isso não é somente um direito particular, mas um direito de toda pessoa, faz parte da essência. Poderíamos também falar de uma vida realizada e cheia de sentido, e com isso pensamos que o potencial da vida humana deve se realizar de uma forma que ela possa ser, de fato desfrutada, em todos os sentidos, no âmbito pessoal, profissional, ou inclusive financeiro.

Quando levamos a sério esse “anseio por felicidade” e não queremos somente nosso prazer particular, nós nos deparamos com a infelicidade massiva e começamos a sofrer e a gritar com os infelizes. A compaixão é o condoer-se e o apaixonar-se solidariamente com a vida que surge a partir da infelicidade reinante no mundo. Ela é a outra face do “anseio por felicidade”.<sup>28</sup>

Como seres humanos, nós conservamos em nosso íntimo a intuição de que existe um lugar onde todas as perguntas encontram uma resposta, e há cada vez mais pessoas que partem à procura desse lugar.<sup>29</sup> Não temos as respostas para essas perguntas, mas ressaltamos que certamente, em alguma fase da vida, o ser humano irá questionar: “Para onde vamos depois que morrermos?”; “Existe uma vida após a morte?”; “O que acontece com a nossa alma?”; “Temos alma?”.

Quando pensamos na temática da espiritualidade, alguém que é referência na área da Teologia e que escreveu sobre esse assunto é o autor Leonardo Boff. Ele conta em suas obras as suas vivências mais marcantes, como quando viveu algum tempo em um convento, fez inserção nas comunidades de base, nas periferias das

---

<sup>26</sup> JUNGER et al, 2021, p. 04.

<sup>27</sup> Referência à passagem Bíblica, conforme João 10.10. “O ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.” BÍBLIA de Estudos Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013

<sup>28</sup> MOLTMANN; BOFF, 2014, p.75.

<sup>29</sup> JÄGER, Willigs. *A onda é o mar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.19.

idades, nos campos, e ali onde as pessoas lutam e bebem das fontes da água viva. Em inúmeras obras, ele aborda a temática do sentido da vida, na perspectiva ética, no cuidado da criação e do meio ambiente.<sup>30</sup>

### 2.1.1 Meditação e a espiritualidade cristã

No ponto a seguir será abordado sobre o contexto da espiritualidade cristã, como ela acontece diariamente, e como a meditação é um recurso para vivenciar a espiritualidade cristã.

A espiritualidade e a meditação têm sido temas de grande interesse e estudo ao longo dos séculos, especialmente em suas interações e influências mútuas com diferentes tradições religiosas. No contexto da espiritualidade cristã, essas práticas assumem significados e aplicações únicos que refletem a riqueza e a profundidade da fé em Cristo. Este subcapítulo explora a conexão entre espiritualidade, meditação e a espiritualidade cristã, destacando como essas práticas podem complementar e enriquecer a experiência religiosa dos crentes.

A espiritualidade cristã, enraizada nos ensinamentos de Jesus Cristo e nas tradições da sua igreja, busca uma relação íntima e pessoal com Deus. Historicamente, a meditação cristã, conhecida como meditação contemplativa, desempenha um papel fundamental nesse processo, servindo como um meio de aprofundamento espiritual e reflexão sobre as Escrituras. Além disso, a meditação e a oração contemplativa têm sido práticas centrais de várias ordens monásticas e movimentos dentro da Igreja que utilizam essas práticas para cultivar um estado de paz interior e conexão divina.

A espiritualidade cristã não se limita apenas às práticas religiosas tradicionais, mas também se abre ao diálogo com outras formas de espiritualidade e meditação de diferentes culturas e tradições. Essa interação pode proporcionar novas perspectivas e métodos que enriquecem a prática cristã, ao mesmo tempo que preservam os elementos essenciais da fé. Por exemplo, a prática da meditação pode ser vista como

---

<sup>30</sup> ZWETSCH, Roberto E. *Espiritualidade e antropologia: um diálogo com Leonardo Boff*. *Estudos Teológicos*, v. 38, n.2, 1998/2, p. 141-155, 1998. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/755/691](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/755/691). Acesso em: 1 jun. 2024.

um complemento à oração cristã, oferecendo um momento de silêncio e contemplação que facilita uma conexão mais profunda com Deus.

Esta parte da pesquisa, visa, portanto, analisar a interseção entre espiritualidade e meditação dentro da tradição cristã, explorando como essas práticas podem ser integradas de maneira harmoniosa e frutífera.

O desenvolvimento da espiritualidade na infância tem ganhado crescente atenção nas últimas décadas, à medida que se reconhece o impacto dessa dimensão no desenvolvimento integral da criança. Embora tradicionalmente mais associada ao campo religioso, a espiritualidade infantil é um conceito mais amplo, que engloba a busca de sentido, a conexão com o transcendente, e a internalização de valores que guiam comportamentos e atitudes. A educação e o amadurecimento da espiritualidade na infância podem ser promovidos através de diferentes estratégias, como a meditação, a participação em atividades religiosas e a integração de práticas socioemocionais no contexto escolar.

Certamente, frases como “ninguém me quer”, “ninguém se importa comigo” já ocasionaram momentos de solidão e tristeza na vida das pessoas. Monges utilizavam uma técnica que se chama *ruminatio* - uma das versões foi desenvolvida por Evágrio Pôntico, um grande escritor do século IV, ele chama de método de Jesus. Pôntico sugere que, por exemplo, ao sentir medo, a pessoa pode dizer o versículo do Salmo 118: “O Senhor está a meu favor: nada temo. Que mal poderá alguém me fazer”. Por meio da escritura, nós podemos buscar consolo e reestabelecer a confiança, que já está no interior da alma.<sup>31</sup>

Um caminho importante para a vida espiritual se expressar são os rituais<sup>32</sup>. Podemos destacar principalmente os ritos<sup>33</sup> pessoais. A realidade da vida cristã tem sido historicamente representada pela prática de organizar diariamente as atividades. Ao longo do tempo, foram estabelecidos rituais que visam conscientizar-nos sobre a presença divina. A inserção da bênção de Deus no início do dia confere-lhe uma natureza distinta. Os rituais desempenham um papel significativo na evocação da consciência de que Deus é a essência fundamental de nossa existência.<sup>34</sup>

---

<sup>31</sup> GRÜN, 2008, p. 20.

<sup>32</sup> MELTON, J. Gordon. *O Futuro da Religião: O Novo Paradigma da Espiritualidade*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

<sup>33</sup> PIMENTEL, Jéferson P. R. *Desenvolvimento da fé e da educação cristã na infância para a formação cidadã da criança*. São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia; PPGT, 2014. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/525>. Acesso em: 5 jun. 2024.

<sup>34</sup> GRÜN, 2008, p. 40.

Caso a pessoa tenha experimentado alguma vez na vida o ato de iniciar o dia com uma prática meditativa, o uso de uma palavra inspiradora ou a realização de uma reflexão, ou mesmo tenha realizado uma simples prece antes de dormir, é certo que ela tem conhecimento do impacto positivo que essa atividade exerce em sua rotina diária. Mesmo que sejam dedicados apenas cinco minutos a essas práticas simbólicas, elas têm a capacidade de interferir no estado emocional, acalmando o coração e oferecendo suporte para superar as adversidades pessoais.<sup>35</sup>

As pessoas cristãs são repletas de simbologias,

Os rituais são sempre algo sólido, palpável. Tomo uma vela na mão e acendo. Faço um gesto de oração. Eu me posiciono para a oração da manhã ou me ajoelho. Os rituais são um autoconvencimento de que minha vida está sob a benção e a promessa de Deus de que minha vida terá êxito.<sup>36</sup>

Ao fazer, por exemplo, uma oração de manhã ou ao meditar sentando em um banco qualquer, a pessoa está em um espaço privado e particular, já que ninguém tem acesso ao individual do ser humano, assim cada um pode silenciar e olhar para si, confiante em Deus e estruturar a sua relação com Ele. Precisamos diariamente de alguns instantes que pertencem a Deus e a nós. É o momento no qual entramos em contato conosco. E essa é a condição de que somos nós que vivemos, em vez de sermos vividos.<sup>37</sup>

Vejamos agora outro aspecto interessante, a inserção da vida religiosa dentro da igreja local propiciou o encontro com a sociedade. Efetivamente, a igreja deve ser considerada, num nível analítico, como um subsistema do sistema maior da sociedade.<sup>38</sup> Na igreja, reflete-se sobre as contradições que ocorrem na sociedade, já que as pessoas cristãs estão presentes em todos os setores e classes sociais. Diante disto, assim como os hábitos e costumes das pessoas foram mudando, bem como os encontros e a rotina, o jeito de se socializar também teve alterações no mundo religioso. Conforme relato<sup>39</sup> de pessoas idosas, podemos afirmar que antes era comum muitos irem à igreja no final de semana para se atualizarem, conversarem

---

<sup>35</sup> MENEZES, Carolina Baptista; DELL'AGLIO, Dalbosco. *Por que meditar? A experiência subjetiva da prática de meditação.* *Psicol. Estud.* V.14, n.3, Set. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/6QBFP9YLtTmtMgMhYfFjjNs/?lang=pt>. Acesso: 5 jun. 2024.

<sup>36</sup> GRÜN, 2008, p. 41.

<sup>37</sup> GRÜN, 2008, p. 41.

<sup>38</sup> BOFF, 2002, p. 92.

<sup>39</sup> SANTANA, Marcos Camilo. *O impacto do pluralismo religioso na igreja brasileira: Um estudo de caso.* São Paulo: Editora Pluralidades, 2022.

sobre a semana, trocarem informações, mas, atualmente, muitas pessoas nem se encontram mais para perguntar algo, simplesmente mandam uma mensagem no celular, e em poucos segundos, se tem uma resposta. À medida em que a sociedade foi se transformando e se moldando, os impactos nas relações sociais na igreja e o jeito de vivenciar a espiritualidade e a comunhão foram se transformando.

Entretanto, quando olhamos para o ministério de Jesus, apesar de todo o contexto em que ele viveu, podemos perceber que para ele, não importam as leis que precisamos observar rigorosamente, mas um novo caminho de comportamento. Esse novo comportamento, no entanto, surge através de uma nova experiência, da experiência de que somos filhos amados e filhas amadas incondicionalmente por Deus.<sup>40</sup>

A única maneira que Deus tem de nos emocionar, de nos mandar sinais e permitir verificarmos onde estamos é agindo sobre a nossa afetividade. Na vida espiritual não há nada pior do que a imobilidade, a indiferença. É verdade que podemos estagnar durante certo tempo, podemos regredir, mas o importante é estar em movimento, mesmo se este movimento é feito de lutas.<sup>41</sup>

Em algumas ocasiões, é possível que sejamos instigados e instigadas a refletirmos sobre a crescente diminuição de fiéis nas igrejas. É plausível afirmar que um dos dilemas centrais das religiões contemporâneas reside na insuficiente transmissão de seus valiosos acervos místicos e espirituais.<sup>42</sup> Deus se manifesta no cotidiano, e é somente lá que pode ser encontrado. Deus não quer ser adorado, colocado num altar dourado e esquecido lá. Ele quer ser vivenciado. Somente por esse motivo nos tornamos seres humanos: porque Deus quer se realizar como ser humano, em nós.<sup>43</sup>

Para o ser humano, Deus está na mesma relação como o ouro está para o anel. São duas realidades totalmente diferentes. O ouro precisa de uma forma para aparecer, e o anel precisa de um material para se tornar visível. O ouro manifesta-se como anel. É assim que Deus se revela como ser humano.<sup>44</sup>

Quando falamos em mudanças na sociedade e em mudanças de hábitos, ou o fato de que menos pessoas estão frequentando a igreja, percebe-se que isso tem ocorrido não apenas com as pessoas adultas, como também com crianças e

---

<sup>40</sup> GRÜN, 2008, p.50.

<sup>41</sup> UGEUX, 2008. p.58.

<sup>42</sup> JÄGER, 2009, p.21.

<sup>43</sup> JÄGER, 2009, p.40.

<sup>44</sup> JÄGER, 2009, p.80.

adolescentes. Os primeiros processos de desenvolvimento da fé na criança acontecem através da vivência de um rito e não de algo que se está falando e ensinando. As primeiras manifestações de fé de uma criança não são ações conscientes. São projeções do que ela vê e vivencia. Na perspectiva do desenvolvimento da fé, podemos dizer que a criança vai imitar os gestos religiosos da pessoa em quem confia com a qual sente segurança e vivencia acolhimento.<sup>45</sup>

Mais do que a quantidade de experiências religiosas, devemos fornecer momentos de qualidade espiritual para o fortalecimento da fé da criança, da pessoa jovem, e da adulta. Por outro lado, precisamos reconhecer que a experiência significativa é diferente para cada pessoa. Uma mesma atividade ou experiência pode ser significativa para uma pessoa e não para outra pessoa.<sup>46</sup>

Quando falamos em espiritualidade cristã, devemos ter em conta que é Deus quem vem até nós, é Ele quem se revela para nós seres humanos, e é, através da sua infinita graça e do seu amor, Ele entregou Jesus por nós, para que pudéssemos vivenciar e testemunhar este amor todos os dias, vivendo e propagando esta fé que fala de esperança, compaixão, perdão e misericórdia.

A espiritualidade cristã é uma prática orientada pelos ensinamentos de Jesus Cristo e envolve uma busca contínua por uma vida autêntica em conformidade com os princípios bíblicos. A espiritualidade cristã é o viver segundo o Espírito de Jesus, é a assimilação progressiva da vida de Jesus e de seu projeto, assumindo-o como critério de vida.<sup>47</sup> Ela se diferencia da espiritualidade geral, que é uma busca subjetiva e pessoal por significado e propósito na vida. Tanto a oração quanto a meditação desempenham papéis cruciais na espiritualidade cristã, oferecendo ferramentas práticas para aplicação no cotidiano.

Nesse contexto, a meditação é uma prática amplamente reconhecida que facilita essa conexão, promovendo introspecção e autoconhecimento. Moberg<sup>48</sup> sugere que a espiritualidade é um conceito multidimensional que inclui a busca por uma compreensão mais profunda da vida e do universo.

A espiritualidade cristã, especificamente, é fundamentada na fé em Jesus Cristo e na vivência dos valores e ensinamentos bíblicos. A oração é uma prática

---

<sup>45</sup> WACHS, 2019, p.21.

<sup>46</sup> WACHS, 2019, p. 38.

<sup>47</sup> BOFF, 2001. p. 13.

<sup>48</sup> MOBERG, p. 47, 2002.

central nesse tipo de espiritualidade, sendo descrita por Sheldrake<sup>49</sup> como "um meio pelo qual os cristãos se comunicam com Deus, expressando suas preocupações, agradecimentos e buscando orientação". A oração não só fortalece a fé, mas também serve como uma forma de meditação, proporcionando momentos de silêncio e reflexão profunda.

Além da oração, a meditação cristã é uma prática que tem ganhado destaque como uma forma de aprofundar a espiritualidade. Segundo McGrath<sup>50</sup>, a meditação cristã envolve a reflexão sobre as Escrituras e a contemplação dos mistérios da fé, permitindo uma conexão mais profunda com Deus e consigo mesmo. Essa prática ajuda a cultivar virtudes cristãs como a caridade, a humildade e a esperança.

A vivência da fé e da espiritualidade cristã por crianças pode ser uma experiência enriquecedora e formativa, contribuindo para o desenvolvimento moral, emocional e social. A espiritualidade na infância deve ser cultivada de maneira que seja compreensível e relevante para a idade das crianças, envolvendo práticas e atividades que elas possam internalizar e aplicar em seu cotidiano.

Rosi Meri Bukowitz Jankauskas<sup>51</sup> enfatiza a importância das habilidades socioemocionais como um ponto de partida para o desenvolvimento espiritual na educação infantil. Em seu artigo, a autora destaca:

a meditação como uma ferramenta poderosa para promover a espiritualidade desde cedo, argumentando que práticas meditativas podem ajudar as crianças a desenvolver autoconsciência, tranquilidade emocional e uma conexão com algo maior do que elas próprias<sup>52</sup>.

A meditação, nesse contexto, não está necessariamente vinculada a práticas religiosas, mas sim a um processo de introspecção e reflexão que ajuda a criança a compreender suas emoções e pensamentos. Essa prática, quando aplicada em contextos educacionais, pode criar um ambiente propício para que as crianças explorem sua dimensão espiritual de maneira gradual e natural.

---

<sup>49</sup> SHELDRAKE, 2007, p. 23.

<sup>50</sup> McGRATH, 1999, p. 38.

<sup>51</sup> JANKAUSKAS, Rosi Meri Bukowitz. Habilidades Socioemocionais na Educação Infantil: Um Convite à Espiritualidade. *Revista Científica FESA*, v. 3, n. 13, p. 132-139, 2024.

<sup>52</sup> JANKAUSKAS, 2024, p. 135.

Além da meditação, outras práticas podem ser incorporadas no desenvolvimento da espiritualidade infantil. Maria Isabel Carneiro<sup>53</sup> argumenta que a espiritualidade não é algo distante da realidade infantil, mas sim uma dimensão que as crianças vivenciam em sua forma de ver o mundo e nas suas relações interpessoais. Segundo a autora:

as crianças demonstram espiritualidade através da curiosidade sobre questões existenciais, como o sentido da vida, a morte e a felicidade, e essas preocupações devem ser abordadas de forma adequada ao desenvolvimento cognitivo e emocional infantil<sup>54</sup>.

Carneiro também sugere que as escolas podem contribuir para o amadurecimento espiritual das crianças ao criar espaços de diálogo onde esses temas possam ser explorados de forma aberta e sem julgamento, proporcionando assim uma educação que vai além da dimensão cognitiva e que abarca o desenvolvimento integral do indivíduo.

Marinézia Souto e Laude Erandi Brandenburg<sup>55</sup> oferecem uma perspectiva religiosa ao discutir a espiritualidade infantil no contexto da participação das crianças na Ceia da Igreja Batista. Embora o foco do estudo seja a participação em um ritual religioso específico, as autoras argumentam que esse tipo de envolvimento pode ser uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento espiritual das crianças.

A Ceia, como prática coletiva, não só proporciona um espaço de comunhão com a comunidade religiosa, mas também oferece à criança a chance de refletir sobre os valores e significados associados a esse ritual, como o sacrifício, o amor ao próximo e a gratidão.<sup>56</sup>

A participação ativa da criança em cerimônias religiosas pode ajudá-la a internalizar valores espirituais e éticos que têm implicações para o seu comportamento e desenvolvimento moral. Além disso, o ambiente de apoio encontrado em comunidades religiosas pode oferecer um contexto no qual as crianças se sintam seguras para explorar e expressar suas perguntas e inquietações espirituais.

---

<sup>53</sup> CARNEIRO, Maria Isabel. A espiritualidade em educação de infância: Como vivem as crianças a sua espiritualidade?. 2021. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/8365/1/27207.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

<sup>54</sup> Carneiro, 2021, p. 67

<sup>55</sup> SOUTO, Marinésia; BRANDENBURG, Laude Erandi. Espiritualidade Infantil: uma análise da ceia para criança na igreja batista. *TEAR ONLINE*, v. 12, n. 2, p. 161-174, 2023.

<sup>56</sup> SOUTO & BRANDENBURG, 2023, p. 165.

O amadurecimento da espiritualidade na infância também pode ser favorecido por práticas que integram a dimensão espiritual com o desenvolvimento socioemocional. Jankauskas destaca que atividades voltadas para a promoção de empatia, compaixão e autocontrole, além de contribuírem para o desenvolvimento emocional, podem também fomentar a espiritualidade ao ajudar as crianças a se conectarem com a outra pessoa e com o mundo de forma significativa<sup>57</sup>. Esses valores são essenciais para o desenvolvimento de uma espiritualidade baseada na conexão com o transcendente e no reconhecimento da importância das relações interpessoais. Em muitos contextos educacionais, essas habilidades são trabalhadas através de projetos que incentivam a reflexão ética, o diálogo sobre temas existenciais e a cooperação entre as crianças.

De forma geral, o desenvolvimento da espiritualidade na infância está intrinsecamente ligado a um ambiente que incentive o questionamento e a reflexão sobre a vida e o sentido da existência. Seja através de práticas meditativas, de rituais religiosos ou da educação socioemocional, o amadurecimento espiritual das crianças deve ser estimulado de forma aberta e sem imposições, permitindo que elas construam suas próprias concepções de espiritualidade ao longo do tempo. Carneiro<sup>58</sup> enfatiza que, a espiritualidade infantil não deve ser vista como algo completamente distinto da espiritualidade adulta, mas sim como um estágio inicial de um processo que continuará a se desenvolver ao longo da vida.<sup>59</sup>

A espiritualidade, em suas múltiplas formas, oferece às crianças uma maneira de lidar com questões fundamentais da existência, proporcionando-lhes ferramentas para enfrentar desafios emocionais e éticos ao longo de suas vidas. Jankauskas, e Souto e Brandenburg, mostram que tanto a meditação quanto a participação em atividades religiosas são formas eficazes de promover esse desenvolvimento. Carneiro, por sua vez, reforça a necessidade de uma educação que integre a espiritualidade de maneira holística, reconhecendo sua importância para o bem-estar emocional e moral da criança.

---

<sup>57</sup> JANKAUSKAS, 2024, p. 137.

<sup>58</sup> CARNEIRO, 2021, 75.

<sup>59</sup> CARNEIRO, 2021, p. 83.

Existem práticas de vivência da fé e espiritualidade cristã para crianças como por exemplo, a realização de orações diárias, haja vista que a introdução de orações simples e diárias pode ajudar as crianças a desenvolverem um hábito de comunicação com Deus. Esse momento pode ser estabelecido antes das refeições, ao acordar e antes de dormir. Rezende-Pinto<sup>60</sup> destaca a importância de rituais diários na formação espiritual infantil, afirmando que a repetição de orações curtas e significativas fortalece o vínculo da criança com a espiritualidade.

Outra ferramenta que pode ser utilizada com crianças é a contação de histórias Bíblicas: contar de forma lúdica e interativa ajuda as crianças a compreenderem os ensinamentos cristãos. Utilizar figuras, fantoches ou dramatizações pode tornar essas histórias mais atraentes. Segundo Paz<sup>61</sup>, a narrativa bíblica, quando adaptada ao contexto infantil, pode despertar o interesse das crianças pelos valores e princípios cristãos.

Por intermédio de atividades práticas, é possível envolver as crianças em exercícios que reflitam os ensinamentos cristãos, como ajudar nas tarefas domésticas, participar de ações comunitárias ou fazer cartões para pessoas doentes, ensinando assim a importância do serviço e da caridade. Oliveira<sup>62</sup> afirma que experiências práticas de ajuda ao próximo reforçam a compreensão dos valores cristãos entre as crianças. A participação da vida em comunidade, como a inclusão das crianças em atividades comunitárias, como missas, catequeses e grupos de jovens, é fundamental para a socialização e o desenvolvimento espiritual. Reis<sup>63</sup> relata que a participação em uma comunidade de fé proporciona um ambiente de apoio e aprendizado coletivo.

Como já foi destacado, evidencia-se a reflexão e a meditação adaptadas às crianças, como momentos de silêncio para pensar em coisas boas ou visualizar cenas bíblicas, ajudando, assim, a desenvolver a introspecção e a conexão espiritual. Silva<sup>64</sup> propõe que atividades de meditação, quando guiadas de forma adequada, podem auxiliar as crianças a se conectarem com sua espiritualidade.

---

<sup>60</sup> REZENDE-PINTO, S. *Rituais de Oração na Infância*. Porto Alegre: Editora Espiritual, p.52, 2011.

<sup>61</sup> PAZ, José Luiz. *Narrativas Bíblicas para Crianças: Um Estudo Didático*. Rio de Janeiro: Editora Infantil, p.34, 2012.

<sup>62</sup> OLIVEIRA, M. T. *Educação Moral e Religiosa: Práticas e Reflexões*. São Paulo: Editora Educacional, p. 67, 2013.

<sup>63</sup> REIS, Ana Maria. *Comunidade e Fé: A Participação Infantil em Atividades Religiosas*. Belo Horizonte: Editora Religiosa, p.89, 2010.

<sup>64</sup> SILVA, Tatiana Rocha. *Meditação e Espiritualidade Cristã na Infância*. Curitiba: Editora Reflexiva, p.75, 2015.

Além dessas maneiras supracitadas, existem ainda outras opções práticas de vivenciar a espiritualidade cristã, como por exemplo, a confecção de um Cantinho de Oração - um espaço dedicado à oração e reflexão, decorado com imagens sagradas, livros de orações e símbolos cristãos, onde as crianças podem ir para orar e meditar.

Outro aspecto na infância que é destaque para aprender sobre a espiritualidade é através da celebração de datas religiosas, como o Natal e a Páscoa, com explicações sobre o significado dessas datas e atividades correlacionadas. Outra ideia é a criação de um diário ou de um *Journaling Espiritual*, ou seja, incentivar as crianças a manter um diário espiritual onde possam desenhar, escrever orações e refletir sobre suas experiências e sentimentos. Atualmente também existem Bíblias com espaçamentos nas laterais para realizar comentários, ou praticar técnicas como *Bible Journaling*.

A prática do *Bible Journaling* oferece diversos benefícios espirituais e emocionais. Rezende<sup>65</sup> observa que o envolvimento com a arte e a Bíblia, simultaneamente, pode aprofundar a compreensão das Escrituras e fortalecer a conexão pessoal com Deus. Ademais, Fernandes<sup>66</sup> argumenta que essa forma de expressão pode servir como uma terapia, promovendo relaxamento e redução do estresse.

A palavra meditação traz consigo o pensamento do senso comum: uma pessoa sentada no chão com as pernas cruzadas, as mãos apoiadas nos joelhos, murmurando um mantra. Mas, certamente, meditação não se trata apenas de fechar os olhos e ficar imóvel.

Os monges falam de um gosto agradável e doce das palavras de Deus. Meditação significa: eu repito as palavras com o coração, para que elas penetrem sempre mais no coração e nele difundam o sabor doce de Deus. Eu não reflito sobre as palavras, mas deixo que as palavras penetrem em mim.<sup>67</sup>

Nessa perspectiva, abordaremos sobre meditação através da tradição do monacato que se trata da *lectio divina*. Ela tem quatro passos: *lectio, meditatio, oratio, contemplatio*. A *meditatio* significa ficar pensando em algo, deixar que as palavras

---

<sup>65</sup> REZENDE, João Pedro. *Espiritualidade Criativa: O Uso do Bible Journaling*. Porto Alegre: Editora Luz e Vida, p.28, 2017.

<sup>66</sup> FERNANDES, Luisa Maria. *Jornadas Visuais na Bíblia: Uma Abordagem Criativa para o Estudo Bíblico*. Rio de Janeiro: Editora Inspirar, p.65, 2019.

<sup>67</sup> GRÜN, 2008, p. 15.

caiam da cabeça para o coração, degustar as palavras com todos os sentidos.<sup>68</sup> Já a *oratio* é a oração afetiva, e devia ser sempre breve. Nela se expressava o pedido de que Deus mitigasse o desejo que se inflamava na *meditatio*.<sup>69</sup> E por fim, a contemplativo, que significa orar sem palavras, um degustar Deus sem pensamentos, sentimentos e ideias. Significa o próprio silêncio. Para os monges, a *contemplatio* é sempre um dom da graça divina.<sup>70</sup>

Os monges descreveram com diversas imagens a conexão dos quatro passos da *lectio* divina. A *lectio* procura a palavra de Deus, a *meditatio* a encontra, a *oratio* exprime o desejo da degustação da palavra de Deus e a *contemplatio* goza a delícia que Deus derrama no coração da pessoa através de suas palavras.<sup>71</sup>

Entretanto, quando falamos de meditação, indiferente de como ela será conduzida, há um fator em comum: o silêncio. O objetivo é alcançar um silêncio interior, que se manifesta como a tranquilidade do corpo, da afetividade e da mente. Para iniciar esse processo, é essencial desenvolver uma qualidade de presença interior no corpo. Isso pode ser facilitado pelos primeiros exercícios de percepção corporal, os quais foram incorporados à prática regular.<sup>72</sup> É fundamental identificar a forma de prática que melhor se adapta ao estilo de vida do indivíduo, alcançando um equilíbrio conforme a rotina e as demandas pessoais, podendo se dedicar cinco minutos diários ou apenas um momento uma vez por semana. O mais importante é dar o primeiro passo, buscando acalmar a mente, silenciar o corpo e permitir-se fluir através dos benefícios da meditação, como o autocontrole, a melhora da respiração e o aumento da calma.

Podemos constatar que há inúmeras cenas extraordinárias ao longo do cotidiano, desde o nascer do sol, o barulhinho das árvores com o vento ou o cheiro da chuva, e mesmo assim, muitas vezes, não reparamos nestes pequenos detalhes, nós não aprendemos a contemplá-los. Somente quando nos aquietarmos e reservarmos tempo para a contemplação<sup>73</sup> é que seremos capazes de perceber a beleza de uma árvore ou a essência de uma flor. Apenas quando ao contemplarmos e nos abrimos

---

<sup>68</sup> GRÜN, 2008, p. 15.

<sup>69</sup> GRÜN, 2008, p. 16.

<sup>70</sup> GRÜN, 2008, p. 17.

<sup>71</sup> GRÜN, 2008, p. 18.

<sup>72</sup> UGEUX, Bernard. *Reencontrar a fonte interior*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.56.

<sup>73</sup> TOLLE, Eckhart. *The Power of Now: A Guide to Spiritual Enlightenment*. New World Library, 1999.

à impressão provocada por aquilo que está diante de nós, é que podemos dizer que amamos as pessoas e as coisas em si mesmas. Estamos dispostos e dispostas a fazermos isso. Vamos parar de arranjar desculpas como "não tenho tempo" e começar a olhar os pequenos detalhes ao nosso redor.

Nós ouvimos com nossos ouvidos os sons do mundo externo, como ruídos, vozes e música, no entanto, é essencial aprendermos a escutar com sensibilidade, de forma que esqueçamos de nós mesmos e nós mesmas e nos concentremos no que o outro nos diz. Parar para ouvir uma música e prestar atenção nos seus detalhes é fundamental. Ao ouvir o barulho da chaleira, devemos aproveitar para pensar que é hora de fazer café ou preparar uma xícara de chá, em vez de realizar inúmeras outras tarefas nesse curto intervalo. É importante não executar atividades no piloto automático, mas ouvir os detalhes de forma profunda e atenta.<sup>74</sup>

Tanto o cristianismo quanto o judaísmo são religiões da escuta. O "Shema" se inicia com estas palavras: "ouve Israel". Maria "ouviu" a voz do anjo e guardou essa voz em seu coração. Não existe somente um ouvir com os ouvidos; há também um "ouvir com o coração". Trata-se de um ouvir profundo com a totalidade do corpo e assim algo perpassa inteiramente a pessoa.<sup>75</sup>

Ao pensarmos em meditação, diversas imagens costumam surgir em nossas mentes, e é provável que uma delas envolva a respiração. Todos respiramos naturalmente, mas a maneira como fazemos isso pode influenciar nosso estado de presença no ambiente. Por exemplo, após uma corrida, nossa respiração tende a ser ofegante devido ao esforço físico; quando estamos irritados ou irritadas, ela geralmente se acelera; porém, em momentos de calma, como antes de adormecer, nossa respiração tende a ser mais profunda. A partir da respiração, podemos tomar consciência do corpo, da afetividade, e experimentar um relaxamento profundo.<sup>76</sup> A forma como respiramos altera como estamos lidando com nós mesmos e nós mesmas e com o meio exterior.

Vamos buscar chegar a um silêncio interior que é um silêncio do corpo, da afetividade e da mente. Podemos começar por entrar em uma qualidade de presença interior ao nosso corpo graças aos primeiros exercícios de percepção do corpo que começamos a praticar regularmente.<sup>77</sup>

---

<sup>74</sup> WILLIAMS, Mark; PENMAN, Danny. *Mindfulness: Atenção Plena: O Guia Prático para a Redução do Estresse e a Transformação da Sua Vida*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2011.

<sup>75</sup> MOLTSMANN; BOFF. 2014, p. 46.

<sup>76</sup> UGEUX, 2008. p. 48.

<sup>77</sup> UGEUX, 2008. p. 56.

Respirar em profundidade e calmamente não é mais tão natural no Ocidente. Nosso estilo de vida e nossa educação nos fizeram desaprender a respirar em profundidade. Entretanto não podemos esquecer que a respiração faz parte da essência do ser humano e, por meio dela, podemos nos permitir ter consciência dos nossos pensamentos, palavras e ações.<sup>78</sup>

A vida na grande cidade exige um estilo de vida que é predominantemente apressado e fragmentado. A pressa ocidental moderna molda as formas de interação e percepção de maneira que o indivíduo se torna cada vez mais voltado para o imediato, ao mesmo tempo em que desenvolve uma atitude de indiferença para com o mundo ao seu redor.<sup>79</sup>

Byung-Chul Han, em suas obras, analisa profundamente o impacto da modernidade e do modelo neoliberal na subjetividade humana, apontando como esses fatores afetam a espiritualidade e a possibilidade de introspecção. Em *A Sociedade do Cansaço*, Han descreve o sujeito contemporâneo como um sujeito de desempenho, que se explora a si mesmo até o esgotamento<sup>80</sup>. Esse esgotamento, segundo o autor, não é apenas físico, mas existencial, pois resulta da ausência de pausas e da constante imposição de metas e produtividade, que deslocam o sentido da vida para o "fazer" em detrimento do "ser". Nesse contexto, as práticas espirituais, que exigem tempo, silêncio e entrega, são desvalorizadas ou relegadas a espaços marginais.

O autor também destaca como o cansaço profundo da sociedade contemporânea impede o florescimento de uma espiritualidade genuína, o excesso de positividade na sociedade de desempenho elimina os estados de contemplação e introspecção, substituindo-os por uma hiperatividade que desgasta o espírito<sup>81</sup>. Aqui, Han conecta o cansaço à perda da dimensão espiritual, pois a espiritualidade requer momentos de pausa e reflexão, que são incompatíveis com a aceleração constante da vida moderna. O descanso, que poderia ser um espaço de encontro com o

---

<sup>78</sup> UGEUX, 2008. p. 60.

<sup>79</sup> SIMMEL, Georg. *A Metrópole e a Vida Mental*. Trad. Roberto Schwarz. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 2006.

<sup>80</sup> HAN, Byung-Chul. *A Sociedade do Cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015. P.24.

<sup>81</sup> HAN, 2015, p. 29.

transcendental, é reduzido a uma mera função biológica para a recuperação do corpo visando novos ciclos de trabalho.

No livro *O Aroma do Tempo*, Han aprofunda essa crítica, apontando que a sociedade atual está imersa em uma “crise temporal”, na qual o tempo é fragmentado e instrumentalizado, perdendo sua qualidade de duração e profundidade. Ele escreve:

Hoje, o tempo é pulverizado em pontos que não formam uma linha contínua. Falta-lhe a estrutura narrativa que dá sentido à vida. Isso também inviabiliza a formação de experiências espirituais, que exigem um tempo dotado de profundidade e ritmo próprio.<sup>82</sup>

Essa pulverização do tempo impede a vivência de rituais e práticas religiosas, que historicamente são construídas a partir de narrativas e repetições cíclicas. A espiritualidade, conforme Han sugere, está intrinsecamente ligada à experiência de um tempo "cheio", ou seja, um tempo que é vivido com presença e significado. A aceleração constante da sociedade, por sua vez, esvazia esses momentos, tornando-os superficiais ou inexistentes.

Ainda em *O Aroma do Tempo*, Han reflete sobre como a modernidade capitalista transforma a espiritualidade em produto de consumo. Ele afirma que a meditação e outras práticas espirituais são hoje mercantilizadas e apresentadas como técnicas de produtividade pessoal<sup>83</sup>. Essa mercantilização desvincula as práticas espirituais de sua dimensão transcendental, transformando-as em ferramentas utilitárias para atender às demandas do mercado. Assim, a espiritualidade perde seu caráter comunitário e introspectivo, tornando-se apenas mais uma engrenagem na lógica do desempenho.

Apesar da existência de uma agenda diária intensa, na qual crianças dedicam grande parte do tempo envolvidas em múltiplas atividades e pessoas adultas enfrentam uma série de compromissos, seja no âmbito profissional ou acadêmico, a sensação de escassez temporal é recorrente. No entanto, ao término do dia, frequentemente nos permitimos uma interrupção, respiramos profundamente e refletimos: “finalmente posso usufruir de um momento de repouso”, evidenciado por

---

<sup>82</sup> HAN, Byung-Chul. *O Aroma do Tempo: Um Ensaio Filosófico Sobre a Arte da Demora*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2016, p.31.

<sup>83</sup> HAN, 2016, p.48.

um suspiro profundo de alívio. A respiração não se trata apenas de um movimento fisiológico, não é somente a passagem de ar pelos pulmões. Porque a respiração é expressão da vida, sempre possui um sentido espiritual. A respiração é a vida.<sup>84</sup>

Em filmes e séries ou até mesmo na vida real, qual é a primeira coisa que é verificada quando alguém aparenta estar morto? A respiração! Checamos o pulso, os sinais vitais da pessoa. Ou então, quando alguém recém faleceu, ouvimos frases como “ele deu seu último suspiro”. Afinal, podemos dizer que a vida é como um sopro, e se estamos sem ar, estamos sem vida.

Tudo o que há ao redor leva à dispersão da atenção da pessoa: barulhos, cheiros, movimentos, correrias. Tudo parece se conjugar para tornar a imobilidade e o silêncio difíceis. Entretanto, quando estamos em meio a natureza, é quando de fato podemos parar e ouvir o som dos pássaros, o som do vento tocando as árvores. Outra possibilidade é quando, com crianças, principalmente, deitamos no chão e olhamos as nuvens e seus formatos e nos perguntamos que desenho elas têm.<sup>85</sup>

A atenção é um recurso limitado, e as distrações que enfrentamos podem consumir uma parte significativa da nossa capacidade de processar informações. Quando somos expostos a estímulos constantes, como o barulho, nossa capacidade de manter o foco e realizar tarefas complexas pode ser substancialmente prejudicada.<sup>86</sup>

A falta de tempo é uma queixa comum entre as pessoas, o que frequentemente resulta na negligência de pequenos momentos de prazer e contemplação, como observar o nascer do sol através da janela, apreciar o aroma de um café ou desfrutar de um filme com conforto. A reflexão sobre quanto tempo os indivíduos dedicam a si mesmos revela a importância da conexão consigo próprio. Sentir e reconhecer emoções é fundamental para promover uma mudança gradual de hábitos no cotidiano, levando a transformações pessoais significativas<sup>87</sup>. Pessoas

---

<sup>84</sup> UGEUX, 2008. p. 63.

<sup>85</sup> KAHNEMAN, Daniel. *Rápido e Devagar*. Duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.

<sup>86</sup> KAHNEMAN, 2012, p. 74.

<sup>87</sup> Nota da autora: certa vez no contexto de Pastoral Escolar no qual estou inserida me deparei com uma situação que me surpreendeu muito. Um aluno que sempre tinha contato, várias vezes ficava bravo com os colegas por pequenas coisas e dificilmente se acalmava. Em várias situações, conversava com ele até se acalmar, também começou atendimento psicológico. Em determinado dia, encontrei ele sozinho parado observando o seu redor. Perguntei o que ele estava fazendo, e prontamente me disse: “eu estou brabo. Estou aqui para me acalmar. Quando estiver bem eu volto para lá.” Assim, reflito que essa é a diferença do impacto que uma pessoa adulta pode auxiliar na vida de uma criança, ouvindo-a, escutando-a e, diariamente, ensinando-a formas de lidar com as

adultas que conseguem implementar pequenas mudanças em suas rotinas podem observar impactos positivos não só em suas próprias vidas, mas também no desenvolvimento das crianças ao seu redor, que frequentemente espelham os comportamentos<sup>88</sup> das pessoas com quem convivem.

Na trajetória individual, ocasionalmente nos deparamos com vivências dolorosas ou adquirimos hábitos que ainda hoje são difíceis de assumir, gerando um fardo emocional. Essas experiências e emoções são carregadas conosco em diferentes aspectos de nossa existência, incluindo o psiquismo, o corpo, o coração e a dimensão espiritual. Além disso, também podemos adquirir hábitos ou comportamentos que, ao longo do tempo, se tornam um fardo pesado em nossas vidas. Isso pode incluir vícios, compulsões, padrões de pensamento negativos ou autodestrutivos, entre outros. Essas experiências e hábitos têm um impacto não apenas em nosso psiquismo, mas também em nosso corpo físico e em nosso coração emocional. O trauma e o estresse crônico podem afetar negativamente nossa saúde física, levando a sintomas físicos e doenças. Da mesma forma, os padrões de pensamento negativos e autodestrutivos podem afetar nossa saúde emocional, resultando em sentimentos de tristeza, ansiedade e baixa autoestima.

Além disso, essas experiências e hábitos também podem repercutir em nossa vida espiritual. Eles podem minar nossa conexão com nosso eu interior e com algo maior do que nós mesmos. Isso pode levar a uma sensação de vazio, falta de propósito e desconexão espiritual. Dessa forma, é importante reconhecer e enfrentar essas experiências e hábitos dolorosos, buscando apoio e recursos adequados para lidar com eles. É necessário um trabalho de autoconhecimento, terapia, práticas de autocuidado e apoio emocional para curar as feridas emocionais,

às vezes, é uma das razões por que abandonamos um caminho espiritual, porque achamos que fomos abandonados por Deus, pela igreja. Para certas pessoas que se afastaram da igreja, o retorno nem sempre é fácil. O reestabelecimento da confiança, sobretudo se tiveram a sensação de ser

---

emoções, observando as situações e pensando em como buscar novos caminhos para solucionar os problemas do cotidiano.

<sup>88</sup> Nota da autora: na vivência de pastoral escolar, quando converso com as crianças sobre como está a semanas delas, geralmente a resposta é: “estou cansada”. E eu questiono o porquê, e elas me relatam a quantidade de atividades que realizam, além da vida escolar. E quando pergunto quando elas respiram, a resposta é: “não tenho tempo, minha família sempre tem algo para fazer”. Assim podemos constatar o quanto o ambiente familiar também influencia diretamente na vida das crianças e em seus hábitos.

condenadas. É importante diferenciarmos muito bem a responsabilidade da culpa, a fim de acreditar em liberdade interior e em verdade.<sup>89</sup>

Fonte interior é redescobrir-se e liberar-se sem cessar para poder desenvolver-se em todas as possibilidades, de forma livre e viva. É assim que Deus deseja e espera todo ser humano.<sup>90</sup> É um processo, um caminho, a ser trilhado diariamente.

A espiritualidade pode ser definida como uma busca pessoal e subjetiva por significado e propósito na vida, frequentemente associada a uma conexão com algo maior que o próprio eu, seja isso entendido em termos religiosos, filosóficos ou existenciais. Segundo Zinnbauer<sup>91</sup> espiritualidade envolve "uma experiência pessoal de sacralidade e transcendência". Já Moberg<sup>92</sup> sugere que a espiritualidade é um conceito multidimensional que inclui a busca por uma compreensão mais profunda da vida e do universo.

A espiritualidade cristã, por sua vez, é especificamente orientada pelos ensinamentos e práticas do Cristianismo. Ela se baseia na fé em Jesus Cristo e na tentativa de viver de acordo com os princípios e valores bíblicos. Para Sheldrake<sup>93</sup>, a espiritualidade cristã é "a busca de uma vida autêntica em Cristo" e envolve práticas como a oração, a leitura das Escrituras e a participação em sacramentos. Segundo McGrath<sup>94</sup>, a espiritualidade cristã também inclui o desenvolvimento de virtudes cristãs, como a caridade, a humildade e a esperança, como parte do crescimento espiritual do indivíduo.

Essas conceituações destacam que, enquanto a espiritualidade em um sentido geral é uma busca pessoal por significado, a espiritualidade cristã é uma forma específica dessa busca, informada e moldada pelas tradições e crenças do Cristianismo.

---

<sup>89</sup> UGEUX, 2008. p. 79.

<sup>90</sup> UGEUX, 2008. p. 89.

<sup>91</sup> ZINNBAUER, Brian J. et al. *The emerging meanings of religiousness and spirituality: Problems and prospects*. *Journal of Personality*, v. 67, n. 6, p. 889-919, 1997.

<sup>92</sup> MOBERG, David O. *Assessing and Measuring Spirituality: Confronting Dilemmas of Universal and Particular Evaluative Criteria*. *Journal of Adult Development*, v. 9, p. 47-60, 2002.

<sup>93</sup> SHELDRAKE, P. *A Brief History of Spirituality*. Malden, MA: Blackwell Publishing, p.23, 2007.

<sup>94</sup> McGRATH, Alister. E. *Christian Spirituality: An Introduction*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 1999, p. 38.

Em suma, nesse ponto, vimos algumas formas que existem de vivenciar a espiritualidade cristã. Essas são alternativas para que a espiritualidade da criança seja vivenciada e estimulada através do convívio familiar ou do auxílio de pessoas adultas.

## 2.2 ESPIRITUALIDADE E SENTIDO DE VIDA

Não poderíamos falar de sentido de vida sem pensar em Viktor Frankl. Ele foi um psiquiatra que sobreviveu ao Holocausto e que escreveu o livro "Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração"<sup>95</sup>. O autor propõe que o sentido da vida é uma questão central para a existência humana. Ele desenvolveu a logoterapia, uma abordagem psicoterapêutica centrada na busca de significados, argumentando que a principal motivação do ser humano é a busca de um significado para a sua jornada.

Para Frankl, o ser-humano pode dar sentido (mesmo não entendendo, mas decidindo pela fé) a um destino inevitável e que não pode ser alterado e até mesmo transformar o sofrimento num mérito. Nessa lógica, o ser-humano se auto transcende, porque é submetido a um profundo estímulo para ir adiante, para crescer, para se desenvolver, para quebrar as amarras do espaço e do tempo, para avançar em direção ao infinito e ao eterno.<sup>96</sup>

Ele acreditava que encontrar um propósito pode ajudar as pessoas a superarem até mesmo as situações mais difíceis. No contexto de Viktor Frankl, o termo "espiritual" não carrega necessariamente uma conotação religiosa específica. Ele representa a tradução mais adequada do termo alemão original "geist", que está relacionado ao campo noológico. Além disso, a dimensão espiritual é essencialmente entendida como a esfera da experiência da liberdade e da responsabilidade. Discutir a existência em sua dimensão espiritual implica, primordialmente, abordar o conceito de "ser responsável" e o "ser humano consciente de sua responsabilidade".

Frankl afirma, ainda, em seu livro, que existem três maneiras principais de encontrar significado na vida: através do trabalho ou das ações que realizamos; através do amor e das relações que construímos; através da atitude que tomamos em

---

<sup>95</sup> FRANKL, Viktor E. *Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração*. São Paulo: Editora Vozes, 2008.

<sup>96</sup> JUNGER, 2021, p.10.

relação ao sofrimento inevitável; ele frisava, pois, que não é algo que se encontra de maneira universal, mas sim que cada pessoa deve descobrir por si mesma, através de suas experiências, escolhas e da forma como enfrenta os desafios. Por esse motivo, constatamos a importância e relevância das crises existenciais de cada pessoa, porque, apesar do caos, é uma oportunidade de buscar um novo sentido e ressignificar a vida.

A busca pelo sentido da vida é um tema que atravessa diversas áreas do conhecimento humano, desde a filosofia até a psicologia. Viktor Frankl, com sua abordagem logoterapêutica, destacou o papel fundamental do sentido da vida no bem-estar psicológico e na saúde mental. Embora a logoterapia tenha sido amplamente aplicada em adultos, cada vez mais reconhece-se que a construção do sentido da vida pode começar ainda na infância.

Neste ponto, queremos discutir como a infância é um período crucial para o início dessa construção, abordando a necessidade de orientar as crianças desde cedo em sua busca por significado, com base nos princípios de Viktor Frankl e em estudos recentes como os de Angela Maria Junger<sup>97</sup>, que associam a logoterapia à espiritualidade e ao discernimento vocacional.

Viktor Frankl desenvolveu a logoterapia, uma abordagem psicoterapêutica centrada na ideia de que a busca por sentido é a principal motivação da vida humana. Para Frankl, a capacidade de encontrar significado na vida é essencial para o bem-estar e para enfrentar o sofrimento e as adversidades<sup>98</sup>.

Frankl propôs que o sentido da vida não é algo dado, mas sim algo que cada indivíduo deve descobrir por si mesmo. No entanto, essa busca por sentido pode ser facilitada por condições externas, como o apoio familiar, a educação e a espiritualidade. Embora sua teoria tenha sido inicialmente aplicada a pessoas adultas, a logoterapia tem potencial para ser aplicada à infância, uma vez que as primeiras noções de propósito e valor podem ser formadas desde cedo.<sup>99</sup>

Na infância, as crianças começam a desenvolver uma compreensão básica do mundo ao seu redor e, conseqüentemente, de seu lugar nele. A partir de interações com os pais, com as mães, cuidadores, cuidadoras, professoras e professores, elas

---

<sup>97</sup> JUNGER, 2021, p. 7-17.

<sup>98</sup> FRANKL, 2008, p. 30.

<sup>99</sup> FRANKL, 2008, p. 45.

aprendem valores, crenças e práticas culturais que podem servir como bases para a construção do sentido da vida. Segundo Junger, a noção de espiritualidade pode ajudar a moldar essa construção ao fornecer às crianças uma estrutura simbólica e emocional para interpretar suas experiências e desafios.<sup>100</sup>

De acordo com Junger, a logoterapia oferece recursos noéticos, dimensões espirituais e existenciais que podem ser explorados desde a infância para ajudar as pessoas a discernir seus caminhos e a construir um sentido de propósito na vida.

Isso pode ser feito através da educação e de práticas voltadas ao desenvolvimento pessoal e espiritual, ajudando a criança a identificar o que é significativo para si mesma e a desenvolver uma visão mais ampla do seu papel no mundo<sup>101</sup>.

A orientação na busca pelo sentido da vida na infância pode ser entendida como um processo educativo e formativo. Não se trata de forçar uma visão pré-estabelecida de sentido, mas de criar um ambiente onde a criança possa explorar questões existenciais e desenvolver a sua própria compreensão do mundo. Esse processo envolve a criação de um ambiente que incentive a curiosidade, o questionamento e a reflexão sobre a vida e o próprio papel da criança no mundo.

A educação desempenha um papel fundamental na promoção dessa busca por sentido. Para Frankl,

a educação não deve se restringir a ensinar habilidades práticas ou cognitivas, mas deve também incluir uma dimensão existencial, onde as crianças são encorajadas a refletir sobre as questões mais profundas da vida, como o propósito e o valor<sup>102</sup>.

Nesse sentido, o papel das pessoas educadoras é fornecer às crianças um espaço seguro e de suporte para que possam expressar suas dúvidas, ansiedades e esperanças, ajudando-as a encontrar significado em suas vidas cotidianas.

Além da escola, a família é essencial nesse processo. A maneira como os pais e as mães conversam com seus filhos e com suas filhas sobre temas como morte, sofrimento e felicidade pode moldar as primeiras concepções das crianças sobre o sentido da vida. Junger observa que os pais e as mães têm um papel crucial ao criar um ambiente que favoreça o desenvolvimento noético, isto é, que estimule a dimensão

---

<sup>100</sup> JUNGER, 2021, p. 07.

<sup>101</sup> JUNGER2021, p.09.

<sup>102</sup> FRANKL, 2008, p. 62.

espiritual da vida<sup>103</sup>. A espiritualidade pode servir como uma via para a criança começar a pensar sobre sua própria existência de uma forma mais profunda, mesmo que de maneira incipiente.

A espiritualidade na infância pode ser uma ferramenta poderosa para ajudar as crianças a construir uma noção de sentido. De acordo com Frankl, o ser humano possui uma dimensão espiritual que busca algo além de si mesmo, algo transcendente. Para as crianças, essa busca pode ser facilitada por meio de rituais, tradições religiosas ou práticas espirituais que integrem a criança ao seu ambiente social e à sua comunidade.

Junger argumenta que a espiritualidade, ao ser integrada à educação e ao desenvolvimento pessoal, pode facilitar o discernimento vocacional e ajudar as pessoas jovens a identificar o que é significativo para elas desde cedo. Ao invés de apenas fornecer respostas prontas, a espiritualidade incentiva a criança a buscar o seu próprio caminho e a fazer escolhas que estão alinhadas com seus valores e propósitos pessoais<sup>104</sup>.

Embora o desenvolvimento do sentido da vida na infância apresente inúmeras oportunidades, também há desafios significativos. Um dos principais desafios é garantir que as crianças tenham o espaço e o suporte necessário para explorar essas questões de forma adequada à sua idade. Muitas vezes, o contexto escolar pode ser excessivamente focado em resultados acadêmicos, relegando a segundo plano o desenvolvimento existencial. No entanto, criar espaço para o desenvolvimento do sentido da vida não é apenas desejável, mas necessário, para que as crianças possam crescer com uma compreensão mais profunda de si mesmas e do mundo ao seu redor<sup>105</sup>.

Além disso, a formação de um sentido de vida é um processo contínuo. Junger sugere que a orientação vocacional e espiritual deve ser vista como uma jornada que começa na infância e continua ao longo de toda a vida, sendo moldada por novas experiências e desafios<sup>106</sup>. Portanto, as pessoas educadoras, as mães e os pais devem estar preparados e preparadas para apoiar as crianças em todas as fases

---

<sup>103</sup> JUNGER, 2021, p. 11

<sup>104</sup> JUNGER, 2021, p. 14.

<sup>105</sup> FRANKL, 2008, p. 95.

<sup>106</sup> JUNGER, 2021, p. 17.

desse desenvolvimento, oferecendo-lhes ferramentas e recursos para que possam descobrir o seu próprio sentido de vida.

Com base nas ideias de Viktor Frankl e nas contribuições de Angela Maria Junger, fica evidente que o sentido da vida não é algo que surge espontaneamente na vida adulta, mas pode ser cultivado desde cedo por meio da educação, da espiritualidade e do apoio familiar. Ao fornecer às crianças um ambiente que valorize a reflexão sobre o significado da vida, estamos preparando-as para enfrentar os desafios futuros com resiliência e propósito.

## **3 CRISES DA VIDA: A JORNADA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E A INTEGRAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ NA INFÂNCIA**

Este capítulo aborda as crises existenciais que os seres humanos enfrentam em relação ao sentido da vida, refletindo sobre como a espiritualidade cristã oferece um refúgio e um alicerce sobre o qual os indivíduos podem se apoiar. Além disso, reflete sobre as questões fundamentais que suscitam dúvidas essenciais na vida de cada indivíduo, especialmente aquelas relacionadas aos ciclos de mudanças na faixa etária. A temática da fé é também discutida, destacando que sem fé não há espiritualidade.

Em tempos de adversidade, a fé cristã não só proporciona consolo, mas também inspira resiliência. A prática espiritual, através de orações, meditação e participação em comunidades, ajuda as pessoas a encontrarem significado e propósito, mesmo nas situações mais desafiadoras. Exercitar a espiritualidade cristã envolve cultivar uma relação profunda e pessoal com Deus, buscando entender e aplicar os ensinamentos bíblicos na vida cotidiana.

### **3.1. AS CRISES DA VIDA**

Desde os primórdios da infância, o ser humano passa por experiências diferentes em sua vida, como por exemplo, quando um bebê está tentando andar e não consegue, quando uma criança pede para ganhar um presente e os familiares negam, quando uma adolescente precisa decidir qual faculdade irá cursar, quando alguém recebe diferentes oportunidades de empregos e não sabe qual decidir. As crises existem e são necessárias para o ser humano, apesar da discrepância que possa parecer essa afirmação. Fora da crise, a vida seria inautêntica, sem problemas, inquestionável e objetivada. Onde há vida há crise de nascimento, de crescimento, de maturidade, de velhice e a grande crise da morte humana. Daí que se fala de crise da juventude, do matrimônio, da vida religiosa, da crise moral, social, cultural, política e econômica.<sup>107</sup>

---

<sup>107</sup> BOFF, 1983, p.12.

Em uma situação de crise, emergem comportamentos humanos que refletem tanto a vulnerabilidade quanto a resiliência. As crises, inevitavelmente, atravessam diversas esferas da vida, manifestando-se no âmbito pessoal, social e profissional. Seu impacto pode intensificar desafios já existentes, criando um ambiente de instabilidade, mas também pode atuar como um catalisador para transformações significativas.

No contexto humano, a crise carrega um sentido existencial profundo, ao colocar em evidência questões essenciais sobre a vida, os valores e o propósito individual. Por meio do enfrentamento e da superação, ela frequentemente possibilita o crescimento e a reformulação de perspectivas, impulsionando o indivíduo a buscar novas formas de compreender e lidar com os desafios. Assim, a crise não apenas revela fragilidades, mas também destaca a capacidade humana de adaptação e evolução.<sup>108</sup>

Todo processo de purificação implica ruptura, divisão e descontinuidade, e outro sentido que pode ser dado à palavra crise. Por isso também é doloroso e assume aspectos dramáticos. Mas é nessa convulsão que se catalisam as forças e se acrisolam os valores positivos contidos na situação de crise.<sup>109</sup>

Sem essa decisão, não há vida. Ideias nós as temos, diariamente. Mas as decisões, nós as vivemos. Por isso a situação de crise é antropologicamente muito rica. Não constitui uma tragédia na vida, apesar, de muitas vezes, parecer um fardo maior do que nós podemos carregar. A crise é uma oportunidade de crescimento, não é perda do chão debaixo dos pés, mas é o desafio que esse chão vital lança para uma evolução ou melhor definição.<sup>110</sup>

O simples fato da crise é um bom sintoma. É sinal que se abriram novas possibilidades, que fermenta um processo depurador. Não fugir nem para o passado, nem para o futuro, nem para dentro. A imaturidade religiosa e humana de tantos cristãos hoje, desde os mais altos escalões eclesiais até do próprio seio do povo de deus, não permite que se veja na crise uma chance nova para a fé e para a igreja. Pertence à crise o aspecto dramático e a sensação da perda dos pontos de orientação.<sup>111</sup>

Nós fizemos questionamentos, mas também podemos buscar algumas alternativas de respostas, como por exemplo, como agir diante de uma situação de

---

<sup>108</sup> BOFF, 1983, p.12.

<sup>109</sup> BOFF, 1983, p.17.

<sup>110</sup> BOFF, 1983, p.17.

<sup>111</sup> BOFF, 1983, p.35.

crise. Primeiramente, é importante analisar o contexto, ver os prós e contras, ver as condições que causaram esse momento e buscar alternativas que te façam sair dessa crise. A superação da crise não se faz, comumente, pelo ativismo e pela excitação exterior, mas através de reflexão e meditação sérias, quando as forças se recolhem para uma decisão e purificação.<sup>112</sup> Nada é, então, um obstáculo para a caminhada, mas tudo pode transformar-se em degrau para subir mais. Ou seja, é preciso buscar dar significado para cada degrau e quem sabe assim, conseguir resolver ou apaziguar a crise.

Quando alguém, entretanto, sabe abrir-se ao dinamismo do imaginário e às chances presentes na crise e, ao mesmo tempo, mantém os pés no chão, quando assume seu cotidiano e o vivifica com injeções de novidade e de criação, então começa a irradiar uma rara energia interior. Emerge a singularidade pessoal. Há luz e brilho na vida, originalidade no que propõe e criatividade em suas práticas.<sup>113</sup>

Erik Erikson, um dos mais influentes psicólogos do século XX, é amplamente reconhecido por sua teoria do desenvolvimento psicossocial, apresentada em diversas obras, entre elas o livro "Infância e Sociedade"<sup>114</sup>, no qual ele delineia oito estágios de desenvolvimento ao longo da vida, cada um caracterizado por um conflito central que deve ser resolvido para promover a saúde psicológica e o crescimento pessoal.

Os estágios do desenvolvimento, conforme Erikson, são descritos da seguinte forma: primeiro estágio: Confiança versus Desconfiança (0-1 ano) – nesse momento, o bebê desenvolve confiança quando suas necessidades básicas são atendidas de forma consistente e amorosa. Caso contrário, a desconfiança pode se enraizar, afetando futuras relações interpessoais.<sup>115</sup>

O segundo estágio é a Autonomia versus Vergonha e Dúvida (1-3 anos): durante esta fase, a criança começa a explorar seu ambiente e a desenvolver um senso de autonomia. O encorajamento adequado promove a independência, enquanto a superproteção ou a crítica excessiva podem gerar vergonha e dúvida.<sup>116</sup>

O terceiro estágio chama-se Iniciativa versus Culpa (3-6 anos): nesta etapa, a criança assume a iniciativa ao explorar e assumir responsabilidades. A resposta

---

<sup>112</sup> BOFF, 1983, p.35.

<sup>113</sup> BOFF, Leonardo. CRISE: Oportunidade de crescimento. Campinas, SP: Versus, 2002, p.63.

<sup>114</sup> ERIKSON, Erik H. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1971.

<sup>115</sup> ERIKSON, 1971, p. 248.

<sup>116</sup> ERIKSON, 1971, p. 251.

positiva dos adultos reforça a iniciativa, enquanto a desaprovação ou punição severa podem levar ao sentimento de culpa.<sup>117</sup>

O quarto estágio é nomeado como Indústria versus Inferioridade (6-12 anos): a fase escolar envolve a aquisição de competências e o desenvolvimento de um senso de indústria através do sucesso nas atividades escolares e sociais. O fracasso ou a falta de encorajamento podem resultar em sentimentos de inferioridade.<sup>118</sup>

Os estágios a seguir abordam a adolescência e a fase adulta, sendo eles, Identidade versus Confusão de Papéis (12-18 anos); Intimidade versus Isolamento (18-40 anos); Generatividade versus Estagnação (40-65 anos); Integridade versus Desespero (65 anos em diante). Erikson enfatiza que cada uma dessas crises deve ser resolvida adequadamente para assegurar o desenvolvimento saudável e contínuo do indivíduo. Sua teoria oferece uma estrutura valiosa tanto para a prática clínica quanto para a pesquisa em psicologia do desenvolvimento, destacando a importância das experiências sociais e culturais no crescimento humano.

Outro período que pode ocasionar as mudanças, gerando crises, ou mais conhecido como: estágios da fé cristã, são frequentemente descritos com base na teoria do desenvolvimento da fé de James Fowler<sup>119</sup>, que detalha como a fé evolui ao longo da vida. Fowler identificou seis estágios de desenvolvimento da fé, aplicáveis a várias tradições religiosas, incluindo a cristã. Esses estágios fornecem um modelo para entender como a fé se desenvolve desde a infância até a maturidade.

Segundo Fowler, os estágios da fé, acontecem da seguinte maneira: 1º) a fé intuitivo-projetiva (Infância precoce: 3-7 anos), neste estágio, a fé é baseada em imagens e histórias. As crianças formam suas primeiras ideias de Deus e do mundo religioso com base nas narrativas e símbolos que lhes são apresentados. 2º) Fé Mítica-Literal (Infância tardia e pré-adolescência: 7-12 anos), neste estágio, a fé é baseada em imagens e histórias. As crianças formam suas primeiras ideias de Deus e do mundo religioso com base nas narrativas e símbolos que lhes são apresentados. 3º) Fé Sintético-Convencional (Adolescência: 12 anos e mais), trata-se das crianças começam a entender as histórias e crenças religiosas de forma literal. Elas começam a distinguir entre fantasia e realidade e a incorporar normas morais básicas. E as etapas a seguir, abordam a adolescência e a fase adulta, sendo elas: Fé Conjuntiva

---

<sup>117</sup> ERIKSON, 1971, p. 255.

<sup>118</sup> ERIKSON, 1971, p. 259.

<sup>119</sup> FOWLER, James W. *Estágios da Fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

(Adulto jovem: 30 anos e mais), Fé Conjuntiva (Meia-idade) e a Fé Universalizante (Raramente alcançado).

Compreender esses estágios pode ajudar as pessoas e principalmente lideranças religiosas a apoiar o desenvolvimento da fé em várias fases da vida. Cada estágio apresenta oportunidades únicas para crescimento espiritual e pode guiar a maneira como a educação religiosa e a pastoral são conduzidas.

As etapas do desenvolvimento da fé cristã, conforme delineadas por Fowler, são profundamente influenciadas pelas vivências cotidianas. Desde a infância até a idade adulta, as experiências diárias moldam a maneira como os indivíduos percebem e praticam sua fé. A compreensão dessas etapas e sua aplicação prática pode proporcionar um apoio mais efetivo ao crescimento espiritual em diferentes fases da vida.

Sabemos que em nossa sociedade cada vez mais estão ocorrendo mudanças que acabam interferindo na vida das pessoas. Nesse sentido, Gonçalves explica que

Em parte, no casamento e na família, modelos tradicionais estão em processo de desmoronamento, e as identidades regionais e nacionais estão desaparecendo. Ao mesmo tempo, estamos assistindo a uma aceleração vertiginosa de todos os processos da vida. As pessoas estão com as baterias descarregadas e insatisfeitas.<sup>120</sup>

Um outro fator que vem contribuindo para gerar problemas nas vidas das pessoas é a solidão. Apesar de hoje as pessoas estarem conectadas o dia inteiro e podendo se comunicar através da Internet e as redes sociais, as pessoas acabam digitando mais e se comunicando presencialmente cada vez menos. E nas redes sociais acabam não encontrando aquilo que precisam, não acontecendo encontros reais e promovendo então a solidão.

Devemos lembrar também que estamos vivendo num mundo pós-pandêmico, no qual, há pouco tempo atrás, as pessoas não podiam ter contato físico direto umas com as outras, afetando assim os relacionamentos e as formas de comunicação, até o abraço que era real se tornou virtual. Agora, estamos tentando nos reaproximar, mas quantas sequelas ou, como diríamos, quantas crises uma pandemia pode causar? A longo prazo, qual será o impacto na vida de cada ser humano? Estamos descobrindo isso no decorrer dos dias, assim como estamos aprendendo a construir

---

<sup>120</sup> GONÇALVES, Josiane P.; EGGERT, Edla. Estruturadas X desestruturadas: percepções de família entre profissionais da educação. *Revista Educação em Questão*, v. 57, n. 54, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5639/563965409003/html/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

um novo futuro a partir do caos que foi propagado durante esse período da pandemia da Covid-19.

A solidão e a pandemia da COVID-19 tiveram impactos profundos e multifacetados na vida das crianças. As medidas de distanciamento social, fechamento de escolas e restrições a atividades recreativas alteraram drasticamente a rotina e o desenvolvimento das crianças, trazendo consequências significativas para sua saúde mental e física até os dias atuais.

A interrupção das interações sociais regulares e a falta de contato com amigos e familiares contribuíram para o aumento dos sentimentos de solidão entre as crianças. Sabe-se que a solidão durante a infância está associada a um aumento dos sintomas de depressão e ansiedade, conforme Juvonen, Espinoza e Knifsend<sup>121</sup> observaram, crianças em isolamento social devido à pandemia apresentaram níveis mais elevados de ansiedade e depressão comparados a períodos anteriores.

O fechamento das escolas e a transição para o ensino remoto apresentaram desafios significativos para a aprendizagem e o desenvolvimento social das crianças. A falta de interação direta com professores e colegas comprometeu a aquisição de habilidades sociais essenciais, como a cooperação, a resolução de conflitos e a empatia. De acordo com um estudo realizado por Donohue e Miller<sup>122</sup>, crianças que enfrentaram longos períodos de isolamento social podem apresentar dificuldades em readaptar-se ao ambiente escolar e em retomar às interações sociais de forma saudável.

O impacto escolar também foi notável. Muitas crianças experimentaram uma queda no desempenho escolar devido à falta de acesso a recursos educativos adequados e à dificuldade de manter a motivação e o foco no ambiente doméstico. Os impactos da solidão e da pandemia da COVID-19 na vida das crianças são profundos e abrangentes, afetando sua saúde mental, desenvolvimento social e desempenho acadêmico, bem como sua saúde física. É essencial implementar estratégias de apoio que incluam intervenções psicológicas, programas educacionais

---

<sup>121</sup> JUVONEN, Jaana; ESPINOZA, Guadalupe; KNIFSEND, Casey. *The Role of Peer Relationships in Child Development During the COVID-19 Pandemic*. Journal of Child Psychology and Psychiatry, v. 62, n. 1, 2021, p. 65-72.

<sup>122</sup> DONOHUE, Chip; MILLER, Michael S. *COVID-19 and School Closures: Implications for Early Childhood Education and Care*. Child Development Journal, v. 9, n. 5, 2020, p. 15.

adaptativos e a promoção de atividades físicas para mitigar esses efeitos e promover o bem-estar integral das crianças.

### 3.1.1 O partilhar da fé

No contexto religioso, as igrejas acentuaram, às vezes de forma desastrosa, para a fé e para a sua vivência, as fórmulas e as fixações dogmáticas. Impôs-se a religião em detrimento da fé. O resultado foi a emergência de um tipo de fiel por demais alienado da realidade concreta. Isso gerou o fideísmo e o tradicionalismo: verdadeiro é tudo o que a igreja ensina e manda.<sup>123</sup> Como observava com fina ironia o cardinal Suenens:

A igreja tem muita prudência, mas nenhuma coragem. Nós vamos ainda morrer de ajuizados. A fé, contudo, quando vivida como ato existencial de relacionalidade com o mistério checa e coloca em crise todos esses exageros e falsas esperanças.<sup>124</sup>

Quando falamos em espiritualidade, é indispensável abordar a Teologia, que pode ser entendida como a fé em busca de compreensão. Compreender, nesse contexto, envolve julgar, criticar e discernir. Por isso, a Teologia é uma forma de fé que é ao mesmo tempo reflexiva e crítica. Não há Teologia sem fé, pois Deus não pode ser tratado como um objeto comum de análise. Na Teologia, não se pode falar sobre Deus a partir de uma posição superior, como se fosse possível observá-Lo de fora ou colocá-Lo sob nosso domínio de entendimento.

Mas podemos falar de Deus e a partir dele enquanto falamos da existência humana tocada por sua divina e insondável realidade.<sup>125</sup> Acima de tudo é preciso lembrar que não somos nós que vamos ao encontro dele, é Ele quem vem ao nosso encontro e se revela para nós.

Boff tem uma definição acerca da fé, a saber:

Isso porque a fé não é a primeira coisa, mas a resposta a uma proposta com responsabilidade. Primeiro vem a proposta, captada dentro da vida, pela religião que nos chega até nós pela Escritura, pelo Magistério, pelos sinais dos tempos. O homem se sente desafiado e nele surge o momento de

---

<sup>123</sup> BOFF, 1983, p. 28.

<sup>124</sup> BOFF, 1983, p. 28.

<sup>125</sup> BOFF, 1983, p. 29.

responsabilidade. Deve tomar uma decisão. A fé é essa decisão. É uma resposta crítica.<sup>126</sup>

Por isso, a fé madura é fruto de um processo de observação, dúvida, interrogação e não de um dado preliminar. Constituída, a fé funda um horizonte de compreensão e um novo começo a partir do qual posso entender toda a realidade.<sup>127</sup> Neste sentido, voltamos ao ponto anterior, no qual lembramos que as crises são necessárias e também fazem parte do processo de construção e desconstrução da fé.

A vida humana se concretiza numa tecedura de relações muito complexa. Seu destino e sua identidade residem em poder estar no mundo junto com outros. É através de diferente dele mesmo que o ser humano chega a si mesmo, na mediação do mundo. Na medida em que for capaz de assimilar e acolher o diferente dentro e fora dele mesmo, nessa mesma medida comunga e cria comunidade. Viver humanamente é sempre conviver. É ace a uma estrutural relacionalidade que o ser humano descobre seu estar-em-si-consigo-mesmo-no-mundo, isto é, seu eu. No horizonte dessa pan-relacionalidade e abertura se realiza a existência humana também religiosa.<sup>128</sup>

Através de uma compenetração recíproca de corporalidade e religião, a vida cotidiana poderia ganhar uma nova dimensão religiosa. Poderíamos dizer também que o dia a dia é uma oração.<sup>129</sup> A cada gesto, a cada pensamento, estamos interligados com algo, com alguém, e estamos administrando nossas forças e recursos para as nossas atividades diárias. Jäger fala que estar em pé, em qualquer local, até mesmo durante a espera em uma parada de ônibus, pode ser uma oração.<sup>130</sup> Às vezes acreditamos que para um momento de oração e de meditação precisamos de um espaço sem ruídos e de determinado ambiente, contudo, o que nós esquecemos é que podemos silenciar nossa mente e acalmar o nosso coração independente do espaço.

A interação entre o cotidiano e a espiritualidade pressupõe a experiência de que não existe nada que não seja uma forma de expressão do Divino. Partindo disso, a realização da vida é o conteúdo verdadeiro da religiosidade, e todas as orações e todos os rituais são algo que acrescentamos à celebração dessa verdade.<sup>131</sup>

---

<sup>126</sup> BOFF, 1983, p. 29.

<sup>127</sup> BOFF, 1983, p. 29.

<sup>128</sup> BOFF, 2002, p.124.

<sup>129</sup> JÄGER, 2009, p.43.

<sup>130</sup> JÄGER, 2009, p.43.

<sup>131</sup> JÄGER, 2009, p.44.

Podemos dizer que todas as religiões são caminhos em direção à experiência com o divino ou com uma força maior, mas nenhuma pode pretender possuir o único acesso a isso. Jäger ilustra essa questão ao dizer que as religiões são como as lindas janelas coloridas das igrejas, elas emprestam uma determinada estrutura à luz que as perpassa. Quando não há luz, elas ficam opacas e inexpressivas. Portanto, na verdade, a luz é o fator decisivo. Mas com os nossos olhos não podemos ver a luz. A luz torna as coisas visíveis, mas ela mesma é invisível. Fica visível somente quando é decomposta em cores e estruturada.<sup>132</sup>

### **3.1.1.1 Integrando a Espiritualidade Cristã na Vida Diária**

As pessoas têm uma rotina agitada e cheia de programações, quem mora sozinho ou sozinha, provavelmente, consegue organizar muito bem o seu tempo. Mas seja como for, é necessário a regularidade do exercício da oração/meditação, ele deve se tornar algo tão natural como escovar os dentes pela manhã. A desculpa “não tenho tempo” não deveria ser um empecilho para não vivenciar a fé. É necessário querer e começar aos poucos com pequenos exercícios de meditação, de oração, seja como for, um momento de conexão consigo mesmo para experimentar a vivência da espiritualidade. Mas como se pode fazer isso? O sujeito pode encontrar um espaço na sua casa no qual possa realizar o exercício, escolhendo um ritual para vivenciar o momento, nem que seja simplesmente colocar um cobertor para sentar-se no chão ou então acender uma vela. O importante é que nesse espaço a pessoa tenha concentração.<sup>133</sup>

O caminho espiritual aponta para uma mudança no local onde se está, seja em casa, no trabalho ou por onde o sujeito passar. Jäger explica que religião é a vida e a vida é religião. Formulado de modo exagerado: quando se sente que levantar de manhã e colocar as pantufas são atos religiosos, então percebe-se o que é religião. Mas, sem uma experiência profunda, isso não será possível.<sup>134</sup>

---

<sup>132</sup> JÄGER, 2009, p. 77.

<sup>133</sup> JÄGER, 2009, p. 216.

<sup>134</sup> Nota da autora: Para mim, um hábito matinal é o de passar café, colocar a água na chaleira, esperar o tempo de a água quase ferver, pegar a térmica, o coador, o filtro do café, abrir o vidro onde contém o pó do café, sentir o cheiro, usar as medidas corretas, então sentir o aroma do café enquanto a

Uma das maneiras de vivenciar a espiritualidade cristã, é através da oração. Ela é uma forma de comunicação direta com Deus, na qual a pessoa pode expressar suas necessidades, gratidão, arrependimentos e adoração. De acordo com Anselm Grün, a oração é um diálogo com Deus que, por meio do silêncio e da palavra, aprofunda nossa relação com o divino<sup>135</sup>. Ele também destaca que a oração não é apenas um ato mecânico, mas uma maneira de entrar em comunhão profunda com Deus, através da qual a pessoa cristã se abre para a ação do Espírito Santo.

Além da oração pessoal, a tradição cristã valoriza a oração litúrgica, especialmente as orações que fazem parte da vida comunitária. Na obra *A Oração Cristã*<sup>136</sup>, Hans Urs von Balthasar descreve a importância da oração comunitária, particularmente na liturgia, como uma forma de união entre o corpo de Cristo. Ele argumenta que, a oração da Igreja, especialmente a Eucaristia, é um ato central na vida espiritual cristã, pois nela o indivíduo se une ao Corpo de Cristo de forma plena e comunitária<sup>137</sup>.

Outra prática fundamental para o desenvolvimento da espiritualidade cristã é a leitura e meditação das Escrituras. A Bíblia é vista como a Palavra de Deus e, portanto, a principal fonte de orientação espiritual. Segundo São João Crisóstomo, a Bíblia é uma carta de amor de Deus para a humanidade<sup>138</sup>, uma ideia que expressa a importância de seu estudo e meditação como formas de cultivar a espiritualidade. Diante desta perspectiva, também podemos ressaltar a importância da presença da família, criando laços com as crianças através da leitura da Bíblia.

A *Lectio Divina* é uma prática antiga na tradição cristã que envolve a leitura orante das Escrituras. Segundo Jean Leclercq<sup>139</sup>, a *Lectio Divina* é uma forma de oração na qual a pessoa cristã não busca apenas entender o texto em seu nível literal, mas ouvir a voz de Deus através das palavras da Bíblia.<sup>140</sup> O autor divide a prática

---

água se mistura com o pó e o cheiro se espalha por toda a casa. Naquele momento, é onde também vivencio a minha espiritualidade, onde tenho o meu ritual e o meu momento de concentração diária. Cada pessoa tem ou deveria ter algo que também a tranquilizasse e acalmasse o corpo, a alma, o espírito, o eu todo.

<sup>135</sup> GRÜN, 2017, p. 56)

<sup>136</sup> BALTHASAR, Hans Urs von. *A Oração Cristã*. São Paulo: Loyola, 2001.

<sup>137</sup> BALTHASAR, 2001, p. 102.

<sup>138</sup> CRISÓSTOMO, João. *Homilias Sobre a Incompreensível Natureza de Deus*. São Paulo: Paulus, 1998. P.35.

<sup>139</sup> LECLERCQ, Jean. *O amor aos escritos: de São Bento a Bernardo de Claraval*. São Paulo: Editora Paulus, 2000.

<sup>140</sup> Leclercq, 2000, p. 84.

em quatro etapas: leitura (leitura atenta e reverente do texto), meditação (reflexão sobre o que Deus está comunicando por meio do texto), oração (resposta a Deus em oração) e contemplação (descanso em Deus). Dessa maneira, a *Lectio Divina* não é apenas uma atividade intelectual, mas uma prática espiritual que aprofunda o relacionamento com Deus.

A espiritualidade cristã não é apenas um exercício individual, mas comunitário. A vida em comunidade é essencial para o desenvolvimento da fé e da espiritualidade, já que as pessoas cristãs são chamadas a viver como membros do Corpo de Cristo. De acordo com Bonhoeffer a comunidade cristã não é uma idealização, mas uma realidade divina na qual os crentes se unem em Cristo<sup>141</sup>. Ele ressalta que a vida em comunidade oferece suporte mútuo, permitindo que os indivíduos se fortaleçam em sua fé e encontrem apoio nas adversidades.

A prática do amor fraterno e da partilha na vida comunitária é uma das maneiras pelas quais a espiritualidade cristã se manifesta. Através da vida em comunidade, as pessoas cristãs são desafiadas a viver o evangelho de maneira concreta, exercitando a caridade, o perdão e a solidariedade. A comunidade cristã também é o lugar onde a Palavra de Deus é proclamada, os sacramentos são celebrados e a fé é vivida em conjunto. Assim, a vida comunitária não é apenas um complemento à espiritualidade, mas uma parte essencial dela.

O serviço a pessoa próxima é outra dimensão fundamental da espiritualidade cristã, que se baseia no mandamento de Jesus: "Amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei" (João 13:34). A espiritualidade cristã autêntica implica uma fé vivida em ação, na qual a pessoa cristã não apenas busca sua própria salvação, mas se compromete a servir e ajudar os outros, especialmente as pessoas mais necessitadas.

Segundo Henri Nouwen, o serviço ao próximo é uma das formas mais concretas de vivenciar a presença de Cristo no mundo<sup>142</sup>. Ele argumenta que, ao servir os outros, especialmente os pobres e marginalizados, os cristãos estão servindo ao próprio Cristo e, ao mesmo tempo, desenvolvendo sua própria espiritualidade. O serviço a pessoa próxima não é apenas uma obrigação moral, mas uma maneira de

---

<sup>141</sup> BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p.41.

<sup>142</sup> NOUWEN, Henri. *O caminho do coração: desertos, salmos e oração*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 1997. P.66.

imitar a vida de Cristo, que veio "não para ser servido, mas para servir" (Marcos 10.45)<sup>143</sup>.

O teólogo Gustavo Gutiérrez, um dos principais expoentes da teologia da libertação, também reforça a ideia de que o serviço aos pobres é uma expressão vital da espiritualidade cristã. Para Gutiérrez, a espiritualidade cristã autêntica deve estar comprometida com a transformação social e a promoção da justiça<sup>144</sup>. A espiritualidade não pode ser separada da realidade concreta da vida das pessoas, e o serviço ao próximo, especialmente aos marginalizados, é uma forma de concretizar o amor de Deus no mundo.

A vivência da espiritualidade cristã é um processo multifacetado que vai além da meditação e envolve várias práticas que ajudam as pessoas cristãs a crescerem em sua relação com Deus e a viver de acordo com os ensinamentos de Cristo. A oração, a leitura das Escrituras, a prática dos sacramentos, a vida comunitária e o serviço ao próximo e a próxima, são todas formas pelas quais os cristãos e as cristãs podem desenvolver sua espiritualidade de maneira mais plena e integrada.

Ao integrar essas práticas à vida cotidiana, os cristãos e as cristãs são convidados e convidadas a vivenciar sua fé de forma mais profunda e autêntica, permitindo que sua espiritualidade permeie todas as dimensões de sua existência. A espiritualidade cristã, portanto, não é apenas um conjunto de práticas devocionais, mas uma maneira de viver que busca manifestar o amor de Deus e o evangelho em todas as ações e relações.

### **3.2 INFÂNCIA EM CRISE: DESAFIOS E TRANSFORMAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO HUMANO SEGUNDO FRANKL, PIAGET E ERIKSON**

A infância é uma fase crucial do desenvolvimento humano, marcada por intensas transformações físicas, emocionais e cognitivas. É durante este período que a criança começa a formar sua identidade, aprender a lidar com suas emoções e

---

<sup>143</sup> Texto bíblico conforme Marcos 10.45, em BÍBLIA de Estudos Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

<sup>144</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: perspectivas*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.p.92.

compreender o mundo à sua volta. No entanto, a infância também é uma fase permeada por crises e desafios, que são componentes naturais do processo de desenvolvimento. Essas crises, que podem ocorrer em momentos específicos ou fases do crescimento, desempenham um papel vital na construção da personalidade e na preparação da criança para a vida adulta. Este texto acadêmico busca explorar a infância de modo geral, destacando as principais crises que podem surgir ao longo dessa fase, com base nos trabalhos de Viktor Frankl, Jean Piaget, Erik Erikson e outros teóricos do desenvolvimento.

### **3.2.1 A Infância e Suas Fases de Desenvolvimento**

A infância é comumente dividida em fases que correspondem a marcos importantes no desenvolvimento físico, cognitivo e emocional da criança. Jean Piaget, um dos principais teóricos do desenvolvimento cognitivo, propôs que a infância é composta por estágios nos quais as crianças constroem progressivamente sua compreensão do mundo, passando de formas mais simples de pensamento para formas mais complexas. De acordo com Piaget, o desenvolvimento cognitivo na infância pode ser dividido em quatro estágios principais: sensório-motor (0-2 anos), pré-operatório (2-7 anos), operatório concreto (7-11 anos) e operatório formal (a partir dos 12 anos).<sup>145</sup>

No estágio sensório-motor, a criança começa a explorar o mundo por meio dos sentidos e do movimento, desenvolvendo noções básicas de permanência do objeto e causalidade. No estágio pré-operatório, ela desenvolve o pensamento simbólico, embora ainda apresente dificuldade em entender o ponto de vista dos outros, manifestando-se de maneira egocêntrica. Já no estágio operatório concreto, a criança começa a desenvolver o pensamento lógico, mas ainda depende de referências concretas e tangíveis para resolver problemas. Finalmente, no estágio

---

<sup>145</sup> PIAGET, 1998, p. 17.

operatório formal, a criança é capaz de pensar de maneira abstrata e formular hipóteses.<sup>146</sup>

Além de Piaget, Erik Erikson também oferece uma compreensão valiosa do desenvolvimento infantil, focando nos desafios psicossociais que a criança enfrenta em cada fase. Segundo Erikson, o desenvolvimento emocional da criança é caracterizado por uma série de crises, ou conflitos, que precisam ser resolvidos para que o indivíduo avance para estágios mais maduros de desenvolvimento. Na infância, essas crises envolvem confiança versus desconfiança (0-1 ano), autonomia versus vergonha e dúvida (1-3 anos) e iniciativa versus culpa (3-6 anos)<sup>147</sup>. A resolução bem-sucedida dessas crises leva à formação de uma identidade saudável, enquanto a não resolução pode resultar em dificuldades emocionais e sociais que podem persistir ao longo da vida.

Viktor Frankl, por sua vez, destaca o papel do sentido e da busca por significado no desenvolvimento humano, inclusive na infância. Embora suas reflexões se concentrem mais no sofrimento humano na vida adulta, Frankl argumenta que, desde cedo, os indivíduos estão em busca de propósito e significado, ainda que de maneira inconsciente. O desenvolvimento de uma base sólida de valores e de sentido pode ajudar a criança a lidar com crises e desafios, o que reforça a importância de um ambiente familiar e educacional que promova a reflexão sobre o sentido da vida.<sup>148</sup>

### **3.2.1.1 Crises na Infância: Fases e Desafios conforme Erikson**

As crises na infância são parte integrante do desenvolvimento e muitas vezes sinalizam momentos de crescimento e transformação. Erik Erikson<sup>149</sup> descreve essas crises como conflitos psicossociais que precisam ser resolvidos em cada estágio do desenvolvimento para que a criança possa avançar para o próximo. Essas crises não

---

<sup>146</sup> PIAGET, 1998, p. 39.

<sup>147</sup> ERIKSON, 1997, p. 71.

<sup>148</sup> FRANKL, 2008, p. 45.

<sup>149</sup> ERIKSON, Erik. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

são necessariamente eventos negativos; ao contrário, elas podem ser oportunidades para a criança crescer emocionalmente e desenvolver novas competências.

A Crise de Confiança Versus Desconfiança (0-1 Ano), a primeira crise descrita por Erikson ocorre logo após o nascimento, durante o primeiro ano de vida. Nesse período, o bebê depende completamente dos cuidadores para suprir suas necessidades básicas, como alimentação, conforto e segurança. A qualidade do cuidado recebido durante esse estágio determinará se o bebê desenvolverá um senso de confiança ou desconfiança em relação ao mundo. Se os cuidadores forem consistentemente responsivos e carinhosos, a criança desenvolverá uma confiança básica, que será a base para relacionamentos futuros saudáveis. Por outro lado, se as necessidades da criança não forem atendidas de maneira adequada, ela poderá desenvolver um sentimento de desconfiança, o que poderá afetar sua capacidade de formar vínculos seguros.<sup>150</sup>

A segunda crise, a crise de autonomia versus vergonha e dúvida, (1-3 anos), ocorre entre o primeiro e o terceiro ano de vida, quando a criança começa a explorar o mundo ao seu redor e a desenvolver um senso de autonomia. Neste estágio, a criança passa a adquirir controle sobre funções corporais e habilidades motoras, e começa a desejar mais independência. Contudo, essa busca por autonomia pode ser frustrada por regras e limites impostos pelos cuidadores, o que pode gerar sentimentos de vergonha e dúvida. Erikson argumenta que os pais e as mães devem encontrar um equilíbrio entre permitir que a criança explore e imponham limites necessários, de modo que a criança desenvolva autoconfiança sem se sentir envergonhada ou duvidosa de suas capacidades<sup>151</sup>.

Na fase pré-escolar, acontece a crise de iniciativa versus culpa (3-6anos), a criança começa a desenvolver iniciativa e a engajar-se em atividades por conta própria. Este é um período em que a curiosidade e a imaginação da criança são particularmente fortes, levando-a a iniciar projetos e brincadeiras de maneira independente. No entanto, se suas tentativas de agir de forma autônoma são excessivamente controladas ou punidas pelos cuidadores, a criança pode desenvolver sentimento de culpa por suas ações. Essa culpa pode inibir sua capacidade de tomar iniciativa no futuro. Portanto, os pais, as mães e pessoas educadoras devem

---

<sup>150</sup> ERIKSON, 1997, p. 72.

<sup>151</sup> ERIKSON, 1997, p. 76.

incentivar a criança a explorar e a agir de forma independente, ao mesmo tempo em que estabelecem limites claros e construtivos<sup>152</sup>.

### 3.3 A CRISE COGNITIVA E MORAL NA INFÂNCIA

Além das crises emocionais, Jean Piaget identificou momentos críticos no desenvolvimento cognitivo da criança que podem ser vistos como crises no sentido de mudanças profundas na forma como a criança pensa e entende o mundo. Um exemplo disso é a transição do estágio pré-operatório para o estágio operatório concreto, que ocorre por volta dos sete anos. Durante esse período, a criança começa a abandonar o pensamento mágico e egocêntrico, característico da primeira infância, e a desenvolver a capacidade de pensar logicamente sobre situações concretas. Esse processo pode ser acompanhado por momentos de frustração e ansiedade, à medida que a criança percebe que o mundo é mais complexo do que imaginava inicialmente.<sup>153</sup>

Além disso, a moralidade também passa por uma crise de transformação ao longo da infância. Segundo Lawrence Kohlberg, o desenvolvimento moral ocorre em estágios, e a criança inicialmente vê as regras como absolutas e imutáveis. No entanto, à medida que cresce, ela começa a entender que as regras são construções sociais que podem ser questionadas e reinterpretadas com base em valores e contextos. Essa transição pode ser desafiadora para algumas crianças, que podem experimentar conflitos internos ao tentar reconciliar as regras impostas por figuras de autoridade com sua própria compreensão do certo e errado<sup>154</sup>.

A infância é uma fase marcada por crises emocionais e cognitivas que são essenciais para o desenvolvimento humano. Teóricos como Erikson, Piaget e Frankl oferecem valiosas contribuições para a compreensão de como essas crises moldam o crescimento e o amadurecimento da criança. As crises não devem ser vistas apenas como momentos de sofrimento ou dificuldade, mas como oportunidades para a

---

<sup>152</sup> ERIKSON, 1997, p. 78.

<sup>153</sup> PIAGET, 1998, p. 41.

<sup>154</sup> KOHLBERG, 1984, p. 91.

criança desenvolver novas habilidades, aprofundar sua compreensão do mundo e construir uma identidade sólida. As crises que surgem ao longo da infância, quando bem enfrentadas, podem levar ao desenvolvimento de uma personalidade resiliente e a uma maior capacidade de enfrentar os desafios da vida adulta.

A seguir, aborda-se a temática das emoções, através da inteligência emocional, explicando alguns conceitos e como ela pode acontecer na prática do cotidiano sendo um auxílio para as pessoas adultas usarem e ensinarem para as crianças.

## 4 OS DESAFIOS DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

A inteligência emocional, definida como a capacidade de reconhecer, compreender e gerir as próprias emoções e as dos outros, desempenha um papel crucial na maneira como as pessoas lidam com crises. No âmbito educacional, a integração da inteligência emocional com a espiritualidade cristã pode proporcionar as pessoas uma base sólida para o desenvolvimento pessoal e acadêmico. Pessoas educadoras que incentivam a prática da espiritualidade e a reflexão emocional contribuem para a formação de seres humanos mais equilibrados e compassivos.<sup>155</sup>

Portanto, no decorrer do capítulo, analisa-se como a fé e a espiritualidade cristã podem ser exercitadas para enfrentar crises da vida e como a inteligência emocional pode ser integrada na educação para promover um desenvolvimento completo e equilibrado dos estudantes. Através de uma abordagem que combina espiritualidade e inteligência emocional, busca-se uma educação que não apenas transmita conhecimento, mas também forme pessoas conscientes, resilientes e espiritualmente fortalecidas.

### 4.1 AS DIVERSAS INTELIGÊNCIAS: INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Ao investigar sobre o tema das inteligências, percebe-se a existência de diversas variações de inteligência. Por exemplo, a teoria das Inteligências Múltiplas, proposta por Howard Gardner, sugere que a inteligência não é uma entidade única, mas uma combinação de várias competências específicas. Gardner identifica inicialmente sete tipos distintos de inteligência: linguística, lógico-matemática, espacial, musical, corporal-cinestésica, interpessoal e intrapessoal. Posteriormente, ele adicionou mais duas: naturalista e existencial.<sup>156</sup> Esta teoria enfatiza que as

---

<sup>155</sup>GOLEMANN, Daniel. *Inteligência Emocional: A teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

<sup>156</sup>GARDNER, H. *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*. New York: Basic Books. p. 15-34, 1983.

diferentes formas de inteligência são igualmente importantes e que cada indivíduo possui um perfil único de habilidades cognitivas.

A teoria das inteligências múltiplas sugere que a educação deve ser personalizada para se adequar aos diferentes estilos de aprendizagem dos e das estudantes. Gardner defende um currículo diversificado que permita ao aluno e aluna desenvolver suas variadas inteligências. As abordagens pedagógicas baseadas nessa teoria incluem: Diferenciação de Instrução, ou seja, a adaptação do ensino para atender às necessidades individuais dos alunos; Projetos e Atividades Multimodais que incluiria o uso de atividades variadas que engajem diferentes inteligências, como música, arte, jogos matemáticos, dramatizações e trabalho em grupo; a Avaliação Diversificada - recomenda-se a avaliação do progresso dos alunos através de métodos que vão além dos testes tradicionais, incluindo portfólios, apresentações e projetos.

Gardner revolucionou a compreensão de inteligência ao desafiar a visão tradicional de inteligência única. Embora controversa, a teoria trouxe à tona a importância de reconhecer e nutrir as diversas habilidades e potencialidades dos indivíduos, particularmente no contexto educacional. Gardner continua a influenciar práticas pedagógicas e a inspirar educadores a adotar abordagens mais inclusivas e abrangentes para o ensino e a aprendizagem.

#### **4.1.1 As diversas inteligências: Inteligência Espiritual**

Uma outra Inteligência que pode ser destacada é a Inteligência Espiritual abordada por Zohar e Marshall:

Inteligência espiritual pode ser definida como a capacidade de encontrar e viver com propósito e significado na vida, sendo uma dimensão fundamental do ser humano que está relacionada à busca pelo sentido e à capacidade de transcender as circunstâncias cotidianas.<sup>157</sup>

A inteligência espiritual (IS) é uma dimensão relativamente nova no campo dos estudos sobre inteligência, mas que vem ganhando atenção significativa pela sua

---

<sup>157</sup> ZOHAR, D.; MARSHALL, I. SQ: *Spiritual Intelligence. The Ultimate Intelligence*. London: Bloomsbury Publishing, p.3, 2000.

importância na compreensão integral do ser humano. A inteligência espiritual é definida como a capacidade de usar, aplicar e integrar a espiritualidade na vida cotidiana, facilitando a busca por propósito, significado e a capacidade de transcender as circunstâncias adversas.

Segundo Zohar e Marshall, a inteligência espiritual é a capacidade de "acessar e usar os significados mais profundos, os valores mais elevados e a motivação fundamental que nos guia na vida"<sup>158</sup>. Os autores argumentam que essa forma de inteligência é essencial para um entendimento holístico do ser humano, pois envolve a integração de todos os aspectos da vida, incluindo o físico, mental, emocional e espiritual.

Vaughan complementa essa visão ao definir a inteligência espiritual como a "capacidade de compreender as questões existenciais da vida, encontrar significado nos eventos cotidianos e desenvolver uma conexão com algo maior do que o eu individual"<sup>159</sup>. Para Vaughan, a IS é crucial para o desenvolvimento pessoal, pois ajuda os indivíduos a enfrentar desafios com resiliência e a encontrar um senso de propósito que transcende o materialismo.

Diversos estudos sugerem que a inteligência espiritual está associada a vários benefícios psicológicos e sociais. Por exemplo, Emmons<sup>160</sup> propõe que a IS pode melhorar a saúde mental e o bem-estar ao promover a resiliência emocional, a empatia e a capacidade de perdoar. Ele sugere que indivíduos com alta inteligência espiritual tendem a ter melhores habilidades de enfrentamento, maior satisfação com a vida e relacionamentos mais significativos.

Além disso, a inteligência espiritual tem sido vinculada a práticas éticas e comportamentos morais. King e DeCicco<sup>161</sup> argumentam que a IS envolve a aplicação de princípios espirituais em decisões diárias, promovendo ações que refletem compaixão, altruísmo e justiça. Eles sugerem que essa forma de inteligência pode ser desenvolvida e aprimorada através de práticas como a meditação, reflexão pessoal e envolvimento em comunidades espirituais.

---

<sup>158</sup> ZOHAR; MARSHALL, 2000, p. 10.

<sup>159</sup> VAUGHAN, Frances. What is Spiritual Intelligence?. *Journal of Humanistic Psychology*, v.42, n.1, p.16-33, 2002.

<sup>160</sup> EMMONS, R. A. Is spirituality an intelligence? Motivation, cognition, and the psychology of ultimate concern. *International Journal for the Psychology of Religion*, v. 10, n. 1, p. 3-26, 2000.

<sup>161</sup> KING, David. B.; DECICCO, Thomas. L. A viable model and self-report measure of spiritual intelligence. *International Journal of Transpersonal Studies*, v. 28, n. 1, p. 68-85, 2009.

Portanto, a inteligência espiritual representa uma dimensão vital e enriquecedora da experiência humana. Ela não só oferece uma estrutura para a compreensão profunda e significativa da vida, mas também promove a integração de valores espirituais na prática diária, resultando em uma existência mais plena e realizada.

#### **4.1.1.1 A conexão entre as diversas inteligências**

A inteligência emocional é uma capacidade essencial para o desenvolvimento pessoal e profissional de indivíduos. Ela envolve a habilidade de reconhecer, compreender e controlar as próprias emoções, assim como saber lidar com as emoções dos outros. Outrossim, ela contribui para a melhoria da comunicação, do relacionamento interpessoal e da resolução de conflitos. Através da inteligência emocional, é possível desenvolver competências como empatia, autoconhecimento, automotivação e habilidades sociais, que são fundamentais para o sucesso em diversos contextos oferece uma perspectiva interessante para o desenvolvimento infantil. Goleman ao introduzir o conceito de inteligência emocional, destacou que a habilidade de gerenciar emoções é crucial para o sucesso pessoal e interpessoal<sup>162</sup>. Danah Zohar, por sua vez, complementa essa visão ao afirmar que a inteligência espiritual oferece um contexto maior no qual as emoções são interpretadas e compreendidas<sup>163</sup>.

Na infância essa interseção é particularmente relevante, uma vez que a criança ainda está desenvolvendo sua capacidade de lidar com emoções complexas. A espiritualidade, ao promover a reflexão sobre questões transcendentais, pode ajudar as crianças a desenvolver uma maior autoconsciência e empatia, habilidades fundamentais para o desenvolvimento da inteligência emocional. Além disso, a prática da espiritualidade pode incentivar as crianças a cultivar emoções positivas, como gratidão e compaixão, que estão diretamente ligadas à inteligência emocional<sup>164</sup>.

---

<sup>162</sup> GOLEMAN, 1995, p. 58

<sup>163</sup> ZOHAR, 2010, p. 94.

<sup>164</sup> ZOHAR, 2010, p. 94.

A capacidade de compreender as emoções e utilizá-las de forma adequada pode influenciar diretamente a tomada de decisões, na liderança e na realização de metas. Além disso, a inteligência emocional também está relacionada à saúde mental e ao bem-estar. O autocontrole e a capacidade de lidar com o estresse e a pressão são importantes para evitar o desenvolvimento de problemas como ansiedade e depressão.

Ao promover a espiritualidade na educação infantil, os educadores buscam cultivar o autoconhecimento nas crianças. Isso envolve ajudá-las a reconhecer, entender e expressar suas próprias emoções. Através de atividades lúdicas, histórias e interações sociais, as crianças começam a identificar e nomear suas emoções, estabelecendo as bases para a autenticidade emocional. Além disso, esse desenvolvimento na primeira infância contribui significativamente para a autorregulação emocional. À medida que as crianças aprendem a reconhecer e compreender suas emoções, também começam a desenvolver estratégias para lidar com situações desafiadoras. A autorregulação emocional é fundamental para o equilíbrio emocional e para a construção de resiliência e da espiritualidade, habilidades que serão essenciais ao longo de suas vidas.<sup>165</sup>

Portanto, a inteligência emocional desempenha um papel fundamental na vida das pessoas, contribuindo para o seu crescimento pessoal e profissional. Ela possibilita o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais importantes, além de contribuir para o bem-estar mental e a qualidade de vida.

Nesse sentido, esta parte da pesquisa busca destacar a importância da inteligência emocional como um componente essencial para a vivência da fé. A capacidade de compreender e gerenciar emoções pode servir como um meio eficaz de auxiliar as crianças a enfrentarem crises e desafios, mantendo sua fé firme e resiliente. Ao investigar essas interações, pretende-se oferecer uma contribuição significativa para a compreensão da espiritualidade cristã na infância, identificando caminhos e estratégias para promover uma vivência da fé que seja enriquecedora e significativa, mesmo em um mundo pós-pandemia. Haja vista que a pandemia da Covid-19 teve impactos profundos e abrangentes na vida das pessoas em diversos aspectos, incluindo saúde mental, economia, educação e vida social.

---

<sup>165</sup> JANKAUSKAS, Rosi Meri Bukowitz. *Habilidades socioemocionais na educação infantil: um convite à espiritualidade*. Revista Científica FESA, v. 3, n. 13, p.02, 2024

A partir da perspectiva da Saúde Mental<sup>166</sup>, podemos ver que o isolamento social, o medo da doença e a incerteza econômica aumentaram significativamente os níveis de ansiedade, depressão e outros transtornos mentais. Já na área da educação, houve a suspensão das aulas presenciais, o que levou à adoção do ensino remoto, e evidenciou disparidades no acesso à tecnologia e educação de qualidade. Outro ponto que também não poderia ser deixado de lado, é a vida social e isolamento, pois o distanciamento social alterou drasticamente as interações sociais, afetando a coesão comunitária e os relacionamentos interpessoais.

#### **4.2 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL: CONCEITOS FUNDAMENTAIS E ESTRATÉGIAS PRÁTICAS DE APLICAÇÃO**

A mente emocional é muito mais rápida que a racional, agindo irrefletidamente, sem parar. Essa rapidez exclui a reflexão deliberada, analítica, que caracteriza a mente racional.<sup>167</sup> A infância desempenha um papel crucial no desenvolvimento da consciência emocional, promovendo habilidades como empatia e compreensão mútua.

A consciência emocional é fomentada na educação infantil através do reconhecimento das emoções não apenas em si mesmas, mas também nos outros. A empatia e a compreensão das diferentes perspectivas emocionais são habilidades fundamentais que se originam da consciência emocional e contribuem para o desenvolvimento de relações interpessoais saudáveis.<sup>168</sup>

Diante de inúmeros acontecimentos do dia a dia, existem mecanismos que auxiliam a refletir e a agir, por exemplo, a SOCS (situação, opções, consequência, soluções), que tem como condução pensar sobre a situação e como ela nos faz sentir;

---

<sup>166</sup> SCORSOLINI-COMIN, Fabio; ROSSATO, Lucas; SANTOS, Manoel Antônio dos. Saúde mental, experiência e cuidado: implicações da pandemia de COVID-19. *Revista da SPAGESP*, Ribeirão Preto, SP, jul./dez. 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702020000200001](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000200001). Acesso em: 2 jun. 2024.

<sup>167</sup> GOLEMANN, Daniel. *Inteligência Emocional: A teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 305.

<sup>168</sup> JANKAUSKAS, R. M. B. *Habilidades socioemocionais na educação infantil: um convite à espiritualidade*. 2024. p.02.

pensar nas opções para solucionar o problema e quais podem ser suas consequências; e escolher uma solução e executá-la.<sup>169</sup>

Alfabetização emocional implica um mandato ampliado nas escolas, atuando no lugar de famílias que nem sempre dão conta de todas as demandas na socialização de suas crianças. Essa temerária tarefa exige duas grandes mudanças: que os professores e professoras possam ir além de sua missão tradicional e que as pessoas na comunidade se envolvam mais com as escolas. Inclusive, diversas instituições de ensino infantil propõem como atrativo, atualmente, a educação da Inteligência Emocional para as crianças cujos pais e mães se mostram ansiosos e ansiosas por um ensino diferenciado e voltado para o desenvolvimento do cidadão.<sup>170</sup>

À medida que as crianças avançam em seu crescimento e desenvolvimento, as experiências socioemocionais tornam-se elementos fundamentais para sua saúde mental e bem-estar global. O reconhecimento dessa dimensão transcende o enfoque tradicionalmente centrado nas habilidades acadêmicas, ao integrar a compreensão de como as emoções, as relações interpessoais e as competências socioemocionais contribuem de maneira decisiva para o desenvolvimento holístico da criança.

Se há ou não uma classe explicitamente dedicada à alfabetização emocional, o que importa realmente é como se ensinam essas lições. Talvez não exista outro tema que seja mais importante que a qualificação da pessoa educadora, uma vez que a maneira como ela lida com seus estudantes é, por si só, um modelo, uma lição de competência ou incompetência emocional. Sempre que uma pessoa educadora responde a uma pessoa estudante, vinte ou trinta outros aprendem uma lição.<sup>171</sup>

Ao abordar a raiva, é fundamental ensinar às crianças que ela costuma ser uma reação secundária, muitas vezes mascarando emoções mais profundas, como mágoa ou ciúme. Essa compreensão permite que identifiquem as verdadeiras causas de seus sentimentos, promovendo uma reflexão consciente sobre o que está por trás da manifestação emocional. Através desse processo, as crianças aprendem que existem diferentes formas de reagir às emoções, ampliando seu repertório emocional. Quanto maior for a capacidade de lidar com os próprios sentimentos, mais

---

<sup>169</sup> GOLEMANN, 2012. p. 296.

<sup>170</sup> MAYER; CARUSO; SALOVEY, 2000 apud ROBERTS, R. D.; FLORES-MENDOZA, C. E.; DO NASCIMENTO, E. Inteligência emocional: Um construto científico? *Paidéia*, v. 12, n. 23, 2002, p.77-92.

<sup>171</sup> GOLEMANN, 2012, p. 294.

enriquecedora se torna a experiência de viver, pois isso promove equilíbrio, resiliência e relações mais saudáveis.<sup>172</sup>

A partir do momento em que damos ênfase nas dimensões emocionais e sociais não só aprimoramos a qualidade da educação, como também capacitamos as crianças a enfrentarem os desafios da vida com resiliência, empatia e uma consciência mais profunda de si mesmas e das relações interpessoais. Abordamos agora definições essenciais da inteligência emocional:

Salovey, com seu colega John Mayer, propôs uma definição elaborada de inteligência emocional, expandindo essas aptidões em cinco domínios principais: 1) conhecer as próprias emoções; 2) lidar com as emoções; 3) motivar-se; 4) reconhecer emoções nos outros; 5) lidar com relacionamentos.<sup>173</sup>

A inteligência emocional é uma competência essencial que permite compreender, interpretar e lidar de forma eficaz com as emoções, integrando-as ao raciocínio e à resolução de problemas.

A habilidade para reconhecer o significado das emoções e suas inter-relações, assim como raciocinar e resolver problemas baseados nelas. A inteligência emocional está envolvida na capacidade de perceber emoções, assimilá-las com base nos sentimentos, avaliá-las e gerenciá-las.<sup>174</sup>

A administração das emoções pode ser considerada mais produtiva quando começa com uma capacidade de abertura que permite que elas, sendo positivas ou negativas, passem a fazer parte do sistema de inteligência. Ou seja, a administração instiga a experiência das emoções, embora, nem sempre, a sua expressão. Isso ocorre porque a divisão da administração emocional trabalha juntamente com outros aspectos da inteligência emocional.<sup>175</sup>

Habilidades relacionadas com os fatores intrapessoais da inteligência emocional são: 1) a habilidade de ser consciente de si, entender-se, aceitar-se e respeitar-se; 2) a habilidade de reconhecer e entender os próprios sentimentos e 3) a habilidade de expressar sentimentos, crenças e pensamentos.<sup>176</sup>

---

<sup>172</sup> GOLEMANN, 2012, p.283.

<sup>173</sup> GOLEMANN, 2012, p.06.

<sup>174</sup> MAYER; CARUSO; SALOVEY, 2000 apud ROBERTS, R. D.; FLORES-MENDOZA, C. E.; DO NASCIMENTO, E., 2002, p.78.

<sup>175</sup> BAR-ON, Reuven; Parker, James D. A. *Manual de Inteligência Emocional*. Teoria e aplicação em casa, na escola e no trabalho. Porto Alegre: ARTMED, 2002. p. 92.

<sup>176</sup> BAR-ON, Reuven; Parker, James D. A., 2002. p.105.

É salutar lembrar que o objetivo do treinamento das emoções é explorá-las e compreendê-las, não é eliminá-las. Ao promover a compreensão e expressão emocional desde cedo, os educadores cultivam as habilidades socioemocionais essenciais que contribuem para a saúde mental e emocional das crianças.<sup>177</sup> Mayer e Salovey afirmam que a inteligência emocional é a capacidade de perceber, integrar, compreender e regular as emoções para promover o crescimento emocional e intelectual.<sup>178</sup> Se a criança está triste, é necessário reconhecer a tristeza, entender o motivo do sentimento, para então lidar com ele. Em curto prazo, pode parecer mais fácil não dar importância a sentimentos negativos da criança, ignorá-la e torcer para que se ajeite sozinha, entretanto, isso pode ocasionar situações opostas aos benefícios do treinamento da inteligência emocional.<sup>179</sup>

A inteligência emocional é um dos conceitos psicológicos mais populares e recentes desta última década. Acredita-se que ela esteja associada à capacidade das pessoas de perceber e gerenciar suas próprias emoções assim como perceber e, porque não, conduzir as dos outros. Sua rápida absorção pela sociedade deve-se à crença de que a IE está relacionada tanto ao bem-estar do indivíduo quanto ao seu sucesso profissional. Em função de tal associação, diversas medidas foram criadas para avaliar o construto.<sup>180</sup>

As contraposições entre os principais autores sobre inteligência emocional refletem as complexidades e as nuances desse campo de estudo. Enquanto Goleman popularizou o conceito de IE com uma abordagem ampla e aplicável ao mundo dos negócios e da educação, Mayer e Salovey oferecem uma base mais acadêmica e restrita. Bar-On e Bradberry e Greaves contribuem com modelos práticos e específicos que tentam medir e aplicar a IE de maneiras tangíveis. As críticas e debates sobre a validade e a aplicabilidade da IE continuam a estimular a investigação e a discussão acadêmica.

Em um estudo recente, foi observado que as crianças se beneficiam significativamente quando suas famílias fazem uso dos recursos da inteligência emocional. De acordo com Goleman, a inteligência emocional refere-se à capacidade

---

<sup>177</sup> JANKAUSKAS, 2024. p.05.

<sup>178</sup> MAYER, J.D.; SALOVEY, P. What is emotional intelligence? In: P. SALOVEY; D. SLUYTER (Ed.), *Emotional development and emotional intelligence: Educational implications*. New York: Basic Books. p. 3-31. 1997.

<sup>179</sup> GOTTMAN, John; DeCLAIRE, Joan. *Inteligência Emocional e a Arte de Educar Nossos Filhos*. Como aplicar os conceitos revolucionários da inteligência para uma compreensão da relação entre pais e filhos. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. p.128.

<sup>180</sup> ROBERTS, R. D.; FLORES-MENDOZA, C. E.; DO NASCIMENTO, E. Inteligência emocional: Um construto científico? *Paidéia*, v. 12, n. 23, 2002, p.77-92.

de reconhecer, compreender e gerenciar tanto as próprias emoções quanto as emoções dos outros. Nesse contexto, a utilização de recursos como a empatia, o autocontrole emocional e a comunicação eficaz pelos membros da família podem contribuir para o desenvolvimento saudável e equilibrado das crianças.<sup>181</sup>

Os impactos do desenvolvimento socioemocional e espiritual na educação infantil estendem-se para além do contexto escolar, moldando as habilidades e atitudes das crianças na adolescência e idade adulta. Indivíduos que foram expostos a um ambiente que valoriza a expressão emocional, a empatia e a busca por significado têm mais probabilidade de se tornarem adultos resilientes, capazes de estabelecer relacionamentos interpessoais saudáveis e enfrentar desafios com uma perspectiva equilibrada.<sup>182</sup>

Além disso, estudos indicam que o apoio emocional e a segurança proporcionados pela interação familiar baseada na inteligência emocional podem favorecer a regulação emocional das crianças, promovendo a sua resiliência e bem-estar psicológico.<sup>183</sup> Dessa forma, é evidente que as práticas familiares que incorporam os princípios da inteligência emocional representam um elemento essencial no processo de desenvolvimento infantil.

A espiritualidade, quando tratada de forma inclusiva e com respeito à diversidade, emerge como uma força capaz de transcender barreiras culturais, promovendo uma coesão social que reflete uma sociedade mais compreensiva e solidária. Nesse sentido, o investimento na promoção de habilidades socioemocionais e na integração da espiritualidade na educação de crianças ultrapassa a mera estratégia pedagógica; trata-se de um compromisso profundo com o desenvolvimento holístico das futuras gerações.

Esta abordagem inovadora e abrangente, ao valorizar o equilíbrio emocional, relacional e espiritual, não apenas enriquece a experiência educacional atual das crianças, mas também semeia as bases para que elas se tornem agentes de um futuro mais compassivo, consciente e pleno de significado. A intersecção entre educação, espiritualidade e desenvolvimento socioemocional revela-se, portanto, essencial para a formação de indivíduos capazes de contribuir de forma significativa para uma sociedade mais humanizada e integradora.

---

<sup>181</sup> BAR-ON, R. The Bar-On model of emotional-social intelligence (ESI). *Psicothema*, v.18, 2006, p.13-25.

<sup>182</sup> JANKAUSKAS, 2024. p.06.

<sup>183</sup> GOTTMAN, John.; DECLAIRES, Joan. *Raising an emotionally intelligent child*. New York: Simon and Schuster, 1998.

### 4.3 ESPIRITUALIDADE NA INFÂNCIA E A VIVÊNCIA DA FÉ

A vivência da fé na infância é muitas vezes mediada pela mãe e pelo pai, pela comunidade e pela escola, sendo estes os primeiros agentes de socialização que introduzem a criança a conceitos espirituais e religiosos. Segundo Maria Isabel Carneiro, as crianças experienciam a espiritualidade através de perguntas existenciais sobre a vida, a morte e o propósito, muitas vezes associando esses questionamentos a práticas religiosas<sup>184</sup>.

A fé, nesse contexto, oferece uma estrutura para que a criança entenda essas questões, fornecendo uma base para lidar com sentimentos complexos como medo, ansiedade e incerteza. A vivência da fé pode, assim, atuar como um canal para que a criança explore sua própria espiritualidade e desenvolva valores éticos e morais que a ajudarão a se guiar na vida.

A relação entre fé e espiritualidade na infância não é apenas uma questão de prática religiosa, mas também de construção identitária. A fé oferece um sentido de pertença, permitindo que a criança se sinta conectada a algo maior, seja uma comunidade religiosa, uma tradição familiar ou um conceito transcendente de divindade. Essa vivência da fé é fundamental para o desenvolvimento de uma espiritualidade saudável, que pode ser vista como uma base para o desenvolvimento emocional e social da criança.

A inteligência emocional refere-se à capacidade de reconhecer, compreender e gerenciar as próprias emoções, bem como a habilidade de reconhecer e influenciar as emoções dos outros<sup>185</sup>. Nos últimos anos, pesquisadores e pesquisadoras, têm explorado como a espiritualidade pode contribuir para o desenvolvimento da inteligência emocional, especialmente na infância. Uma vez que a espiritualidade envolve introspecção, reflexão sobre questões profundas e a busca de significado, ela pode fornecer às crianças as ferramentas necessárias para lidar com suas emoções de forma saudável e construtiva.

---

<sup>184</sup> CARNEIRO, 2021, p. 68.

<sup>185</sup> GOLEMAN, 1995, p. 43.

Danah Zohar, em sua obra *QS: Inteligência Espiritual*, explora a relação entre inteligência emocional, espiritual e intelectual, propondo que a inteligência espiritual é a base para as outras formas de inteligência, porque lida com questões de propósito e significado<sup>186</sup>. A espiritualidade, nesse sentido, oferece uma plataforma para que as crianças não apenas compreendam suas emoções, mas também as conectem com uma visão mais ampla do mundo e do seu papel nele. Zohar argumenta que:

a inteligência espiritual é fundamental para o desenvolvimento da inteligência emocional, porque ela ajuda a criança a contextualizar suas emoções dentro de um quadro maior de compreensão e aceitação. Ao vivenciar a fé e praticar a espiritualidade, as crianças são incentivadas a refletir sobre seus sentimentos de maneira mais profunda, o que lhes permite desenvolver empatia, autocontrole e uma capacidade de lidar com o sofrimento.<sup>187</sup>

Este processo pode ser especialmente benéfico na infância, quando as crianças estão começando a formar suas identidades emocionais e espirituais.

#### **4.3.1 Estratégias para desenvolver a espiritualidade e a inteligência emocional na infância**

Promover a espiritualidade e a inteligência emocional na infância requer uma abordagem holística, que envolva tanto a família quanto a escola. Jankauskas<sup>188</sup> propõe a meditação como uma ferramenta eficaz para ajudar as crianças a desenvolverem a autoconsciência e a regulação emocional. A prática meditativa não só promove o relaxamento e a concentração, mas também oferece um espaço para a criança refletir sobre suas emoções e seu propósito, facilitando o desenvolvimento da inteligência emocional e espiritual.

Além da meditação, a participação em rituais religiosos e comunitários pode oferecer às crianças oportunidades para vivenciar a fé de forma prática e emocionalmente significativa. Marinésia Souto e Laude Erandi Brandenburg<sup>189</sup> exploram o impacto de rituais religiosos, como a Ceia, na espiritualidade infantil,

---

<sup>186</sup> ZOHAR, 2010, p. 72.

<sup>187</sup> ZOHAR, 2010, p. 85.

<sup>188</sup> JANKAUSKAS, 2024.

<sup>189</sup> SOUTO, BRANDENBURG, 2023.

argumentando que esses momentos podem ajudar as crianças a internalizar valores éticos e espirituais enquanto desenvolvem uma compreensão mais profunda de suas emoções e relacionamentos<sup>190</sup>.

A educação desempenha um papel central no desenvolvimento tanto da espiritualidade quanto da inteligência emocional. Segundo Jankauskas, as escolas devem criar ambientes que incentivem o desenvolvimento socioemocional e espiritual das crianças, oferecendo espaços de diálogo e reflexão sobre questões éticas e existenciais<sup>191</sup>. Esses ambientes permitem que as crianças explorem suas emoções dentro de um contexto que valoriza o respeito, a empatia e a conexão com a outra pessoa, aspectos essenciais tanto para a inteligência emocional quanto para a espiritual.

A obra "*Falar e silenciar: por uma cultura do diálogo atencioso*"<sup>192</sup> de Anselm Grün explora a importância do diálogo consciente e do silêncio como práticas que promovem uma comunicação mais significativa e profunda. Grün propõe que o ato de falar e silenciar deve ser guiado por uma escuta atenta e pela capacidade de compreender o outro em sua totalidade, enfatizando a necessidade de uma cultura de diálogo baseada no respeito e na atenção. No contexto da espiritualidade na infância, esses conceitos adquirem um significado especial, uma vez que o desenvolvimento espiritual das crianças pode ser profundamente influenciado pela maneira como elas aprendem a se comunicar e a vivenciar o silêncio.

Grün destaca que o silêncio, muitas vezes negligenciado em uma sociedade que valoriza a expressão verbal constante, é essencial para a construção de uma comunicação mais rica e espiritual. O silêncio, para ele, não é apenas ausência de palavras, mas um espaço de introspecção e escuta profunda, onde o indivíduo se conecta com suas emoções e com o transcendente<sup>193</sup>. Na infância, essa capacidade de se interiorizar e refletir sobre o mundo pode ser fundamental para o desenvolvimento de uma espiritualidade saudável. O silêncio oferece à criança um espaço seguro para explorar suas dúvidas, medos e curiosidades existenciais,

---

<sup>190</sup> SOUTO, BRANDENBURG, 2023, p. 167.

<sup>191</sup> JANKAUSKAS, 2024, p. 135.

<sup>192</sup> GRÜN, Anselm. *Falar e silenciar: por uma cultura do diálogo atencioso*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 201.

<sup>193</sup> GRÜN, 2017, p. 48.

permitindo que ela desenvolva um sentido mais profundo de si mesma e do mundo ao seu redor.

No processo educativo, o diálogo atencioso descrito por Grün também pode ser uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento espiritual das crianças. Ao aprenderem a ouvir com atenção e a se expressarem de maneira respeitosa, as crianças são incentivadas a desenvolver empatia e compaixão, elementos essenciais para uma vida espiritual plena. Quando os pais, as mães e pessoas educadoras praticam esse tipo de diálogo, eles e elas não apenas modelam um comportamento ético e emocionalmente saudável, mas também proporcionam à criança um ambiente onde ela se sente compreendida e respeitada em suas necessidades e expressões espirituais.<sup>194</sup>

Assim, a espiritualidade na infância pode ser nutrida tanto pelo silêncio quanto pelo diálogo, conforme descrito por Anselm Grün. O desenvolvimento da habilidade de falar e silenciar de maneira consciente e atenciosa permite que as crianças cultivem uma espiritualidade que não se limita à prática religiosa, mas que permeia suas relações interpessoais e sua própria compreensão de si mesmas. A prática do silêncio e do diálogo oferece às crianças ferramentas para navegar pelas complexidades emocionais e espirituais de suas vidas, promovendo um desenvolvimento integral que envolve corpo, mente e espírito.

#### **4.4 A IMPORTÂNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS**

Ao olhar para trás na história da humanidade, sendo em livros, histórias, filmes ou séries, podemos notar uma grande alteração no papel da educação. As crianças eram educadas nos lares, em sua grande parte pelas mulheres, pelas mães. Os pais eram responsáveis por gerar o sustento financeiro da casa, enquanto a mulher administrava o lar e as tarefas domésticas.<sup>195</sup>

---

<sup>194</sup> GRÜN, 2017, p. 62.

<sup>195</sup> ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Cia. das Letras, 1981.

Com o decorrer dos anos, foram surgindo as escolas, então as crianças puderem ter acesso à educação num contexto diferente. Mulheres tiveram a oportunidade de conseguir um emprego fora do contexto do lar. As mudanças nos padrões da sociedade foram mudando, outro exemplo é a quantidade de filhos e filhas que uma família costuma ter, antes era comum ter pelo menos cinco crianças, hoje em dia, nota-se que a família tem um filho ou uma filha. E nesse novo contexto, ocorre, muitas vezes, de não conseguirem acompanhar a educação de seu filho ou filha, e, por consequência, acabam projetando na escola o papel fundamental de passar valores, deveres, aspectos sociais e emocionais para as crianças. Nessa linha de pensamento vem a pergunta: qual seria a função da escola na vida das crianças?

E esse é o problema: a inteligência acadêmica não oferece praticamente nenhum preparo para a oportunidade que ocorre na vida. Apesar de um QI alto não ser nenhuma garantia de prosperidade, prestígio ou felicidade na vida, nossas escolas e nossa cultura privilegiam a aptidão no nível acadêmico, ignorando a inteligência emocional, um conjunto de traços – alguns chamariam de caráter – que também exerce um papel importante em nosso destino pessoal.<sup>196</sup>

Acreditamos que deve existir um equilíbrio entre a família que cuida da criança e o papel da escola e seus educadores. Vejamos uma situação que pode acontecer com frequência em casa, na escola ou em qualquer lugar público: uma criança está com raiva devido ao fato de alguém ter pegado um brinquedo seu, então, por impulso, ela bate em outra criança. Geralmente, a pessoa adulta que acompanha tem a tendência de falar para a criança “pare com isto”, mas isto não iria diminuir a raiva, muito pelo contrário. Entretanto, quando a criança assume o que está sentindo verbalizando, por exemplo, “o que estou sentindo é raiva”, cria-se um grau de liberdade para poder sentir e também livrar-se do sentimento.<sup>197</sup>

Quando a criança tem a orientação de uma pessoa adulta, a situação pode acontecer de maneira bem diferente. Neste sentido, reconhecer o que está acontecendo e como lidar com as emoções do momento é muito importante. E essa orientação pode acontecer tanto em casa, como também na escola. Por isso, a busca por aplicar a inteligência emocional na prática é fundamental para o desenvolvimento do ser humano.

---

<sup>196</sup> GOLEMANN, 2012. p.61.

<sup>197</sup> GOLEMANN, 2012. p.72.

A incapacidade de tomar decisão é o importante papel que o sentimento desempenha na navegação pela interminável corrente das decisões pessoais da vida. Embora sentimentos fortes possam causar devastações no raciocínio, a falta de consciência do sentimento também pode ser destrutiva, sobretudo no avaliar decisões das quais depende em grande parte, o nosso destino: que carreira seguir, se ficar num emprego seguro ou arriscar-se em outro mais atraente, com quem namorar ou casar, onde viver, que apartamento alugar ou que casa comprar – sempre e sempre pela vida afora. Essas decisões não podem ser tomadas apenas através do uso da razão; exigem intuição e a sabedoria emocional que acumulamos de experiências passadas.<sup>198</sup>

Qual seria, portanto, a importância da família no auxílio da educação dos seus filhos e filhas? Golemann aponta um exemplo da diferença que a presença dos pais e das mães podem fazer através de algo que acontece com estudantes asiáticos nas escolas e profissões americanas.

Boa parte dos familiares americanos aceita o fato de que os seus filhos e suas filhas são mais fracos e fracas em determinadas disciplinas e investirem mais naquelas em que se saem melhor, entretanto, para as pessoas asiáticas, o comportamento é o inverso: estudar mais à noite, e se ainda assim não dá certo, levantar-se mais cedo e estudar de manhã. É neste sentido que a inteligência emocional é uma aptidão mestra, uma capacidade que afeta profundamente todas as outras, facilitando ou interferindo nelas.<sup>199</sup>

Existem inúmeras variáveis e circunstâncias que influenciam o sucesso ou insucesso escolar, como sejam a inteligência, o esforço, a dificuldade da tarefa, o cansaço, os currículos e as atividades programadas, a escola e a influência do professor, entre outros. Formosinho (1987), citado em Almeida et al. (2006,) refere que os fatores sociais como a família, a linguagem, as atitudes face ao conhecimento e à escola, as condições de acesso a material didático, a vida social, entre outros, irão influenciar o sucesso/insucesso escolar. Acrescenta ainda o mesmo autor que são também importantes os fatores relacionados com a escola, políticas educativas, qualidade da estrutura física, os manuais escolares, métodos de avaliação, o corpo docente, entre outros.<sup>200</sup>

Para que uma criança possa ir para a escola é necessário que ela já tenha o conhecimento básico: como aprender. Para essa aptidão, estão interligadas sete habilidades, sendo elas: confiança, curiosidade, intencionalidade, autocontrole,

<sup>198</sup> GOLEMANN, 2012. p.77.

<sup>199</sup> GOLEMANN, 2012. p.103.

<sup>200</sup> SILVA, Daniel Marques; DUARTE, João Carvalho. Sucesso Escolar e Inteligência Emocional. *Millenium*, n. 42, jan./jun. 2012. p.70. Disponível em: <https://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/1200>. Acesso em: 10 jun. 2024.

relacionamento, capacidade de comunicar-se, cooperatividade.<sup>201</sup> Todos esses saberes são ensinados e exercitados diariamente, seja na curiosidade de experimentar um alimento novo, em compartilhar um brinquedo com o irmão ou parente, tudo isso é ensinado (in)diretamente para as crianças todos os dias.

Passamos a outro aspecto agora, como acontece a relação entre as famílias e seus filhos e suas filhas? Um exemplo para evidenciar isso pode ser descrito através da criação de laços com os bebês. Existem duas versões diferentes, a primeira é quando um bebê chora à noite, a mãe acorda, então o amamenta e o olha com carinho; a segunda ocasião é quando o bebê chora durante a noite, e a mãe o trata com indiferença e hostilidade. Com isso, podemos concluir que o primeiro bebê pode contar com as pessoas ao seu redor quando necessita de algo, em contrapartida, o segundo bebê aprende que as pessoas próximas não se importam com ele, apesar de seus esforços.<sup>202</sup>

A família tem a capacidade de interferir nas atitudes de suas crianças de diversas formas, a saber: através de conversas sobre seus sentimentos e de como compreendê-los, não sendo críticos nem julgadores, solucionando problemas de sofrimento sentimental ou ensinando-lhes o que fazer. Tudo isso são alternativas mais respeitadas, diferentemente de usar a violência física ou retirar-se de perto quando a criança está triste.

Vivemos tempos de famílias economicamente precárias, em que os pais trabalham muitas horas, de modo que os filhos são deixados por sua própria conta e risco ou aos cuidados da televisão, a baba substituta; em que mais crianças do que nunca são criadas na pobreza; em que famílias de um só pai ou mãe são cada vez mais comuns; em que mais bebês e crianças pequenas são deixados em creches tão mal equipadas que equivalem ao abandono. Tudo isso acarreta, mesmo para pais bem intencionados, a perda, cada vez maior, de incontáveis oportunidades para pequenos e protetores intercâmbios com seus filhos, fundamentais para o desenvolvimento das aptidões emocionais.<sup>203</sup>

Devido a esses fatores, podemos notar uma grande dificuldade que, muitas vezes, está tanto nas relações das crianças com os pais e as mães, quanto com os colegas. As crianças deprimidas, frequentemente, não podem ou não querem falar de sua tristeza, tendem a fugir do assunto, não se sentem seguras com os próprios sentimentos e emoções, ou ainda, não possuem confiança em alguém com quem

---

<sup>201</sup> GOLEMANN, 2012. p.211.

<sup>202</sup> GOLEMANN, 2012, p.212.

<sup>203</sup> GOLEMANN, 2012, p.252.

conversar sem serem julgada. As crianças parecem ter a incapacidade de lidar com seus sentimentos com precisão, mostrando, em vez disso, mal humor, irritabilidade, impaciência e raiva – sobretudo em relação aos pais e as mães.<sup>204</sup>

A pandemia da Covid-19 provocou um impacto significativo na saúde mental global, resultando em um aumento notável nos casos de depressão. A situação de isolamento social, o medo de contrair o vírus, a perda de entes queridos, além da instabilidade econômica, são fatores que contribuíram para o surgimento e agravamento de quadros depressivos em diversas populações. Estudo realizado por Ettman destaca que a prevalência de sintomas depressivos nos Estados Unidos aumentou mais de três vezes durante a pandemia em comparação com os níveis anteriores. As políticas de distanciamento social, embora necessárias para conter a propagação do vírus, também resultaram em uma redução significativa das interações sociais e suporte emocional, exacerbando sentimentos de solidão e desespero. Além disso, a sobrecarga dos sistemas de saúde e a dificuldade de acesso aos serviços de saúde mental agravaram a situação, deixando muitos sem o suporte necessário para lidar com a depressão. Esses achados sublinham a necessidade urgente de intervenções em saúde mental que possam mitigar os efeitos negativos da pandemia e oferecer suporte adequado às populações afetadas.<sup>205</sup>

Mediante esse cenário, podemos ver inúmeros benefícios de estudar e aplicar a inteligência emocional, já que os pais, as mães e as pessoas educadoras desejam que as crianças sejam pessoas responsáveis que contribuam para a sociedade, que sejam suficientemente fortes para fazerem suas próprias escolhas, que aproveitem a vida e os prazeres da vida, que tenham boas companhias, mas que, principalmente, possam perceber que há uma rede de apoio sempre que precisarem.<sup>206</sup>

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>207</sup>, documento que norteia a educação no Brasil, também destaca a importância do desenvolvimento das competências socioemocionais. Essas competências são essenciais para o crescimento integral das crianças, englobando habilidades como autoconhecimento, autocontrole, empatia, cooperação e responsabilidade. A BNCC reconhece que o

---

<sup>204</sup> GOLEMANN, 2012, p.257.

<sup>205</sup> ETTMAN, Catherine K. et al. Prevalence of Depression Symptoms in US Adults Before and During the COVID-19 Pandemic. *JAMA Network Open*, v. 3, n. 9, p. 20, 2020. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamanetworkopen/fullarticle/2770146>. Acesso em: 8 jul. 2024.

<sup>206</sup> GOTTMAN; DeCLAIRE, 1997. p.16.

<sup>207</sup> BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 5 jul. 2024.

ambiente escolar deve ir além do ensino acadêmico tradicional, promovendo um espaço onde os estudantes possam desenvolver habilidades para lidar com suas emoções, estabelecer metas, demonstrar empatia, manter relacionamentos saudáveis e tomar decisões responsáveis.

No contexto educacional, essas competências são integradas às práticas pedagógicas e ao currículo, incentivando atividades que promovam a interação social, a resolução de conflitos, a comunicação assertiva e a cooperação entre os alunos. Ao preparar os estudantes para os desafios da vida cotidiana, a BNCC busca formar indivíduos mais resilientes, capazes de enfrentar adversidades e contribuir positivamente para a sociedade. O desenvolvimento socioemocional é, portanto, visto como uma parte essencial da educação básica, alinhando-se aos objetivos de preparar os alunos para uma vida plena e cidadã.

Assim como a escola tem papel importante, a família é essencial na formação do sujeito, visto que aceitação, obediência e responsabilidade são atribuições que surgem através dos laços de amor e da ligação que a criança tem com seus entes. Assim, as interações emocionais entre os membros da família podem ser a base da transmissão de valores e da formação de pessoas éticas. A criança se comporta de acordo com padrões familiares porque seu coração lhe diz que o bom comportamento é o que se espera; que quem pertence ao clã tem de viver de acordo com determinados padrões.<sup>208</sup>

Quando lidamos com a educação de uma criança, seja ela quando acontece na escola, assim como com a família, devemos ter em conta de que apenas o intelecto não basta. Para se educar bem um filho ou uma filha é preciso mexer com uma dimensão da personalidade que vem sendo ignorada na maioria dos conselhos dados aos pais e mães. É preciso mexer com a emoção.<sup>209</sup> E tudo isso leva tempo, faz parte de um processo. Podemos descrever isso em cinco etapas que ajudam a construir essa relação entre pais, pessoas educadoras e crianças, sendo elas:

- 1) Percebem as emoções das crianças;
- 2) Reconhecem na emoção uma oportunidade de intimidade ou aprendizado;
- 3) Ouvem com empatia, legitimando os sentimentos da criança;
- 4) Ajudam a criança a encontrar as palavras para identificar a emoção que ela está sentindo;
- 5) Impõe limites ao

---

<sup>208</sup> GOTTMAN; DeCLAIRE, 1997. p.17.

<sup>209</sup> GOTTMAN; DeCLAIRE, 1997. p. 20.

mesmo tempo em que exploram estratégias para a solução do problema em questão.<sup>210</sup>

O gerenciamento da emoção não significa o fim da disciplina. Na verdade, quando há intimidade entre a família e seus filhos e suas filhas, o envolvimento na vida das crianças é maior e, conseqüentemente, sua influência sobre elas é mais forte, pois os pais e as mães estão em posição de serem firmes quando for necessário, então quando vê os filhos errando ou sendo relapsos, os adverte, sem medo de impor limites.<sup>211</sup>

As escolas estão sendo, essencialmente, uma zona de proteção para uma quantidade cada vez maior de crianças machucadas por divórcio, pobreza e descaso. Conseqüentemente, há menos disponibilidade de fundos para a educação básica, uma tendência que se reflete na queda do rendimento escolar.<sup>212</sup>

Quando tratamos a temática da inteligência emocional, devemos estar cientes de que falamos principalmente de sentimento e emoções e de como lidamos com elas, com isso, podemos destacar um sentimento que é evidenciado nesta área - a empatia. Em sua forma mais básica, empatia é a capacidade de sentir o que o outro sente. A família dotada de empatia, ao ver os filhos e as filhas chorarem, consegue se ver no lugar deles e delas e sentirem a sua dor. Ao vê-los irritados, batendo o pé, pode sentir a frustração e a raiva que as crianças sentem.<sup>213</sup>

É assim que funciona a empatia. Quando procuramos compreender a experiência das crianças, elas se sentem amparados, sabem que tem alguém ao lado delas. Quando deixamos de criticá-las, de não validar o que sentem ou de tentar desviá-las de seus objetivos, elas dão abertura para a relação com os pais e as mães.

Empatia é a capacidade de compreender e compartilhar os sentimentos dos outros. De acordo com Eisenberg e Strayer<sup>214</sup>, a empatia envolve tanto uma resposta emocional congruente com a de outra pessoa quanto a capacidade de tomar a perspectiva do outro. Batson<sup>215</sup> define a empatia como "sentir com" outra pessoa,

<sup>210</sup> GOTTMAN; DeCLAIRE, 1997. p. 24.

<sup>211</sup> GOTTMAN; DeCLAIRE, 1997, p.27.

<sup>212</sup> GOTTMAN; DeCLAIRE, 1997, p.30.

<sup>213</sup> GOTTMAN; DeCLAIRE, 1997, p.77.

<sup>214</sup> EISENBERG, N.; STRAYER, J. (Eds.). *Empathy and Its Development*. New York, NY: Cambridge University Press, p.05, 1987.

<sup>215</sup> BATSON, C. Daniel. These Things Called Empathy: Eight Related but Distinct Phenomena. In: DECETY, Jean; ICKES, William (Eds.). *The Social Neuroscience of Empathy*. Cambridge, MA: MIT Press, 2009. p. 3-15.

diferenciando-a da simpatia, que é "sentir por" alguém, e da compaixão, que implica um desejo de ajudar.

Os laços familiares desempenham um papel crucial no desenvolvimento da empatia. Desde a infância, as interações com o pai, a mãe e outros membros da família moldam a maneira como as crianças aprendem a reconhecer e responder às emoções dos outros. Hoffman<sup>216</sup> argumenta que o processo de socialização empática começa muito cedo na vida, com os pais modelando comportamentos empáticos e ensinando diretamente aos filhos e filhas sobre emoções e a importância de considerar os sentimentos dos outros.

A parentalidade responsiva, caracterizada por uma sensibilidade às necessidades e sinais emocionais da criança, é fundamental para o desenvolvimento da empatia. De acordo com Davidov e Grusec<sup>217</sup>, quando os familiares respondem de maneira adequada e carinhosa às expressões emocionais dos filhos e das filhas, estes aprendem a entender e a valorizar as emoções das outras pessoas. Essa interação constante e positiva entre familiares e crianças fortalece a capacidade das crianças de reconhecer e responder empaticamente aos sentimentos alheios.

A comunicação aberta e honesta dentro da família é outra dimensão essencial para o desenvolvimento da empatia. Feshbach<sup>218</sup> sugere que famílias que incentivam a expressão emocional e discutem abertamente sobre os sentimentos promovem um ambiente no qual as crianças podem praticar e refinar suas habilidades empáticas. Discussões sobre experiências emocionais e conflitos ajudam as crianças a entender diferentes perspectivas e a desenvolver uma resposta empática adequada.

O pai, a mãe, e outras pessoas membros da família servem como modelos de comportamento empático. De acordo com Bandura<sup>219</sup>, o aprendizado por observação é um mecanismo poderoso pelo qual as crianças adotam comportamentos observados em figuras de autoridade. Quando os pais demonstram empatia nas suas interações diárias, seja entre eles ou com terceiros, as crianças tendem a imitar esses comportamentos, internalizando-os como normativos e desejáveis.

---

<sup>216</sup> HOFFMAN, Martin L. *Empathy and Moral Development: Implications for Caring and Justice*. New York, NY: Cambridge University Press, 2000. p. 31.

<sup>217</sup> DAVIDOV, Maayan; GRUSEC, Joan E. Untangling the Links of Parental Responsiveness to Distress and Warmth to Child Outcomes. *Child Development*, v. 77, n. 1, p. 44-58, 2006.

<sup>218</sup> FESHBACH, Norma Deitch. Parental Empathy and Child Adjustment/Maladjustment. In N. EISENBERG; J. Strayer (Eds.), *Empathy and Its Development* (p. 271-291). New York, NY: Cambridge University Press. p.271,1987.

<sup>219</sup> BANDURA, A. *Social Learning Theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.p.22,1977.

A empatia é uma competência emocional essencial que pode ser significativamente desenvolvida através dos laços familiares. Interações carinhosas, comunicação aberta e modelagem de comportamentos empáticos são práticas que ajudam as crianças a aprender e a valorizar a importância de compreender e compartilhar os sentimentos dos outros. Ao promover um ambiente familiar que valorize a empatia, os pais não apenas fortalecem os laços emocionais, mas também contribuem para a formação de indivíduos mais conscientes e socialmente responsáveis.

A família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da fé cristã na infância. O pai, a mãe e outros membros da família são os primeiros modelos de comportamento e crenças religiosas para a criança. Estudos mostram que práticas como a oração em família, a leitura da Bíblia e a participação em cultos religiosos são essenciais para impulsionar valores e crenças cristãs nas crianças.<sup>220</sup>

Ao pensar em como podemos aprimorar essa interação quando se ainda é uma criança, lembramos que a educação religiosa formal, seja em casa, na escola dominical ou em instituições religiosas, também é crucial. Programas educacionais voltados para crianças muitas vezes incluem histórias bíblicas, músicas, atividades e ensinamentos adaptados à sua capacidade de compreensão. Esses programas ajudam as crianças a entender os princípios básicos da fé cristã e a desenvolver um relacionamento pessoal com Deus.<sup>221</sup>

Familiares, filhos e filhas podem aprender muito sobre a emoção com a boa literatura infantil, seja na leitura de um livro antes de dormir, num momento de contação de história, entre outras atividades. As histórias podem ajudar a criança a desenvolver um vocabulário para falar sobre os sentimentos e ilustrar as várias formas como as pessoas lidam com a raiva, o medo e a tristeza, por exemplo. Os livros adequados podem até dar aos pais um meio de falar sobre temas que eles têm dificuldade de abordar, como “de onde vem os bebês” e “o que aconteceu com o vovô quando ele morreu”.<sup>222</sup>

---

<sup>220</sup> BOYATZIS, C. J.; JANICKI, D. L. Parent-child communication about religion: Survey and diary data on unilateral transmission and bidirectional reciprocity styles. *Review of Religious Research*, v.44, n. 3, p.252-270. 2003.

<sup>221</sup> HAY, David; NYE, Rebecca; MURPHY, Russell. Thinking about childhood spirituality: Research and practice. *British Journal of Religious Education*, v. 18, n. 3, p. 140-151, 1996.

<sup>222</sup> GOTTMAN; DeCLAIRE, 1997, p.127.

Muitos pais e mães, infelizmente, deixam de ler em voz alta para os filhos e as filhas tão logo eles são alfabetizados. Mas outros continuam lendo até para as pessoas adolescentes, revezando-se com elas na leitura de livros cada vez mais sofisticados. Como o costume de fazer as refeições em família, o hábito da leitura em conjunto assegura aos pais, as mães e as crianças uma base sólida para desfrutarem juntos de uma atividade prazerosa.<sup>223</sup>

O desenvolvimento da fé cristã na infância é um processo contínuo que requer apoio e nutrição de várias fontes. A combinação de um ambiente familiar de apoio, educação religiosa formal, experiências pessoais significativas e o desenvolvimento cognitivo e emocional adequado são essenciais para fomentar uma fé cristã robusta e duradoura.

#### 4.5 O DESENVOLVIMENTO DAS EMOÇÕES

Nesta parte da pesquisa, abordaremos questões relacionadas ao surgimento dos sentimentos, ao momento em que o ser humano começa a sentir, a se expressar e a demonstrar preocupação com os outros, assim como ao desenvolvimento da capacidade de empatia e expressão emocional.

A partir de uma pesquisa feita por Martin Hoffmann, da Universidade de *New York*<sup>224</sup>, podemos entender que as emoções iniciam cedo. O experimento apresenta a seguinte situação: uma criança de um ano que trouxe a própria mãe para consolar um amigo que chorava, ignorando que a mãe do amigo também estava no recinto.

Esta confusão se vê também quando crianças de um ano imitam a angústia de outras, possivelmente para melhor compreender o que elas estão sentindo; por exemplo, se outro bebê machuca os dedos, um bebê de um ano põe os seus dedos na boca, para ver se também doem. Ao ver a mãe chorar, um bebê enxugou os próprios olhos, embora não tivessem lágrimas.<sup>225</sup>

Com pessoas adultas, o processo pode acontecer de forma semelhante. Em uma série na Netflix, chamada “*Merli*”<sup>226</sup>, uma professora quer colocar uma teoria em

---

<sup>223</sup> GOTTMAN; DeCLAIRE, 1997, p.127.

<sup>224</sup> GOLEMANN, 2012, p.120.

<sup>225</sup> GOLEMANN, 2012, p.120.

<sup>226</sup> O CARDUME (temporada 1, ep. 3). *Merli* [Sériado]. Direção de Héctor Lozano. Espanha: Netflix, Filmax, TV3, 2015.

prática, para isso ela mostra uma pasta para seus alunos e diz: “esta pasta é verde, mas quando alguém chegar atrasado e eu perguntar para vocês: ‘esta pasta é de que cor?’, vocês responderão: ‘vermelha’.” Em seguida, a aula segue normalmente, até que um aluno chega atrasado, e de repente a professora pergunta para diferentes alunos qual a cor da pasta, todos reagem como o combinado: “é vermelha”, e então pergunta para o aluno atrasado: “que cor é a pasta?”, e a resposta do aluno é: “vermelha!”. Com isso a professora conclui:

Conforme Friedrich Nietzsche o mundo pode ser dividido em dois tipos de pessoas: as que seguem as suas vontades e as que seguem as vontades dos outros. As primeiras são fortes, e não se deixam dominá-las por nada. E o outro grupo, são pessoas fracas e só fazem o que os outros fazem e dizem. Somos submissos e acabamos aceitando a ideia da maioria.<sup>227</sup>

O exemplo anterior busca evidenciar algumas filosofias, ao mesmo tempo em que demonstra uma aplicabilidade significativa ao contexto desta pesquisa. A imitação humana, presente desde os primeiros momentos da vida, reflete um comportamento profundamente enraizado. Um exemplo notável ocorre entre bebês, que frequentemente choram ao ouvir ou observar outro bebê chorando. Esse mesmo padrão de comportamento pode ser identificado em adultos, que imitam ações de outras pessoas de maneira inconsciente, muitas vezes sem avaliar as possíveis consequências de tais atos.

Essa tendência à imitação ressalta o impacto das influências externas sobre os indivíduos. Enquanto somos, inegavelmente, seres sociais moldados pela interação com outros, é necessário refletir sobre os limites dessa influência e como ela pode interferir em diferentes aspectos de nossas vidas, incluindo o pessoal, o profissional e o emocional. Essa análise convida à consideração de até que ponto a imitação automática pode representar tanto uma ferramenta de aprendizado quanto um obstáculo ao desenvolvimento da autonomia e do discernimento.

Acontece de semelhante modo com a empatia das crianças, que é igualmente moldada a partir da observação de como os outros reagem quando alguém está aflito.

---

<sup>227</sup> Trecho descrito literalmente como acontece na Série “Merli”. O CARDUME (temporada 1, ep. 3). *Merli* [Sériado]. Direção de Héctor Lozano. Espanha: Netflix, Filmax, TV3, 2015.

Imitando o que veem, as crianças desenvolvem um repertório de reação empática, sobretudo na ajuda a outras pessoas angustiadas.

Enquanto o abandono emocional parece enfraquecer a empatia, há um resultado paradoxal quando ocorre abuso emocional intenso e constante, incluindo ameaças cruéis e sádicas. As crianças que sofrem tais abusos podem tornar-se hiperalertas para as emoções daquelas que as cercam.

Esta preocupação obsessiva com os sentimentos das outras pessoas é típica de crianças psicologicamente maltratadas e que, na idade adulta, sofrem os mercuriais altos e baixos, às vezes, diagnosticados como “distúrbio limite de personalidade”. Muitas dessas pessoas têm o dom de sentir o que sentem os que as cercam, e é muito comum relatarem que sofreram abusos emocionais na infância.<sup>228</sup>

No fim da infância, surgem os mais elevados níveis de empatia, pois as crianças são capazes de entender a aflição que está além de um acontecimento específico e constatar que a condição ou posição de alguém na vida pode ser um motivo de aflição permanente. Nesse ponto, as crianças podem perceber as circunstâncias de todo um grupo, como os pobres, os oprimidos, os marginalizados. Essa compreensão, na adolescência, pode reforçar convecções morais centradas na vontade de aliviar o infortúnio e a injustiça.<sup>229</sup>

Um autor que fala sobre empatia de forma significativa é o escritor e filósofo alemão Hermann Hesse. Em sua obra-prima "O Lobo da Estepe"<sup>230</sup>, Hesse aborda o tema através da jornada do protagonista Harry Haller. Ele exemplifica o conceito da seguinte forma: Conhecer-se a si mesmo é o primeiro passo para a empatia. Somente aquele que reconhece suas próprias dores, suas próprias angústias, consegue estender a mão para compreender as dores e angústias dos outros<sup>231</sup>.

Através dessa citação, Hesse destaca a importância de se autoconhecer para desenvolver a empatia. Ele sugere que é necessário reconhecer nossos próprios sentimentos e experiências para sermos capazes de compreender e se conectar verdadeiramente com os sentimentos e experiências dos outros.

O conceito de empatia, nesse contexto, refere-se à capacidade de se colocar no lugar do outro, de entender suas emoções e perspectivas. É uma habilidade crucial

---

<sup>228</sup> GOLEMANN, 2012, p.124.

<sup>229</sup> GOLEMANN, 2012, p.127.

<sup>230</sup> HESSE, Haller. *O Lobo da Estepe*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1924.

<sup>231</sup> HESSE, 1924, p.179.

para a construção de relacionamentos saudáveis e para o desenvolvimento de uma sociedade mais compreensiva e solidária. Hesse aborda a empatia como um caminho para a superação do isolamento e da solidão, mostrando que ao entendermos as outras pessoas, podemos nos conectar com elas de forma mais genuína e enriquecedora.

Assim a aprendizagem emocional vai se estabelecendo desde os primeiros momentos da vida e continua durante toda a infância. Todos os pequenos intercâmbios entre pais e mães, e filhos e filhas contém um tema emocional, e, com a repetição dessas mensagens através dos anos, as crianças formam o núcleo de sua perspectiva e aptidões emocionais.<sup>232</sup> Desde muito cedo, aprende-se, por exemplo, regras de exibição através de instruções explícitas. Para ilustrar podemos mencionar um momento em que dizemos a uma criança para não demonstrar decepção, mas, ao contrário, sorrir e agradecer quando o vovô lhe dá um presente horrível, mas bem-intencionado. Essa educação em regras de exibição, no entanto, se dá com mais frequências, por imitação de um modelo: as crianças aprendem a fazer o que veem fazer. Ao educar os sentimentos, as emoções são, ao mesmo tempo, o meio e a mensagem.<sup>233</sup>

Os três ou quatro primeiros anos de vida são um período em que o cérebro da criança cresce até cerca de dois terços de seu tamanho final, e evolui em capacidade num ritmo que nunca mais voltará a ocorrer. É nesse momento, mais do que na vida posterior, que os principais tipos de aprendizagem ocorrem mais facilmente e a aprendizagem emocional é a mais importante.<sup>234</sup>

A reação de violência é como se fosse um reflexo no espelho, a família é violenta com seus filhos e suas filhas, e os filhos e as filhas são violentas com as crianças na escola. Muitas vezes, isso acontece devido aos pais e as mães terem sido educados com violência e acaba-se perpetuando esse comportamento de geração em geração. As pessoas adultas não eram necessariamente más, nem deixavam de querer o melhor para os filhos e as filhas, o que eles estavam fazendo era apenas repetir o estilo adotado pelos próprios pais e as mães.<sup>235</sup>

---

<sup>232</sup> GOLEMANN, 2012, p. 213.

<sup>233</sup> GOLEMANN, 2012, p. 134.

<sup>234</sup> GOLEMANN, 2012, p. 213.

<sup>235</sup> GOLEMANN, 2012, p. 214.

Os hábitos de controle emocional repetidos, muitas vezes, durante a infância ajudam, por si, a moldar esses circuitos. Isso faz com que a infância seja um momento crucial para que sejam moldadas, para toda a vida, as tendências emocionais; os hábitos adquiridos na infância tornam-se fixos na fiação sináptica básica da arquitetura neural e são mais difíceis de mudar em idade mais avançada.<sup>236</sup>

A cadeia de pensamentos furiosos que alimenta a raiva é também, potencialmente, a chave para uma das mais poderosas maneiras de desarmá-la: de cara, minar as convicções que a abastecem. Quanto mais ruminamos sobre o que nos deixou com raiva, melhores motivos e justificativas podemos inventar para ficarmos com raiva.<sup>237</sup>

Uma pessoa que teve um dia difícil no trabalho fica especialmente propensa a ficar furiosa mais tarde em casa com alguma coisa, as crianças fazendo muito barulho ou bagunça, por exemplo, o que em outras circunstâncias não seria suficiente forte para provocar um sequestro emocional.<sup>238</sup> Nem sempre estamos conscientes do fato que, desde a infância, descobrimos por experiência própria que se valorizarmos em particular certa qualidade verdadeira nossa, seremos bem aceitos.<sup>239</sup>

#### **4.5.1 Crianças e o ambiente social**

Ao ler artigos que abordam a temática da infância, percebe-se que muitos têm se concentrado em identificar crianças que exibem sinais de “deficiência psicossocial”, crianças que são ignoradas ou rejeitadas pelos colegas. Fala-se também das crianças que são desprezadas por serem briganças, outras são evitadas por serem invariavelmente deficientes nos rudimentos de interação direta, sobretudo, nas regras tácitas que governam as interações.

Se as crianças não se comunicam bem, são consideradas “burras ou mal-educadas”; e quando elas não têm bom desempenho nas regras não verbais de interação, os outros, sobretudo os coleguinhas de brincadeira, as veem como esquisitas e as evitam. São as mesmas crianças que não sabem como entrar

---

<sup>236</sup> GOLEMANN, 2012, p. 243.

<sup>237</sup> GOLEMANN, 2012, p. 83.

<sup>238</sup> GOLEMANN, 2012, p. 84.

<sup>239</sup> UGEUX, 2008. p.117.

graciosamente numa brincadeira, que tocam as outras de um modo que causa mais desconforto que camaradagem – em suma, que ficam de fora. São crianças que não dominaram a silenciosa linguagem da emoção e, sem querer, emitem mensagem que geram mal estar.<sup>240</sup>

Além de se tornarem socialmente marginalizadas, essas crianças também sofrem no contexto acadêmico. A sala de aula é, ao mesmo tempo, um espaço de interação social e de desempenho acadêmico, uma criança socialmente desajeitada pode interagir mal com as outras. A ansiedade e perplexidade resultantes podem, por si mesmas, interferirem em sua capacidade de aprender eficazmente.<sup>241</sup>

Existem situações diversas que acontecem na infância e que acabam ocasionando experiências emocionais que as crianças irão, levar para toda a vida.<sup>242</sup> Na família é onde acontece o processo inicial de aprendizagem emocional. Esse ambiente é onde podemos aprender como nos sentimos em relação a nós mesmos e como as outras pessoas irão reagir aos nossos sentimentos. Isso é ensinado não apenas através do que os nossos familiares dizem ou fazem, mas também por meio do modelo que oferecem quando lidam, de forma particular, com os seus sentimentos e também com seus companheiros e suas companheiras de vida. Alguns familiares podem ser excelentes professores e professoras emocionais, entretanto, em alguns casos, pode acontecer justamente o oposto, dando impacto ao longo da vida do sujeito.

Há centenas de estudos que demonstram que a forma como os pais tratam os filhos, seja por meio de uma disciplina rígida ou por empática compreensão, tem consequências profundas e duradouras para a vida afetiva da criança.<sup>243</sup>

O pai e a mãe têm a tarefa de agir como um(a) treinador(a) emocional para com a sua criança, mas para que isso ocorra, é necessário que tenha consciência das

---

<sup>240</sup> GOLEMANN, 2012, p.142.

<sup>241</sup> GOLEMANN, 2012, p.143.

<sup>242</sup> Comentário da autora: aprendi a entender as letras, mas ainda não sabia ler. Quando fui para a, então, primeira série, num colégio particular, tive certa dificuldade de aprender a ler, enquanto os colegas da sala já sabiam. No ano seguinte, fiz amizade com uma menina que era mais velha que tinha alguma necessidade especial, e não interagia com o restante da turma. Assim que eu aprendi a ler, sentava ao lado dela e lia histórias da Pequena Sereia. Ou seja, indiretamente por ter me sentido excluída do restante das crianças, me aproximei de alguém com a qual me identificava e fazia algo que me deixava feliz: o hábito da leitura. Ao mesmo tempo, em casa, para evitar que a minha irmã mais nova passasse por isso, a auxiliiei a ler, contando histórias da Bruxa Onilda para ela. Desde lá, o hábito da leitura permaneceu entre nós.

<sup>243</sup> GOLEMANN, 2012, p.208.

suas emoções, que saiba distinguir seus sentimentos e o que está sentindo. Por exemplo, saber identificar que a raiva vem do momento em que o ser humano está magoado. Identificar o sentimento é essencial para poder orientar a outra pessoa.<sup>244</sup>

Aprender a acalmar-se e a focalizar a atenção são técnicas que vão ficando cada vez mais importantes à medida que o bebê amadurece. Em primeiro lugar, elas permitem que a criança fique atenta às insinuações sociais dos pais, das mães, das babás e outras pessoas em seu ambiente.<sup>245</sup>

A inteligência emocional pode ser relacionada com a espiritualidade, apesar dessa relação ser complexa e variada dependendo das diferentes perspectivas das crenças e valores individuais. A espiritualidade, pois, pode desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento da inteligência emocional, haja vista que, muitas vezes, envolve uma busca interna por significado, propósito e conexão com algo maior. Essa busca interior pode levar a uma maior consciência de si mesmo, incluindo a compreensão e gestão das próprias emoções. Práticas espirituais como meditação, reflexão e cultivo de gratidão podem fortalecer a consciência emocional e a capacidade de lidar com emoções negativas.

Além disso, a espiritualidade muitas vezes enfatiza valores como compaixão, empatia e amor incondicional. Esses valores são fundamentais para a inteligência emocional, pois envolvem a capacidade de entender e responder às emoções dos outros, bem como estabelecer relacionamentos saudáveis e empáticos. A espiritualidade pode fornecer uma base sólida para o desenvolvimento dessas habilidades emocionais.

Por outro lado, a inteligência emocional também pode ser cultivada independentemente da espiritualidade. Há muitas abordagens secularizadas para o desenvolvimento da inteligência emocional, como a terapia cognitivo-comportamental, técnicas de relaxamento e práticas de *Mindfulness*. Essas abordagens se baseiam na compreensão científica das emoções e do funcionamento do cérebro, e não exigem necessariamente uma conexão com algo espiritual ou transcendental.

Podemos dizer então que a relação entre espiritualidade e inteligência emocional pode ser vista de maneiras diferentes, dependendo das perspectivas individuais. Para algumas pessoas, a espiritualidade pode ser um caminho para o

---

<sup>244</sup> GOLEMANN, 2012, p.209.

<sup>245</sup> GOTTMAN; DeCLAIRE, 1997, p.34.

desenvolvimento da inteligência emocional, fornecendo uma base sólida de valores e práticas. Para outras, a inteligência emocional pode ser desenvolvida independentemente da espiritualidade, com base em abordagens científicas e secularizadas.

Esta pesquisa destaca a complexidade e a importância da espiritualidade cristã na formação integral das crianças, integrando conceitos de meditação, *Mindfulness* e inteligência emocional. A espiritualidade cristã, quando cultivada desde a infância, revela-se um elemento essencial na promoção de um desenvolvimento pessoal equilibrado e resiliente. A prática da meditação e do *Mindfulness*, como extensões da espiritualidade, contribuem significativamente para o fortalecimento da inteligência emocional das crianças, oferecendo-lhes ferramentas para lidar com os desafios emocionais e comportamentais.

A educação, por sua vez, desempenha um papel crucial ao incorporar esses elementos no currículo, promovendo um ambiente que valoriza não apenas o conhecimento acadêmico, mas também o bem-estar emocional e espiritual dos alunos. A presença de programas educativos que incentivam a prática de *Mindfulness* e a exploração da espiritualidade cristã pode criar uma base sólida para um desenvolvimento holístico.

Adicionalmente, a influência da família é indiscutivelmente determinante na vivência da espiritualidade cristã pelas crianças. Famílias que integram práticas espirituais em seu cotidiano e que valorizam a meditação e a inteligência emocional tendem a criar um ambiente propício para que as crianças desenvolvam uma conexão profunda com a sua espiritualidade. Esse apoio familiar, combinado com uma educação que promove o bem-estar integral, forma a base para que as crianças cresçam com uma forte consciência espiritual, emocionalmente equilibradas e preparadas para enfrentar as diversas dimensões da vida.

Para finalizar, destaca-se que a integração da espiritualidade cristã, meditação, *Mindfulness* e inteligência emocional, aliada a uma educação inclusiva e ao apoio familiar, configura um caminho promissor para o desenvolvimento integral das crianças. Este estudo sugere que a combinação desses elementos é fundamental para a construção de uma vida plena e significativa, desde a infância até a vida adulta.



## 5 CONCLUSÃO

Para concluir, afirmamos que o caminho espiritual é um processo diário, conforme foi evidenciado ao longo da pesquisa, e cada pessoa vive sua espiritualidade de forma única, embora existam elos que unem as pessoas. O ser humano é movido por histórias, emoções e sentimentos, e a forma como percebem e lidam com tudo isso é um grande desafio.

A influência indireta das pessoas adultas sobre as crianças é evidente, uma vez que os comportamentos e ações dos adultos têm reflexos nelas. O aprendizado de técnicas de controle emocional, respiração e expressão por parte dos adultos, por exemplo, certamente será absorvido pelas crianças. A infância é um período crucial para o desenvolvimento integral do ser humano, incluindo o desenvolvimento da fé. Por meio da mediação familiar, as crianças são introduzidas às práticas e crenças religiosas, o que molda sua identidade e valores de maneira significativa. A família assume um papel central nesse processo, proporcionando o primeiro contato com a espiritualidade e criando um ambiente de apoio para o crescimento moral e espiritual.

Esta pesquisa buscou investigar alguns conceitos de espiritualidade e sua relevância no sentido da vida, abordando práticas como a meditação cristã, a oração, a leitura da Bíblia e o *Bible Journaling*. Essas práticas, conforme destacam autores como Leonardo Boff, não apenas fortalecem a fé, mas também contribuem para o desenvolvimento de uma conexão mais profunda com o transcendente e com o próximo. Boff, em sua visão integradora, sugere que a espiritualidade não é algo separado da vida cotidiana, mas uma forma de vivenciar a existência em comunhão com a natureza, com o outro e com Deus, promovendo uma ética de cuidado e compaixão.

No capítulo no qual abordamos sobre as crises da vida, discutiu-se como as fases de desenvolvimento humano, especialmente na infância, podem ser desafiadoras e suscitar crises existenciais e cognitivas. A visão de Frankl sobre a busca de sentido, associada às fases do desenvolvimento de Piaget e Erikson, revelou como essas crises são inerentes à formação da personalidade e da moralidade. Nesse contexto, a espiritualidade cristã surge como um refúgio e uma fonte de apoio, oferecendo uma base sólida para enfrentar tais desafios.

A integração da espiritualidade cristã na vida diária, sobretudo na infância, mostrou-se essencial não apenas para o fortalecimento da fé, mas também para o desenvolvimento da inteligência emocional. O estudo revelou como a vivência espiritual pode contribuir para a autorregulação emocional, a empatia e a resiliência em situações de crise. Estratégias como a meditação e a leitura bíblica, em conjunto com a influência familiar e o ambiente social, têm um papel fundamental na formação das crianças, permitindo-lhes lidar de forma mais saudável com as suas emoções e com os desafios do crescimento.

Por fim, ao discutir o desenvolvimento da inteligência emocional, destacou-se a importância da família na educação espiritual e emocional dos filhos e das filhas. A família, como o primeiro núcleo social, é essencial para moldar tanto a espiritualidade quanto a capacidade emocional das crianças, oferecendo um ambiente de apoio, diálogo e exemplo prático de fé. As práticas espirituais em casa, aliadas a um ambiente emocionalmente equilibrado, podem ajudar a formar indivíduos mais conscientes, compassivos e emocionalmente preparados para enfrentar os desafios da vida.

Esta pesquisa, portanto, reforça a ideia de que a espiritualidade cristã, quando bem vivida e integrada desde a infância, contribui significativamente para o desenvolvimento emocional e moral das pessoas. A espiritualidade é vista não apenas como uma dimensão de fé, mas como um alicerce que apoia o ser humano em sua busca por sentido, equilíbrio e plenitude ao longo da vida.

Neste trabalho, procuramos explorar a interseção entre espiritualidade cristã, fé, educação, a relação entre família e crianças, e a importância do uso de ferramentas de inteligência emocional, como *Mindfulness*, oração e a meditação. A análise dessas temáticas revela não apenas a complexidade dessas áreas, mas também suas inter-relações profundas e significativas.

A espiritualidade cristã e a fé desempenham papéis cruciais na vida de muitas pessoas, proporcionando um sentido de propósito e orientação. A prática da espiritualidade cristã, que inclui orações, meditações e participação em comunidades de fé, ajuda as pessoas a encontrarem um sentido mais profundo de existência e a lidar com os desafios que surgem ao longo da vida. Destacamos ainda a importância da fé na vida do ser humano, pois, a fé cristã incentiva a prática do amor ao próximo, da compaixão e do perdão, valores que são essenciais para o desenvolvimento humano integral.

A educação é um campo que beneficia grandemente da integração da espiritualidade e da fé. Quando os princípios espirituais são incorporados no ambiente educacional, eles promovem não apenas o desenvolvimento intelectual, mas também o crescimento moral e ético dos estudantes. A fé proporciona uma base sólida sobre a qual as crianças podem construir seu caráter e suas habilidades sociais, preparando-os para enfrentar os desafios da vida adulta.

A pesquisa destacou a importância da Inteligência emocional, que é a capacidade de reconhecer, compreender e gerenciar nossas próprias emoções, bem como reconhecer e influenciar as emoções dos outros. Apresentamos ferramentas da inteligência emocional, como *Mindfulness* e meditação, que são práticas poderosas que podem ser integradas tanto na vida pessoal quanto na educação. O *Mindfulness* envolve estar plenamente presente e consciente no momento, enquanto a meditação oferece um espaço para a reflexão e o autoconhecimento, tarefa importante que pode ser desenvolvida desde a infância com o auxílio da família e as pessoas educadoras.

Essas práticas têm demonstrado benefícios significativos na redução do estresse, melhoria do foco e da concentração, e aumento do bem-estar geral. Na educação, a incorporação de *Mindfulness* e meditação pode ajudar as crianças a desenvolver resiliência emocional, melhorando seu desempenho na escola e suas relações interpessoais. Professores e professoras que praticam e ensinam *Mindfulness* e meditação criam um ambiente de aprendizagem mais calmo e positivo, facilitando a educação integral dos alunos e das alunas.

A interconexão existente entre espiritualidade cristã, fé, educação, relações familiares e inteligência emocional que foram exploradas ao longo desta pesquisa é rica e multifacetada. A pandemia de COVID-19 destacou a importância dessas conexões, revelando tanto os desafios quanto as oportunidades para fortalecer essas áreas. A prática da espiritualidade e da fé pode fornecer uma base sólida para o desenvolvimento emocional e social, enquanto a inteligência emocional e práticas como meditação oferecem ferramentas práticas para enfrentar os desafios modernos sendo aplicados desde crianças colhendo frutos para a construção de seres humanos tendo mais consciência de si e de suas próprias emoções.

Ao integrar todos esses elementos, podemos promover uma educação que não apenas transmite conhecimento acadêmico, mas também cultiva o desenvolvimento humano integral. As famílias e as instituições educacionais têm um papel crucial nesse processo, trabalhando juntas para criar ambientes que favoreçam o crescimento

moral, emocional e espiritual das crianças. E para concluir, apontamos que a educação deve preparar as pessoas para viverem vidas significativas e compassivas, contribuindo para uma sociedade mais justa e harmoniosa através de vivências da espiritualidade cristã.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. *Espiritualidade manifesta: sitcom friends em diálogo com princípios de Leonardo Boff sobre espiritualidade*. In: *Anais...*, São Leopoldo: EST, 2014.

ARAÚJO, Alan Ricardo de Souza. *A complexidade e a multidimensionalidade no humano, as interfaces com a dimensão da espiritualidade: por uma cosmovisão cristã pela via da educação e complexidade*. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2003.

ARAÚJO, Alan Ricardo de Souza. *Complexidade, espiritualidade e educação: por uma educabilidade do espírito humano*. São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2005.

ARGUIS, Ricardo. *Mindfulness e educação: Aprendendo a viver com a educação plena*. São Paulo, SP, Palas Athenas. 2019.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Editora Cia. das Letras, 1981.

BALTHASAR, Hans Urs von. *A Oração Cristã*. São Paulo: Loyola, 2001.

BANDURA, A. *Social Learning Theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1977.

BAR-ON, R. The Bar-On model of emotional-social intelligence (ESI). *Psicothema*, v.18, 2006, p.13-25.

BAR-ON, Reuven; Parker, James D. A. *Manual de Inteligência Emocional*. Teoria e aplicação em casa, na escola e no trabalho. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

BATSON, C. Daniel. These Things Called Empathy: Eight Related but Distinct Phenomena. In: DECETY, Jean; ICKES, William (Eds.). *The Social Neuroscience of Empathy*. Cambridge, MA: MIT Press, 2009. p. 3-15. BENTO XVI. *Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007.

*BÍBLIA* de Estudos Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. *Crise: Oportunidade de Crescimento*. Campinas, SP: Versus, 2002.

BOFF, Leonardo. *Espiritualidade: um caminho de transformação*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus*. Petrópolis: Vozes, 1993.

BOFF, Leonardo. *O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOFF, Leonardo. *Vida Segundo o Espírito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em Comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

BOYATZIS, C. J.; JANICKI, D. L. *Parent-child communication about religion: Survey and diary data on unilateral transmission and bidirectional reciprocity styles*. *Review of Religious Research*, v.44, n. 3, p.252-270. 2003.

BRANDENBURG, Laudi Erandi; MARQUES, Raquel. *A relação entre Mindfulness e a Espiritualidade Cristã*. *Davar Polissêmica*. V. 17, n. 2, 2023. Disponível em: <https://revista.fbmjg.edu.br/index.php/davar/article/view/135>. Acesso em: 15 jul. 2024.

BRANDT, Hermann. *Espiritualidade – Vivência da graça*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2006.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 5 jul. 2024.

CARNEIRO, Maria Isabel. *A espiritualidade em educação de infância: Como vivem as crianças a sua espiritualidade?*. 2021. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/8365/1/27207.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2024.

CASALDÁLIGA, Pedro; VIGIL, José Maria. *Espiritualidade da Libertação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

CASIMIRO, Ana Palmira B. S.; AGUIAR, Itamar Pereira de (Orgs.). *Educação e Religião*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012.

COLL, César; PALACIOS, Jesús; MARCHESI, Alvaro. *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CRISÓSTOMO, João. *Homilias Sobre a Incompreensível Natureza de Deus*. São Paulo: Paulus, 1998.

DAVIDOV, M.; GRUSEC, J. E. *Untangling the Links of Parental Responsiveness to Distress and Warmth to Child Outcomes*. *Child Development*, v. 77, n. 1, 2006.

DEGRANDIS, Fernando. *O que se aprende e o que se ensina? Análise metodológica e epistemológica do processo de gestão em Colégio Marista*. São

Leopoldo, RS, 2018. 150 p. Tese (Doutorado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2018.

*DICIONÁRIO teológico enciclopédico Luxicon*. Tradução de João Paixão Neto e Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 1993. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=swvCVm-0OWcC&lpg=PA1&ots=ETNz683v5-&dq=DICION%C3%81RIO%20TEOL%C3%93GICO&lr&hl=pt-BR&pg=PR3#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 30 jun. 2024.

DONOHUE, Chip; MILLER, Michael S. *COVID-19 and School Closures: Implications for Early Childhood Education and Care*. *Child Development Journal*, v. 9, n. 5, 2020, p. 15.

EMMONS, R. A. Is spirituality an intelligence? Motivation, cognition, and the psychology of ultimate concern. *International Journal for the Psychology of Religion*, v. 10, n. 1, 2000.

ERIKSON, Erik H. *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1971.

ETTMAN, Catherine K. et al. *Prevalence of Depression Symptoms in US Adults Before and During the COVID-19 Pandemic*. *JAMA Network Open*, v. 3, n. 9, p. 20, 2020. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamanetworkopen/fullarticle/2770146>. Acesso em: 8 jul. 2024.

FEGERT, J. M.; VITIELLO, B.; PLENER, P. L.; CLEMENS, V. *Desafios da saúde mental infantil e adolescente durante a pandemia de COVID-19*. *The Lancet Child & Adolescent Health*, v.4, n.8, 2020.

FERNANDES, L. M. *Jornadas Visuais na Bíblia: Uma Abordagem Criativa para o Estudo Bíblico*. Rio de Janeiro: Editora Inspirar, 2019.

FESHBACH, Norma Deitch. Parental Empathy and Child Adjustment/Maladjustment. In: EISENBERG, N.; STRAYER, J. (Eds.). *Empathy and Its Development*. New York, NY: Cambridge University Press, 1987.

FOWLER, James W. *Estágios da Fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FRAIMAN, Leo. *Educação e desenvolvimento humano: teorias e práticas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2014.

FRANKL, Viktor E. *Em Busca de Sentido: Um Psicólogo no Campo de Concentração*. São Paulo: Editora Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Francel dos Santos Marzork de. *Espiritualidade Educativa em Leonardo Boff: Construção e Sustentabilidade Bioglobal*. São Leopoldo: EST, 2014.

FREITAS, Idelice de Jesus Alves. *A atuação da Pedagoga na Educação Infantil e a Organização do Fazer Coletivo*. São Leopoldo: EST, 2015.

GARDNER, H. *Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences*. New York: Basic Books. p. 15-34, 1983.

GOLEMANN, Daniel. *Inteligência Emocional: A teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GONÇALVES, Josiane P.; EGGERT, Edla. *Estruturadas X desestruturadas: percepções de família entre profissionais da educação*. *Revista Educação em Questão*, v. 57, n. 54, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5639/563965409003/html/>. Acesso em: 5 jun. 2024.

GOTTMAN, John; DECLAIRÉ, Joan. *Raising an emotionally intelligent child*. New York: Simon and Schuster, 1998.

GOTTMAN, John; DeCLAIRE, Joan. *Inteligência Emocional e a Arte de Educar Nossos Filhos*. Como aplicar os conceitos revolucionários da inteligência para uma compreensão da relação entre pais e filhos. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

GRÜN, Anselm. *As fontes da espiritualidade*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GUIMARÃES, R. F.; GODOY, M. S.; RIBEIRO, L. M. *Impacto da COVID-19 na saúde física e comportamental de crianças*. São Paulo: SP, *Jornal de Pediatria*, v.96, n.6, 2020.

HAN, Byung-Chul. *A Sociedade do Cansaço*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. *O Aroma do Tempo: Um Ensaio Filosófico Sobre a Arte da Demora*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2016.

HAY, David; NYE, Rebecca; MURPHY, Russell. Thinking about childhood spirituality: Research and practice. *British Journal of Religious Education*, v. 18, n. 3, p. 140-151, 1996.

HESSE, Haller. *O Lobo da Estepe*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1924.

HILL, Peter C.; PARGAMENT, Kenneth I. *Advances in the conceptualization and measurement of religion and spirituality*: Implications for physical and mental health research. *American Psychologist*, v. 58, n. 1, p. 64-74, 2003.

HOFFMAN, Martin L. *Empathy and Moral Development: Implications for Caring and Justice*. New York, NY: Cambridge University Press, 2000. p. 31.

JÄGER, Willigis. *A onda é o mar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

JANKAUSKAS, Rosi Meri Bukowitz. *Habilidades Socioemocionais na Educação Infantil: Um Convite à Espiritualidade*. *Revista Científica FESA*, v. 3, n. 13, p. 132-139, 2024.

JUNGER, Angela Maria; RABUSKE, Sheila Maria Hesketh; CAMPOS, Luís Antônio Monteiro. *Logoterapia e espiritualidade: recursos noéticos para o discernimento vocacional e intervenção em adolescentes e jovens*. Curitiba: 2021. Faculdade Vicentina - FAVI; Associação de Logoterapia Viktor Emil Frankl – ALVEF. Disponível em: <https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/429/351>.

JUVONEN, Jaana; ESPINOZA, Guadalupe; KNIFSEND, Casey. *The Role of Peer Relationships in Child Development During the COVID-19 Pandemic*. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 62, n. 1, 2021, p. 65-72.

KAHNEMAN, Daniel. *Rápido e Devagar*. Duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.

KING, David. B.; DECICCO, Thomas. L. *A viable model and self-report measure of spiritual intelligence*. *International Journal of Transpersonal Studies*, v. 28, n. 1, p. 68-85, 2009.

KOHLBERG, Lawrence. *Essays on Moral Development, Volume 1: The Philosophy of Moral Development*. São Francisco: Harper & Row, 1984.

KOHLRAUSCH, Simone. *Juventudes e Ensino médio: Competências para quê?* São Leopoldo: EST, 2014.

LEITÃO, Antonilda de oliveira. *Contribuições do Ensino Religioso na Educação de jovens e adultos com perspectivas cidadãs para a sociedade contemporânea*. São Leopoldo: EST, 2012.

LOPES, Leandro de Proença. *Espiritualidade e pedagogia do desejo: um diálogo entre Paulo Freire e René Girard*. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

MARANGUAPE, Francisco Muniz. *Ensino Religioso e os Aspectos Formativos da Pessoa*. São Leopoldo: EST, 2013.

MARINA, Sena; PERES, Mario. *Tratado de Espiritualidade e Saúde: Teoria e prática do Cuidado em Espiritualidade na Área da Saúde*. Rio de Janeiro: Atheneu, 2021.

MAYER, J.D.; SALOVEY, P. *What is emotional intelligence?* In: P. SALOVEY; D. MAZZAROLLO, Gisele. *Espiritualidade e adolescência a partir da disciplina de Ensino Religioso*. São Leopoldo: EST, 2004.

McGRATH, Alister. E. *Christian Spirituality: An Introduction*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 1999.

MELTON, J. Gordon. *O Futuro da Religião: O Novo Paradigma da Espiritualidade*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011.

MENEZES, Carolina Baptista; DELL'AGLIO, Dalbosco. *Por que meditar? A experiência subjetiva da prática de meditação*. *Psicol. Estud.* v.14, n.3, Set. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/6QBFP9YLtTmtMgMhYfFjjNs/?lang=pt>. Acesso: 5 jun. 2024.

MOBERG, David. O. Assessing and Measuring Spirituality: Confronting Dilemmas of Universal and Particular Evaluative Criteria. *Journal of Adult Development*, v. 9, p. 47-60, 2002.

MOLTMANN, Jürgenn; BOFF, Leonardo. *Há Esperança para a Criação Ameaçada?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

NASCIMENTO, Valmir Pontes do. *Do Diálogo Inter-religioso à Construção da Espiritualidade: uma análise de procedimentos em aulas de ensino religioso*. São Leopoldo: EST, 2014.

O CARDUME (temporada 1, ep. 3). *Merlí* [Sériado]. Direção de Héctor Lozano. Espanha: Netflix, Filmax, TV3, 2015.

OLIVEIRA, M. T. *Educação Moral e Religiosa: Práticas e Reflexões*. São Paulo: Editora Educacional, 2013.

OLIVEIRA, Maristela Fátima dos Santos. *Afetividade e Escola: uma relação em construção*. São Leopoldo: EST, 2010.

PARGAMENT, Kenneth. I. *The Psychology of Religion and Coping: Theory, Research, Practice*. Guilford Press. 1999, p. 27.

PAZ, José Luiz. *Narrativas Bíblicas para Crianças: Um Estudo Didático*. Rio de Janeiro: Editora Infantil, p.34, 2012.

PERALTA, José Jorge. *Formação básica para catequistas: pedagogia e espiritualidade: temas para reuniões semanais seguindo a liturgia dominical*. Curitiba: Edições Paulinas, 1965.

PEREIRA, Leila Miranda. *Controle mental ou mente controladora? A espiritualidade no desenvolvimento da inteligência emocional como proteção aos comportamentos aditivos*. São Leopoldo: EST, 2020.

PIAGET, Jean. *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

PIAJET, Jean. *A construção do real na criança*. São Paulo: Ática, 1996.

PIAJET, Jean. *The Child and Reality: Problems of Genetic Psychology*. California: Penguin Books, 1976.

PIMENTEL, Jéferson P. R. *Desenvolvimento da fé e da educação cristã na infância para a formação cidadã da criança*. São Leopoldo, RS: Escola Superior de Teologia; PPGT, 2014. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/525>. Acesso em: 5 jun. 2024.

REIS, Ana Maria. *Comunidade e Fé: A Participação Infantil em Atividades Religiosas*. Belo Horizonte: Editora Religiosa, p.89, 2010.

REZENDE, João Pedro. *Espiritualidade Criativa: O Uso do Bible Journaling*. Porto Alegre: Editora Luz e Vida, 2017.

REZENDE-PINTO, S. *Rituais de Oração na Infância*. Porto Alegre: Editora Espiritual, 2011.

ROBERTS, R. D.; FLORES-MENDOZA, C. E.; DO NASCIMENTO, E. *Inteligência emocional: Um construto científico? Paidéia*, v. 12, n. 23, 2002, p.77-92.

ROCHA, Sílvia Natali. *A importância da família na educação do ser social em interface com o ensino religioso*. São Leopoldo: EST, 2011.

ROSA, Luís Carlos Dallas. *Educar para a sabedoria do amor: a alteridade como paradigma educativo*. São Paulo: Paulinas, 2012.

SANTANA, Marcos Camilo. *O impacto do pluralismo religioso na igreja brasileira: Um estudo de caso*. São Paulo: Editora Pluralidades, 2022.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; ROSSATO, Lucas; SANTOS, Manoel Antônio dos. *Saúde mental, experiência e cuidado: implicações da pandemia de COVID-19*. *Revista da SPAGESP*, Ribeirão Preto, SP, jul./dez. 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702020000200001](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702020000200001). Acesso em: 2 jun. 2024.

SHELDRAKE, P. *A Brief History of Spirituality*. Malden, MA: Blackwell Publishing, p.23, 2007.

SILVA, Daniel Marques; DUARTE, João Carvalho. Sucesso Escolar e Inteligência Emocional. *Millenium*, n. 42, jan./jun. 2012. p.67-84. Disponível em: <file:///C:/Users/Melina%20Wasem/Downloads/8195-Article%20Text-23253-1-10-20160202.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

SILVA, Tatiana Rocha. *Meditação e Espiritualidade Cristã na Infância*. Curitiba: Editora Reflexiva, p.75, 2015.

SIMMEL, Georg. *A Metrópole e a Vida Mental*. Trad. Roberto Schwarz. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 2006.

SLUYTER (Ed.), *Emotional development and emotional intelligence: Educational implications*. New York: Basic Books. p. 3-31. 1997.

SOUTO, Marinésia; BRANDENBURG, Laude Erandi. *Espiritualidade Infantil: uma análise da ceia para criança na igreja batista*. *TEAR ONLINE*, v. 12, n. 2, p. 161-174, 2023.

SOUZA, Beatriz Alice Weyne Kullmann de. *Pedagogia social e teologia em diálogo: a perspectiva de uma educadora social*. São Leopoldo: EST, 2019.

SUNG, Jung Mo. *Educar para Reencantar a vida*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.  
TAYLOR, Richard S. (Ed.). *Dicionário Teológico Beacon*. Editores associados: J. Kenneth Grider e Willard H. Taylor. [S.l.]: Yaushá, [2022]. Disponível em: <https://yausha.com.br/wp-content/uploads/2022/11/Dicionario-Teologico-Beacon.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2024.

TOLLE, Eckhart. *The Power of Now: A Guide to Spiritual Enlightenment*. California: New World Library, 1999.

UGEUX, Bernard. *Reencontrar a fonte interior*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.  
VAUGHAN, Frances. What is Spiritual Intelligence?. *Journal of Humanistic Psychology*, v.42,n.1, p.16-33, 2002.

VYGOTSKY, Lev. S. *Mind in Society: The Development of Higher Psychological Processes*. Harvard University Press, 1978.

WACHS, Manfredo Carlos. *A fé da criança*. Educação e espiritualidade na infância. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2019.

WILLIAMS, Mark; PENMAN, Danny. *Mindfulness: Atenção Plena: O Guia Prático para a Redução do Estresse e a Transformação da Sua Vida*. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2011.

WOOD, David. *Como as crianças pensam e aprendem*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZINNBAUER, Brian. J. et al. *Religion and spirituality: Unfuzzifying the fuzzy*. *Journal for the Scientific Study of Religion*, v.36, n. 4, p. 549-564, 1997.

ZINNBAUER, Brian. J.; PARGAMENT, K. I., & Scott, A. B..The Emerging Meanings of Religiousness and Spirituality: Problems and Prospects. *Journal of Personality*, v. 67, n.6), p. 889-919, 1997.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. *QS: inteligência espiritual*. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Viva Livros, 2020.

ZWETSCH, Roberto E. *Espiritualidade e antropologia: um diálogo com Leonardo Boff*. *Estudos Teológicos*, v. 38, n.2, 1998/2, p. 141-155, 1998. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/755/691](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/755/691). Acesso em: 1 jun. 2024.